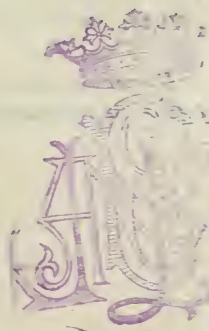
A NATUREZA,

POEMA

POR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1846.

Est animorum, ingeniorumque naturale quoddam quasi pabulum, contemplatio Naturæ.

Cicero.

Opus tam multiplex, tam varium quam ipsa Natura.

Plinio.

Itaque Naturæ majestatem propiùs jam licet intueri, & dulcissima contemplatione frui, Conditorem verò ac Dominum universorum impensiùs colere, & venerari, qui fructus est Philosophiæ multò uberrimus. Cæcum esse oportet, qui ex optimis, & sapientissimis rerum structuris non statim videat Fabricatoris Omnipotentis infinitam sapientiam, & bonitatem: insanum, qui profiteri nolit.

Rogerus Cotes. Præfatio. Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica; Auctore Isaaco Newtono.

A Poesia he hum dom, ou impulsão, que a Natureza dá a alguns Individuos, dom preexistente a todas as regras, porque ellas não são mais, que observações da Natureza perfeita. Este dom se desenvolveo nos primeiros homens com o espectaculo da formosura do Universo. Era hum fogo concentrado, que necessitava de hum choque extrinseco. Entre os Povos, que parecem ser os primeiros povoadores do Globo achamos Poesia. Comsigo a trouxerão do estado natural para o estado social. Acha-se entre os primeiros Hebreos o Cantico de Moisés, he huma Ode sublime. Os Quadros do Livro de Job excedem as mais valentes pinturas de Homero. Os Egipcios cultivárão, e tiverão em alto preço a Poesia. Com as outras Artes, e Sciencias passou á Grecia, cultivou-se, e prosperou. Os Gregos derão regras, e modelos. Forão delicados em sentimento, observárão a Natureza, e desta observação fizerão regra invariavel. O que elles estimárão como perfeito em Poesia, ainda hoje conserva a mesma estima. A idéa do bom, e do bello he invariavel.

Os Romanos conquistárão o Imperio dos Gregos, e o das Sciencias, e Artes. Os Poetas Romanos sobresahem aos d'Athenas. O Seculo de Augusto floresceo como o de Pericles, e o de Alhambra. Todas as cousas humanas estão sujei-

tas a huma continua vicissitude. O Colosso da Potencia Romana cahio porque o opprimia sua mesma grandeza. He efemera a existencia do grande, toca o ultimo ponto, e declina. Cahem os Imperios, e com a corrupção das Leis, e dos Costumes, se mistura a corrupção das Sciencias, e das Artes. O dominio dos Godos foi o da barbaridade, e tambem o da ignorancia. Seguio-selhe o dos Arabes, algum tanto benemeritos da Republica das Letras, conservárão os escritores Gregos, mas adulterados, e fizerão mais esteril, e tenebrosa a Metafisica d'Aristoteles com os seus Commentarios. Em Medicina, Geografia, e Mathematica alguma cousa nos deixárão : em Poesia nada.

Mahomet II tomou Constantinopla, e opprimindo a Grecia afugentou della alguns Sabios dados ao estudo de Platão. Achárão asylo em Florença. Esta expatriação foi a causa directa do renascimento das letras. Bessarion, Calcondyles, ajudárão a Bembo, e a Policiano. Teodoro Gaza foi o primeiro que traduzio Aristoteles em Latim, e apresentou ao Pontifice a traducção maravilhosa do Livro dos Animaes. Despertou do lethargo o amor das Sciencias; e os Sabios de Florença imitando a Petrarcha, desenterrárão do pó das Bibliothecas, os bons Exemplares Gregos, e Romanos. Pogio achou em as ruinas de huma Torre o exemplar de Quintiliano; renascêrão as Letras; cultivou-se sobremaneira a Poesia, e o Pontificado de Julio II e Leão X formão huma Epocha memoravel na historia das Sciencias e Artes.

Vio Italia seus maiores Poetas, e Portugal os

melhores. Para França não foi esta Epocha a mais feliz. Os Poetas que existírão no Reinado de Francisco I e Carlos III não servem aos Francezes nem para Classicos em lingoagem. Mas tudo appareceo grande, e tudo junto (porque os grandes Genios até em differentes Artes todos vem juntos) no Seculo de Luiz XIV. Hombreírão com os Gregos e os vencêrão. Esta verdade he demonstrada a respeito da Poesia Dramatica.

Os Inglezes não podião ficar na obscuridade, depois que para as Sciencias, e Artes lhes abrio novas (e talvez que as verdadeiras) estradas o immortal Bacon. Os Inglezes são Originaes. Neuton descobrio ou o verdadeiro, ou o verosimil Sistema do Mundo: os Poetas procurárão tambem descobrir hum Paiz novo em Poesia, ou aquella Poesia, que a sombra dos Seculos, a corrupção do Gosto, a mania de hum maravilhoso, não só inverosimil, mas absurdo, havião sepultado. Cansárão da enfadonha uniformidade dos Poemas Epicos, todos formados sobre hum mesmo exemplar. A Iliada, a Eneida, a Jerusalem, quasi são hum mesmo Corpo, mas com diversas attitudes. Sahio deste circulo o Genio Inglez, e Milton deu hum Poema, que não tem similhante, nem teve modelo. Com elle vimos que os limites da Poesia erão muito mais dilatados do que se imaginava. Não ficárão aqui os Inglezes. Thompson appareceo com o Poema das Estações, e eis-aqui huma revolução no Imperio da Poesia, como as descubertas de Galiléo, e Neuton a havião feito nos dominios da Filosofia. Conheceo-se a Poesia Descriptiva, e Thompson foi imitado pelos maiores

Poetas da Europa. O bom, e o verdadeiro, de todos se faz sentir, e amar. Conheceo-se então o verdadeiro preço das Georgicas, o mais acabado, e perfeito Poema que nos deixou a antiguidade. Apparecêrão Poemas Didacticos, mas he mais essencial em todos elles a parte Descriptiva. As Estações de S. Lambert, a Agricultura de Rosset, os Mezes de Roucher, os Jardins, e Camponez de Delille, serão lidos, e admirados.

Os Allemães profundos, e vastos, e que são tudo o que querem ser, derão no Genero Descriptivo acabados Poemas; grande Monumento são as quatro partes, ou Estações do Dia! A Lingoa Italiana he para todos os assumptos. Manfredi, Savastano, Betineli, Peligrini, e Trugoni, se immortalisárão na Poesia Descriptiva.

O Enthusiasmo, que he o Constitutivo da Poesia, dilata-se, accende-se, inflamma-se na contemplação das maravilhas da Natureza, e he digna della a magestade da Poesia. Talvez que a sua Origem fôra este brilhante espectaculo de milagres continuos, e reproduzidos. A Filosofia, e a Poesia andárão por muitos Seculos discordes, e não se podia firmar mais solidamente sua alliança, senão dando por objecto á Poesia o Espectaculo da Natureza.

Entre nós ainda não teve este Emprego a Poesia. Ha algumas traducções de Poemas Didacticos. Ora nós os Portuguezes não nos devemos contentar só de dizer aos nossos Patricios o que os Estranhos disserão em suas Lingoas. Não cedemos por certo ás outras Nações no talento da Poesia; ainda ellas jazião envoltas nas sombras Gothicas,

e já nós lhes davamos grandes Exemplos na Epopêa. Depois de renascidas as Letras, tivemos hum Lirico digno de o oppormos a todas as Nações. Chiabrera, Testi, Rousseau, Dryden, não são melhores que Antonio Diniz da Cruz.

Tomei para objecto deste Poema a Descripção das maravilhas da Natureza. *Opus, tam multiplex, tam varium, quam ipsa Natura.* O compasso frigidissimo das estereis, e infecundas regras, com que nos opprimem alguns pedantes, não tem aqui lugar. Com tudo o Poema conserva aquella unidade, aquelle todo simetrico, que se observa na Congerie dos Seres sensiveis. O Espectaculo da Natureza he hum em si, mas vario em suas partes integrantes. Este he o modelo, esta a regra invariavel do Poemá. Com tudo, o Tedio nasceo hum dia da uniformidade; para interromper a monotonia descriptiva, lhe ajuntei continuadas digressões, que dimanão do objecto principal. A cada passo se encontrão reflexões moraes, porque os Poemas devem ter hum fim moral. Este tem por fim estabelecer com argumentos sensiveis, e pela Contemplação das Causas finaes a Existencia de Deos.

Tenho proposto o que fiz; e como não sou Juiz competente do merecimento da Obra, calando-me nesta parte, tiro ao Prologo a porção mais enfadonha.

ADVERTENCIA.

Parecerão sem dúvida a muitos, indispensaveis as Notas neste Poema, e muito mais indispensaveis as citações, porque está cheio de varia erudição de Historia, e Sciencias Naturaes; porém eu não estou em estado de o fazer com exactidão. Tudo compuz de memoria, e tudo são reminiscencias, porque em fim deve chegar hum ponto na vida Literaria em que se não leia mais; nem tenho Livros, nem sei já onde li tanto.

PREFAÇÃO.

A fatal, e continua mortalidade dos Livros, parece, que devia suspender o furor de os publicar: mas os Livros tem a mesma condição dos homens; nascem, vivem, morrem; de huns he mais longa, de outros he mais curta a duração da vida. Ora assim como a huns homens se succedem outros, e os que derão maior brado são substituidos por outros com que o Mundo se dá por satisfeito, deve seguir-se a mesma regra a respeito dos livros; huns adquirem maior fama, outros são apenas conhecidos, e todos vem a acabar; esta he a condição da mortalidade, e das suas obras; se for breve a duração deste livro, outro se lhe seguirá: ao Mundo fica a vantagem da novidade, e a mim a satisfação de ter empregado o tempo, e de ter visto correr deliciosamente as horas dadas á composição de huma nova especie de Poema, não vista entre nós os Portuguezes, e por este debil ensaio elles conhecerão de quanto he capaz a sua lingoa, digna por certo de ser conhecida e estimada entre as mais polidas, e mais dignas de sustentarem a magestade da Poesia. Nenhum Emprego ha mais proprio deste raro talento tão aviltado entre nós, que o pomposo espectaculo da Natureza; e pois existimos em o Seculo da Filosofia, tenha Portugal hum Poema

Filosofico, e se a originalidade he hum merecimento, eis-aqui hum Poema Original.

Prolem sine matre creatam.

EXTASI.

Quantos cuidados os mortaes agitão!
Occulta força o Coração lhes leva
Onde mostra o prazer risonho aspecto!
Aquelle, se hum vislumbre apenas raia
De fagueira esperança, e lhe promete,
O que avassalla o Mundo, o metal louro,
Elle subito corre; os Ceos, os Mares,
As tormentas affronta, e a fragil vida
Fia ás iras do vento, e ao debil lenho.
A' voz, que terna o chama, indocil sempre
Fecha os ouvidos Os paternos láres
Lhe fação claro ver, que em paz tranquilla
Podia repousar; e desde a praia,
A suspendê-lo os pequeninos filhos
As mãos lhe estendão; na deserta area
Fique lavada em pranto a terna Esposa,
A sacra fóme d'ouro ao mar o leva
Achar talvez a morte em clima estranho.
A'quelle agradão do sangrento Marte
As iras, o furor, e a dubia sorte
Do pavoroso frenezim das armas:
Ao ferro nú sem medo expõe seu peito,
E audaz entre as ignivomas bombardas,
Do volante pelouro escuta o silvo;
Tanto póde em seu peito o amor da gloria,
Tanto o desejo de ganhar hum louro,
Da humanidade, da justiça afronta!

A clara fama, o resoante applauso
Do profundo saber, prendem, cativão
Aquelle ás Artes, ás Sciencias dado:
Noites continuas véla, e se consome,
De antigos Sabios as vigilias volve,
E da propria existencia o fio encurta
Para mandar hum Nome eterno, illustre
Aos que inda estão por vir, remotos évos.
Aquelle olhando as purpuras, as honras
Com vista cubiçosa, hum timbre anhela
Com que soberbo, e sobranceiro a muitos
Veja a seus pés submisso o Vulgo insano.
Entre os eclipses de agitada Corte
As prematuras cans cobrem-lhe a fronte;
O pensamento, as intenções previne
De hum caprichoso Despota; seu peito
Ora he rasgado de amargosa inveja,
Ora seu Coração de raiva estála:
Eis perde os dias da melhor idade
Em sombria tristeza, em magoa, em luto
Para chegar ao termo, ainda que tarde,
Da inquieta ambição.
Se amor inflamma
De inexperto mancebo o sangue, o peito,
Se aos doces raios de serenos olhos
O leva envolto em rispidas cadeias,
A que estragos se expõe? Rouba aleivoso
A Adultera de Sparta, inda que os Numes
Irados lhe ameacem ferro, e fogo;
Nem o refreia com tremendo agouro
A Profetiza irmãa; e o passo ousado
Não lhe suspende da fadada Troia
A imminente ruina, o termo acerbo.

Aquelle vendo o pacteado lume
Brilhar na marge opposta em noite escura,
Do infido golfo as agitadas ondas
Rompe afouto nadando; e o Ceo de cima
Com chuveiros o fere; e o mar revolto
Do Sul raivoso nos abysmos fundos
O misero submerge, e extincto o lança,
Impio troféo de amor! na praia nua.
Assim da vida o circulo apertado
Se divide em paixões, e arrastra a todos
Vontade imperiosa. A mim sómente
O maior espectaculo me prende.
No Mundo, alheio ao Mundo, ignoto aos homens,
Surdo á voz d'ambição, surdo aos clamores
Da fama, da avareza, eu gózo, eu tenho
Thesouro a cujo aspecto eis se esvaecem
Os thesouros dos Reis, dos Reis a gloria,
Se mudo, e solitario entre arvoredos
Onde não chega estrepito profano
Que rompa o magestoso alto Silencio
Qu'escolta a Natureza, o quadro immenso
De suas producções contemplo, e vejo.
Se ha na vida mortal prazer sincero,
He este meu prazer, he gloria, he tudo,
Esteio da existencia, emprego d'alma,
Com elle surjo sobranceiro ao Mundo
Se recolhido pensador, e absorto
Medito a Natureza, e as obras suas,
A cadeia immortal, que os seres une
Desde o Ente principio ao verme ignoto.
Tal foi a doce bemaventurança
Que o primeiro mortal gozou primeiro.
Quando os olhos abrio, e os poz na vasta

Campina azul dos Ceos, e os poz na terra,
Anticipou-se a possessão do Elisio,
E em sua alma assomou da gloria hum raio,
Ouvio-se a vez primeira a voz das Musas.
Elle o Vate primeiro, em almos hymnos
Subio ao throno do Immortal seu brado,
Gozou do Paraiso em quanto a vista
Na pintura do Ceo deteve absorto.
E até depois que o pavoroso crime,
A' sua voz, forçou do Inferno as portas,
Embargadas as lagrimas lhe ficão
Nos tristes olhos, se o pomposo, e vasto
Quadro da Natureza hum pouco encára.
Elle Vate me faz, elle me accende
O impetuoso enthusiasmo n'alma,
Unico livro he elle onde medito,
Onde estudo, onde sei; elle a meu Canto
Dá forças, dá vigor, pompa, harmonia,
Elle ao consorcio do Supremo Nume
Neste desterro a estrada me franquea.

A NATUREZA.

CANTO PRIMEIRO.

De hum Deos Omnipotente as Obras canto,
Ellas são prova da existencia sua,
De meus versos serão materia, e termo.
Tu, Soberano Auctor, a cujo aceno
Surgio do Nada a machina do Mundo,
Com teu sopro immortal meu genio inflamma;
Qual outr'ora inflammou Vates sublimes
Celeste inspiração, e as obras tuas
Em Canções divinaes aos Ceos alçárão.
Tu só podes vencer co'a luz que esparges
De meu Entendimento a sombra espessa:
Só ella diviniza, ella levanta
Inculto, debil canto, e tosca Lira:
Só com ella voando o homem dilata
O circulo mortal, e alma levada
No centro do esplendor, com ella encára
Luminosos relampagos, que mostra

De eterna Sapiencia o Mundo impresso.
De belleza immortal hum raio assóma
Nas tuas producções. Tu te retratas
Na inteira creação desde o momento
Em que chamaste do confuso Nada
A vasta Natureza; e que teu braço
Ao tenebroso horror marcou limites.
Então te déstes a ver no ardente rosto
Do Luminar diurno : então lançaste
No Campo azul dos Ceos rotantes Astros:
Tu da nunciada paz tingiste o rosto
Da multiforme côr, listão soberbo!
Na primeira manhãa, nos Ceos a Aurora
Tu fizeste raiar, tu lhe conservas
Alvos Lirios nas mãos, na face Rosas.
Por ti, de vida desprovidos Entes,
Duros penhascos, agras Serranias
Parecem animar-se : em doce aspecto
Mostra os vestigios de teu passo a Terra.
E, onde não fulgura, onde não brilha
Teu raio avivador? Na juba hirsuta
Do generoso Déspota das Feras
Bem te descobre o torrido Africano,
No mosqueado dórso Hircanos Tigres
Sinaes de tuas mãos impressos guardão.
Onde não brilhas tu, se as procellosas
Negras Nuvens rasgadas, se os ardentes
De huma sulfurea luz fulmineos trilhos,
Que com vapor electrico espedação
O tenebroso véo, são teus vestigios,
No horror, na magestade imagens tuas.
Nada posso sem ti. Se teus prodigios,
Da eburnea Lira tacteando as cordas,

Em almos himnos celebrar pertendo,
Em circulo mortal fechado existo,
Onde da humana insipiencia a nuvem
Me rouba objectos mil, que os que me cercão
Quasi infinitos Horizontes guardão.
Tu rasga aos olhos meus negras Cortinas
Que meu rasteiro entendimento ennoitão.
Tu seus vôos dirige aos Céos, á Terra:
De sobr' humana luz seguindo o trilho,
Verei da Natureza as leis, o quadro.
Então nos versos meus, sublime brádo
O Mundo escutará da gloria tua.
E a quem os sagrarei? Delles não digno
He soberbo mortal, inda que aos homens
Mande da paz os dons, da guerra os raios,
E dos caprichos seus os Fados forme
Dos Thronos, e dos Reis: debalde o cinge
Endeosada ambição de palma, e louro;
A dextra poderosa o Tempo alçando,
Na cinza o deixará, ficando apenas
Do Mündo as maldições na campa sua.
Eu consagro meu Canto a ti sómente,
Oh Soberano Architector de Tudo;
São tuas as Canções, que tu me inspiras,
Sejão dignas de ti, e eternas sejão.
Onde existo? Quem sou? Donde principio
Teve esta immensa abobeda brilhante
Que vejo sobre mim? Quem traz nos eixos
Esta, que me sustem, solida Terra?
Quem marca o giro dos ethereos Globos
Q'incessantes nas orbitas caminhão!
Esta a primeira voz, que d'alma rompe
Do mortal pensador. No abysmo, e sombra

Se engolfa, e perde humano entendimento,
Se firmado em si mesmo intenta, e busca
Rasgar o augusto véo do impervio arcano,
Que só Revelação declara aos homens:
O sempiterno Sol de quem reflexo,
Ou sombra he esta alampada do dia,
Da verdade os reverberos brilhantes
Fez luzir no Synái: não me envergonho
De deixar por Moisés, Neuton, Descartes.
Sacro Annalista do nascente Mundo,
O Volume escreveo, que impressos guarda
Da Eterna Sapiencia os Caracteres:
He baze da Verdade a Voz do Eterno;
Delirio os Turbilhões, delirio a força,
Com que attrahidos são globos, e globos;
Impiedade sacrilega o systema
Do Lusitano Hebrêo, que julga eterna
A materia do Mundo, e nella innatas
De eterno movimento, as Leis, a força.
Sobre as ruinas de systemas tantos
Ouço a voz da Verdade augusta, e simples.
« Creou Deos no principio os Ceos, e a Terra. »
Que es, Ente Supremo, e como existes?
Onde morada tens? Onde achar posso
Quem só possa os desejos infinitos
De minha alma abastar? A Natureza
Póde a seu Throno conduzir-me acaso?
E nesta vasta maquina, hum só raio
Da Vista Divinal ficou gravado?
Eia, surge, oh minha alma, as azas toma
E vôa alem do Sol, e pergunta aos Astros
Onde se eleva o Throno Magestoso
Daquelle a cujo assopro elles girárão?

Eis me aparto da Terra, eis se esvaece
Engolfada no ar... Enthusiasmo,
Pára, detem-te aqui, admira hum pouco
Ceo q'outro Ceo circunda, e todos cheios
De immensa luz, reflexo immediato
Da Gloria do Immortal; eu vos saudo,
Claras Esferas, que cercais seu Throno.
Inda me alongo mais: rapido vôo
Mais que a fuga do rapido Cometa
Me leva pelos Ceos, onde não chega
Nem fugindo por seculos hum raio
Do fulgurante Sol. Do espaço eis tóco
A extremidade incognita aos humanos:
A congerie dos Ceos, dos Soes, do Todo,
Hum ponto se me antolha, e brilha apenas,
Qual Aeronauta vê d'alem das nuvens,
Assomar n'horizonte a argentea Lua
Toda envolta do eclipse em véo sombrio.
Da Creação da Natureza toda
Alem do immenso Circulo, seu Throno
Quiz erguer o Immortal. De perto o vejo,
Que a luminosa Fé meus passos guia,
De tanta luz nos raios se esvaece
O Mundo aos olhos meus: pequena Estrella
Assim foge, assim vôa, se no extremo
Limite oriental desponta o dia.
  Sobre este Solio fulgurante existe
O Creador Supremo, e a si se forma
Com sua Eternidade, a gloria sua.
Que vista póde penetrar as sombras
Do nada em que o Senhor continha o Mundo?
Eis onde pára absorto o Entendimento,
E a Sciencia mortal se cála humilde.

Da confusa razão fragil compasso
Não chega a medir tanto... O Eterno falla;
O Nada lhe ouve a voz, e o Nada he Tudo.
No vacuo sempiterno onde brilhava
Astro Divino, e só, eis repentinos
Astros brilhão sem numero, e se agitão;
Quaes pelo fertil campo ao vento ondeão
As pállidas espigas, taes os Mundos,
A' voz do Eterno Ser se avanção promptos,
Parão a ouvir-lhe a Lei, escutão, voão,
E nas prescriptas orbitas se movem
E sempre moverão, que a Lei subsiste
Té que á Voz do Immortal suspenda o Tempo
As nunca froxas, incansaveis azas.
Já mil constellações no espaço brilhão,
Dá-lhes lugar o Eterno, e nelle existem.
Brilha aqui Berenice, alem nas frias
Plagas do Norte, as Ursas não banhadas
Nas inquietas ondas do Oceano,
São fanal ao Piloto, e Pólo á Terra.
Na parte opposta a fulgida Coroa
No Americano Ceo fulgura accesa.
O brilhante Zodiaco se avança,
Traz mil Astros no seio, e n'hum momento
Pelo espaço s'estende, o espaço cinge,
No immensuravel ambito, que fórma,
A luminosa estrada aos olhos mostra
Do infatigavel Sol. Os Ceos, o Espaço,
Já fazem pompa de immortaes thesouros,
E o Sol inda não tem, inda do Nada
Não sahe da luz o Centro, Autor do dia.
Mas soa a Voz Eterna, o Sol se avança;
Traz n'huma nuvem d'ouro a frente envolta,

Rasga-se, e brilha, no inflammado seio
Do Firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa, ao longe os Globos
Mais fulgurantes, mais accesos girão
Pelas marcadas orbitas diversas.
Hum lentamente absorve a Ellipse immensa
Em mais remoto espaço, em Ceo mais alto.
Outro proximo ao Sol, o espaço corre
Com mais forte impulsão, rapido vôo.
Corre a Terra tambem sombria, e triste,
Dos Globos segue a Lei, seu móto he vario,
E marca as Estações. Tu foste, oh Terra,
Das vistas immortaes objecto, e termo.
Vence-te ao longe o frigido Saturno,
Em grandeza, em satellites, em tudo
Tu és menor, que Jove, inda que Marte,
Mas os Astros, os Ceos te invejão todos.
Que portentoso quadro se offerece!
Sobre esta massa nua, Astro sem luzes
Onde aspecto uniforme, e mudo, e frio,
Só té agora reinou, já reina a vida.
Rasga-se hum pouco o seio, o mar fluctua.
Da plana superficie os montes surgem,
A magestosa fronte ás nuvens sóbe,
E no ether s'esconde, e delles rompem
Soberbos rios, que engrossados correm:
Cavando vão profundo, e vasto leito
Longo tempo na terra, aos turvos mares
As ruinas do globo, os restos levão.
No revolto Oceano, onde hoje as ondas
Furiosas mugindo aos ares sobem,
Quaes montanhas d'espuma onde hoje os Ventos,
Como implacaveis Déspotas pelejão,

A paz então reinou, Zefiros meigos
Pelos ares subtis equilibrados
Da liquida planicie a face encrespão,
Conduz seu doce assopro as salsas ondas,
Tocão brandas na praia, e brandas fogem.
Da Terra a superficie se povôa
De vicejantes pampanos; e correm
Lambendo o tronco ás Faias, e Avelleiras
Regatos que murmurão; fresca relva
Lhes borda as margens, e as mimosas flores
Ao ar elevão calices brilhantes:
Ondeão brandamente as louras messes,
Cobrem-se os montes de tufados bosques
Qu'o claro Sol vedando, entornão sombras,
Descobre-se fecunda a Natureza,
E, cheia a Terra de thesouros tantos,
Digno Templo apresenta ao Ser Eterno.
Eis hum novo prodigio: os Ceos risonhos
Divisão nova scena, e novo objecto,
Na Terra tapizada de boninas
Surgem Seres organicos, e nova
No local movimento a vida mostrão,
A fórma he varia, o numero infinito.
A formosura, o talhe, o gesto assombra,
O soberbo Quadrupede campêa
E bate a terra, e corre impetuoso,
O ignorado reptil seu corpo arrastra
Com tortuosas voltas complicadas,
Leves azas despregão brandas Aves,
E a diverso elemento o Corpo entregão.
Segue-lhe o vôo matizado Insecto,
Insano atrevimento! e cahe prostrado!
De nada vale a côr, que as azas vestem.

O mar profundo, e vasto os Peixes cortão,
E dos Rios nas ondas cristallinas
Mais mimosos alguns mergulhão ledos.
Entre os Seres organicos, que tomão
Lugar, que a Lei na creação lhes dera,
Inda aos Ceos não levanta a fronte altiva.
Humana Creatura, inda debalde
Pelo terreno alvergue os Ceos fitavão
Avidas vistas, que o Monarcha buscão.
Eis subito apparece, e sobre o Globo
Movendo os passos magestosamente,
Seu poder annuncia, e Sceptro empunha.
Na frente ingenua e livre hum raio assóma
De substancia immortal, ressurte viva
Dos olhos seus Celeste Intelligencia,
Pelos labios de purpura desliza
Doce brando surriso: os Entes todos
No Mortal pensador seu Rey conhecem:
Mas Copia, e não Rival do Auctor Supremo,
Qual no Libano a Palma a par d'hum Cedro
Qu'os altos troncos pelas nuvens mette,
Ethereo assopro a maquina dirige,
Assopro animador, simples, activo,
Qu'ha de sempre existir, substancia pura,
Pensa, prevê, recorda-se, reflecte,
N'hum ponto sobe ao Ceo, n'hum ponto desce,
E se entranha no abysmo. He vida sua
Perenne cogitar. Preso à materia
Na mesquinha prisão rasteja o Eterno
Té que solto huma vez, retorne aos Astros,
Tal foi do braço do Motor Eterno
Ultimo esmero, maravilha extrema
A Creação findou; entra em repouso

Não cançado o Senhor, na imagem sua
A si mesmo se vê, se apraz da vista.
O Quadro d'Universo o mostra aos olhos,
Tudo reclama hum Deos, tudo o publica,
E desde o berço ao tumulo do dia
Astros, a Terra, os Ceos, brádão que existe.
Deo Leis á Natureza, e as Leis subsistem;
Materia, Espaço, Movimento, e Tempo
Pende do aceno seu. Co'a voz sómente
Tirou do Nada a maquina do Mundo;
Invisivel, presente, abrange o Todo,
He sua duração a Eternidade,
Deste circulo eterno, o Centro he tudo,
E os limites se escondem no infinito,
Produz a seu sabor a tempestade,
O mar amotinado acalma, e enfreia,
E seus Decretos immudaveis guião
Do raio estragador, rodeio, e golpe.
De seu imperio á voz, morrem, renascem
O dia, a noite, as estações, os annos,
Só elle esmalta nos viçosos prados
A tenra flôr, encurva, e doura as messes,
Elle no rico Outono aos doces fructos
Perfeita madurez, sabor reparte,
Abasta, aformosea a Natureza:
Desde o vasto Elefante ao verme humilde,
D'Aguia volante ao paludoso insecto,
Do Monarca ao Pastor, tudo respira
Ou tudo se confunde, acaba, e perde
De sua frente ao magestoso aceno.
Do Enthusiasmo férvido nas azas
Vôa agora, oh minha alma, e a vista accesa
Por este Quadro extatica apascenta.

Foi-te dada a razão, discorre; observa
Este insigne espectaculo do Mundo.
Olha a que mostra os Ceos diurna Estrella
Que as variadas Estações nos marca,
Cujo calor benefico alimenta
A habitação terreste. Este Planeta
Cujo doce clarão transforma a noite
N'hum quasi dia pállido, e sereno,
Continua successão de luz, e sombra,
Que aos mortaes o trabalho, o sono íntima
A infatigavel Terra, e sempre varia
Nas suas producções. Eternas fontes
Que borbulhão do Centro, ao Centro voltão.
O mar que ha tantos seculos respeita
Na molle arêa os terminos escritos;
De brutos animaes tão varia especie;
Do humano Corpo a maquina pasmosa,
Em todos rosto igual, diverso em todos;
São de inerte materia acaso as obras?
Tal principio em si mesmo o Crime encontra,
E neste abysmo o Incredulo repousa:
Ousado o atacarei, presta-me as armas
A mesma Natureza. A Voz do Eterno
Nella se faz ouvir, e he delle a prova.
Em quanto os brutos animaes só fitão
Debruçados na Terra os olhos nella,
Contempladora vista aos Ceos levantão
Só por mandado do Immortal os homens.
Eu descubro estes Ceos, eu vejo os Astros,
Do braço omnipotente obra primeira.
Portentosa extensão, continuo vôo
Pelo fio de seculos immensos
Não te chegára aos terminos, que a mente

Mal te assignala nos confins do Nada.
Em ti milhões de fulgurantes globos
Caminhão sem obstaculo guardando
Invariaveis Leis. Certo o momento
Tem de mostrar-se, de esconder-se á vista.
Que pomposo espectaculo! Descubro
Astro, que vibra luz, que fórma o dia,
Estrella immobil, que menores globos
Prende em seu Turbilhão, e a Luz lhes manda,
Inextinguivel Formosura! A Terra,
Quando tu surges, vive; e se te escondes,
Então da triste noite os véos sombrios
De luto melancolico a circundão.
Assim meus olhos julgão, mas a mente
Guiada d'outra luz te julga immobil
Massa abrazada, pelago profundo
De fogo liquidissimo, que apenas
Aponta n'horizonte a Luz entorna
De multiforme côr, que os véos levanta
Ao Quadro encantador da Natureza.
Oh fulgurante Sol, figura, emblema
Do immortal esplendor! Nelle se mostra
Seu immenso Poder, Bondade Eterna.
A chamma ardente, e pura o Mundo aclara,
Ao Cáos mostra o rosto, o Cáos foge,
Co'a inextinguivel força aviva os Entes
E purifica os Elementos todos.
Do Sempiterno Artifice de tudo
He copia seu clarão, dardeja os raios
Do vasto espaço aos ultimos limites,
Pelos ares diafanos se espalha,
Chega do mar ao fundo, e chega aos Astros;
He seu calor a fonte nunca exhausta

Dos thesouros, dos dons que a Terra ostenta;
Mil dadivas lhe envia, e não recebe
Da Terra galardão. Renasce, e vive
A Natureza amortecida, quando
A's cavernas do Polo o inverno foge,
E do throno dos ares desce á Terra
A Primavera envolta em rosea nuvem,
Sente-lhe a força a seve amortecida,
Plantas, arbustos, arvores abrolhão.
Tal o Supremo Ser, só de si mesmo
Se nutre, se sustenta independente,
No Throno eterno triumphante sempre,
Do tempo afronta a sanha, e quebra a fouce.
Do fogo que despede a copia ingente
Não lhe enfraquece a força igual, eterna,
Tão luminoso brilha, e ferve agora
Como ardeo, fulgurou no instante, e dia
Em que acodio do Nada á voz do Eterno.
Ergue, se os olhos acredito, a frente,
E os inflammados Horizontes corta
Sempre em diverso ponto, ou nasça, ou morra.
Contínua successão da noite, e dia
Publica sabias Leis, a Natureza
Reconhece a impulsão, a voz escuta
De seu Supremo Auctor, o Sol lha entende;
Dond' hoje solta a rapida quadriga
Não s'avança amanhãa sem que transponha
Entre os prescriptos terminos a meta
Onde deve chegar, se acaso a toca
Volve outra vez seu coche ao pólo opposto.
No ether liquidissimo presente
A irresistivel mão que o traz seguro
Pelo espaço da Ecliptica brilhante,

Depois de tantos seculos conserva
Inexhaurivel luz, e o fogo ardente.
Do frigido Saturno o ingente globo,
Seu annel, seus satellites, recebem
Delle o calor, a força attraídora,
Qual sentírão no instante, em que do inerte
Nada o tirára o Braço Omnipotente.
O diluvio ardentissimo de fogo
Que o Sol então lançou ind' hoje entorna,
Não lhes falléce a chamma abrazadora,
Que sahe do centro liquido do vasto
Oceano de Luz. Foge a meus olhos,
Oh quimerica hipothese da Escola
Rival de Athenas, das Sciencias fóco,
Do Joven Macedonio obra que guarda
De Pompêo, de Cleopatra os despojos;
Calcão pés o sepulcro, a vista o ignora,
Qu' o tempo estragador profana, e gasta
Até ruinas! Sujeitaste os Astros
A ter por centro de seu giro a Terra.
Dentre os gelos Sarmaticos hum Sabio
Volve os olhos áos Ceos, co'a mente sóbe,
Encara os penetraes da Natureza,
Salva d'opprobrio a alampada do dia.
Do fantastico imperio despojada
A Terra, já Planeta, e Globo errante
Gira, tornêa o Sol, e igual aos outros
Tristes Globos sem luz no espaço ondêa.
Do Planetar Systema em que existimos
Se julga o Sol luzente immobil centro
Depois que Galileo dissera ao Mundo
Os segredos que á sabia Natureza
Arrancára, rompendo a Sombra espessa

Que a mente dos mortaes té li cobríra,
E se os profundos calculos não mentem
Do assombroso Britano, que aos Planetas
(Ousadia sublime!) as Leis promulga.
Sonha, inventa animoso oppostas forças,
Da fuga da tangente os Globos tirão,
E a curva regular descrevem sempre,
Dá-lhes por centro o Sol, e o Sol abrange
Dentro em seu turbilhão Astros menores.
Mas ah! que hum vôo extatico me leva
Inda acima do Sol. Daqui descubro,
Ou se me antolha que diviso a Terra,
Como n'hum prado estivo o insecto acceso
Girar no espaço azul, pequena, e muda,
Ou tu, da Terra habitadora, Alcipe,
De quem me lembro só, de quem contemplo
No compassado scintillar dos Astros,
No magestoso móto a imagem viva
De teu suave angelico semblante!
Do carcere corporeo inda não solta,
Minha alma deixa a Terra, ousada vôa,
Do pensamento rapido co'as azas
Transponho os claros Ceos, transponho os Astros;
Attende ao que medito envolto dentro
Do turbilhão dos lucidos Planetas,
Donde atrevido indagador alongo
Sobre espaços incognitos a vista.
Cégo! Que apraz cuidar, que os Sóes gravados
Por todo o esmalte azul a cento e cento
Sirvão só d'espargir (mortal soberba!)
Inuteis, sem vigor, languidas luzes,
Quando a noite serena os Astros mostra
No desdobrado véo, vasto, infinito? . . . .

Acaso os semeou do Eterno a dextra
Na escura solidão do vacuo immenso
Só porque as roupas lugubres recamem
Da noite muda e triste? Oh sempre incertas
Conjecturas mortaes! Póde ignorante
Não polido Pastor, que vê do tronco
D'alta Faia assombrar co'a frente ao longe
Nobre Cidade as nuvens enroladas,
Julgar inhabitado, e solitario
O pomposo espectaculo que avista,
E povoado o misero Tugurio
Onde do Inverno inoperosos dias
No seio passa da Familia inerte?
Se inda, Alcipe, te lembras, que a meu lado
Cansada do fervor d'árido Agosto,
Já quando posto o Sol, bafagem doce
Humedecia, amaciava os ares,
Sobre a relva odorifera encostada,
Pelo quadro gentil da noite umbrosa
A saudosa vista apascentaste,
Se inda presente estás, que as mudas horas
Do repouso enganei filosofando;
Tu não ignoras, te diss'eu, que o mesmo
Quadro, que a Lua aos olhos te offerece,
Ora que em coche argenteo as sombras corta,
Tal della te mostrára o terreo globo,
Qu'o peso de teu corpo opprime, e honra.
Elle errante tambem, e ao Sol opposto,
Ora todo illustrado, e logo em parte
De igual figura, e giro similhante
Tambem manchas analogas lhe víras
Quaes vês na Lua fluctuantes rios,
Ilhas dispersas, mares, promontorios;

E não será d'habitador estranho,
Qual este observas, povoado aquelle?
Finge diverso clima, e té afigura
Vapor mais denso, ou raro, outro diverso
Palpitar de pulmões, e fórma estranha,
Em carcere mortal pensar qual pensas
Alma d'ordem sublime em fragil corpo,
Qu' inda que quanto esconde a Natureza
Que calcule da Terra a marcha incerta,
Qual tu de seu Planeta a marcha indagas,
Qu' outra Alcipe haja alli, e outro Poeta! . . .
E que não póde o braço omnipotente
Do Eterno Animador, se novos Mundos
Elle póde crear, mandando ao Nada
Qu' encha d'Astros o Ceo, de Luz os Astros!
Se extasiada fantasia póde
Publicar teu poder, teu nome, e gloria,
He este o Himno da Grandeza tua,
Sempiterno Motor: se o peso immenso
A' mesma fantasia encolhe as azas,
E ao pensamento ousado o vôo encurta,
Globos que o Mundo Planetario formão,
Qu' os já passados Seculos não vírão,
Qu' Herschel não póde achar, qu' Holbert descobre,
Qu' os immensos periodos não podem
N'hum seculo acabar, qu' errantes girão,
E deste immobil Sol recebem luzes,
E outros Astros não vistão, que recebão
D'outros Sóes o Clarão, Astros que sejão
De pensadores Entes domicilio,
Qu' adorem como nós, e incensos queimem
Ao Sempiterno Auctor que rege o todo. . . .
Oh sublime delirio! A Mente accesa

Rompe os estreitos circulos, que ao Mundo
A núa, e simples vista lhe assignála
Tantos Astros, e Sóes, tantos Planetas
Da vida habitação, qual gira a Terra,
Muito atrevida idéa! A Magestade
Com que em si mesma esconde a Natureza
Seus misterios, seus dons, me assusta, e prende,
Não te pareça que debalde, e inertes
Brilhão dispersas, lucidas Estrellas
Pelos nocturnos Campos azulados;
S' este mesquinho Globo alvergue fosse
Da nobre Imagem divinal sómente,
Ah! quam mesquinho globo, inda que aos olhos
Da vaidade, e ambição vasto appareça!
Pois quasi confundido, e quasi ignoto
Correndo vae no Ceo, qual vai d'area
Pequeno grão rodando em ar vazio
Nas leves azas, rapidas do vento,
Do calmoso Verão nas longas tardes,
Assim gira, assim corre, ignoto, e escuro
Entre maiores lucidos Planetas.
Oh soberbo mortal, jámais te abastas
De grandeza, de titulos, de gloria,
Chega teu Nome embora ao tardo Arcturo,
Onde o gelado habitador divide
Grosseiro pasto com medonhos ursos;
Da tua gloria, dize-me, que sabem
Da Libia adusta as torridas arêas?
Triumphador Exercito te siga
Antes qu' hora suprema o Regio Manto
Metta nas urnas sepulcraes; conhece
Quam pouco avultes no fastoso, e rico
Marmoreo Paço, iguoto a Bactro, a Thule,

Aos longinquos Antipodas ignoto,
E inda a tantas Nações. Hum ponto occupas
Na Terra que tu vês : átomo apenas
No interminavel ether vagabundo,
Onde outros Astros rapidos se engolfão
Distantes entre si, remotos tanto,
Qu' ao pensamento as azas se afadigão.
Ah! que me alongo mais! Descubro ao perto
Froxamente movendo-se a tardia
Do frigido Saturno ingente móle;
Pararias atonita, se ousáras
Calcular, e medir o espaço immenso
Que de ti me divide, e em que elle gira,
Em seculos, e seculos não fôra
Inda proxima aqui bála que accesa
Parte do bronze militar, que o mesmo
Incalculavel impeto levasse,
Com que toando sahe, e os ares corta.
Eia, escalda-me a viva fantasia,
E tanto pódes que dos igneos olhos
Vibras em torno electricas faiscas,
Que involuntario o coração me tocão,
E desusada chamma á mente emprestão.
Segue-me o vôo, que animoso estendo
Inda alem de Saturno, alem dos tardos
Fulgurantes Satellites, que o seguem.
Do Sol o imperio deixo, e toco ousado
Alem d'Urano os terminos da Esfera.
Impenetraveis véos se rasgão, novas,
Brilhantes scenas, se me avanço, observo.
Tal te succede, Alcipe, quando deixas
O asylo encantador, onde do Estio
Passas tranquilla os fatigantes dias

Vendo correr o Tejo, e não salgado,
Se em dourado Baixel vens manso, e manso
Rompendo a vêa das ceruleas ondas,
Que pouco a pouco a desigual marinha
Começas d'observar, e a ruiva arêa
Onde ainda vivos prateados saveis
Lança contente o Pescador insomne,
Subito o Tejo aurifero espraiado,
E largo, e fundo, e procelloso, e turvo
Como assombrada vês, volvem-se ondadas
Nos altos tópes flammulas ligeiras
De velivolas Náos, mais denso hum bosque
Já vês de perto, na ferrada proa
Jaz mal seguro o descórado medo
Do Mercador avaro : em tanto objecto
Os teus olhos attonitos se perdem;
Se cruzáras a foz, víras a immensa
Perdida n'horizonte azul planicie;
E na vasta extensão, perdida, absorta
Julgáras ter tocado o termo ao Mundo.
Tal he d'alma a illusão, inda s'estendem
A mais, e mais os terminos do Globo.
Assim meu pensamento, se desprega
As livres azas no estranhado espaço,
Vê novos Astros, rubidos Cometas
Vagando por excentricas ellipses:
Outra Esfera, e Planetas, e outro Pólo
Eu vejo, e perto do abrazado Sirio
Ouço o latido, sinto as enroladas
Chammas das fauces horridas rompendo.
Mas qué delirio! He Sol mais rico, e farto
De luzes, que esse Sol, que a Terra aclara;
E que visto de cá, parece apenas

Sem fogo, Estrella turbida sem luzes,
Sem quadriga, sem rapidos Ethontes,
Quaes tû da Terra vês no espaço as outras.
Inutilmente te afadigas; junta
Novas cifras a calculos eternos,
Não medirás o espaço indefinito
Que de ti me separa, e de tão longe
Inda te fallo, escuto, inda te vejo;
Tal he d'alma o poder! Substancia ethérea
Que nos caducos véos inda envolvida
Da origem se recorda, inda conserva
Hum habito divino, e só n'hum ponto
Sem mudar de lugar, gira volante
Se muda o pensamento: ella nas tristes
Casas penetra da espantosa morte:
Quebra os ferrolhos de diamante, e dentro
S'entranha nos abysmos, e retorna
A vèr de novo o Ceo. Do Hidaspe, e Gange
As margens corre, pelos Reinos vôa
Da molleza, e d'orgulho, e vai mil vezes
Passear sobre o Iris, e contempla
Desde o curvo Listão, da chuva, e gêlo
Os immensos depositos, e logo
Nas igneas azas do trovão ruidoso
Desce, e correndo no sulfureo trilho
O raio segue sem temor, e pronta
Nas ondas se mergulha, e busca, e mede
O fundo escuro d'Oceano ondeante,
As nuvens fende intrepida voando,
Mais longos dias, vagarosos annos,
D'outros Astros na Esfera, indaga, e conta.
Feliz aquelle, que ao mordaz cuidado,
A mil pezares turbidos dest'arte

Se souber esquivar, e mais ditoso
O que das cousas conhecer as causas
Pondo abaixo dos pés o Fado, a Morte!
Porém não julgues, que a mais longe ainda
De ti não possa retirar-me : he Sirio
A mais chegada a nós, mais clara Estrella
De quantas o ceruleo esmalte bórdão.
São milhões, e milhões, conta-as se pódes
Distantes entre si quanto he distante
De Sirio o nosso Sol; e tu conheces
Qu' immoveis centros são d'opacos globos.
Não as vírão Timócares, e Hiparco,
De Pitheas os calculos falhárão.
A vista lhes tapou nevoa sombria
Qu' em seculos depois rompeo o acaso.
Dos Ceos correr a estrada incerta ousárão,
Porém quaes Nautas timidos, que ao longo
Da praia as Náos velivolas guiavão,
Antes que vissem, que incessante o Pólo
A sympathica pedra lhes marcava
A não banhada estrella n'Oceano,
Ella immóvel fanal, que a novos Mundos
A vereda aclarou. De Grecia, e Roma
Foi muito froxa a Luz : globos não vírão
Que tu só, Galileo, d'Urania filho,
Tu, brazão do Saber, de ti sómente
Discipulo immortal, mostraste ao Mundo
Vagando pelos Ceos, nos Ceos mais Astros
Aos olhos, quasi incredulos, mostraste.
Qual de Liguria intrepido Argonauta
Derrota não marcada abrio nas ondas
Ao Mundo descobrindo hum Mundo ignoto :
Ao denodado navegante mostrás

Té alli não vistos Astros, e com elles
Abre o trilho no mar. Por elle, oh Gama,
Tu puderas melhor o aspecto horrendo
Hir ver d'Adamastor, sem que tão feras
Arrostasses horrisonas tormentas
Sobre as adustas praias Africanas;
Cortarias ao largo o intacto Oceano,
Mas para abrir as recatadas portas,
Puniceo berço da rosada Aurora,
Pòde màis teu valor, que os Astros pódem.
  Lembrem-te agora, se te assombras tanto,
Do pomifero Outono alegres dias,
Quando ao descer do Sol te apraz sentar-te
Na hervósa margem do espelhado lago
Qu' os loureiros fatidicos assombrão;
Se os nadadores peixes á porfia
Queres chamar do fundo ao lume d'agoa,
Hum pomo então lhes lanças de repente,
Batido o cristal liquido se fórmão
Naquella parte, e nesta esferas cento:
Taes espalhados no grão vacuo eterno,
Solitarios Planetas vão rodando,
A quem dá leis no centro immobil Astro,
Qu' aos contornos da Esfera a luz espalha;
Tantas constellações d'Estrellas tantas,
Ou deo-lhe nome fabuloso Egipto,
Ou deo-lhe fama a Grecia aduladora,
Eternizando os inclitos serviços
Do Touro agricultor, Capro fecundo;
S'em Athenas, Alcipe, então vivèras
Talvez Electra só não fòra aos Astros.
Mas á Esfera solar já volto as azas;
A frente recolhida, immoveis olhos

Bradão que volves pelo centro d'alma
Dubias idéas, vastos pensamentos,
Debalde intentas perguntar me . . . eterno
Silencio, escuridão, no seio esconde
Tudo qu'alem do espaço a mente anhela,
Barreiras á mortal intelligencia
Não superaveis, não ; e alem não chega
Batendo o tempo as azas, e as fechadas
Portas, em gonzos de diamante, eternas,
Fazem tornar atraz, confusa, e muda,
Livre imaginação, que aos Astros vôa :
Inexperto desejo em vão s'inflamma,
A sede não lhe estanca o pronto engenho,
Nem o nocturno folhear dos doctos
Volumes, que deixára, ou Grecia, ou Roma,
Doce conforto da existencia minha :
Tu pódes, se te apraz, das grossas nuvens
Saber a formação, saber as causas :
Co'as forjas atinar do acceso raio :
Porque tardo se môva o frio Arcturo,
E porque tanto com fulminea espada
Ameace Orion. E acaso entendes,
O que era, o que existia, quando os Seres
Não tinhão acodido á voz Suprema
Do Eterno, que os chamou ! Bradou-lhes, logo
Ante seus olhos subditos se mostrão,
Nada sendo até alli : mas que existia
Onde ora alpestre monte a espadua eleva ?
Onde s'espraia o mar, ond' hoje he terra ?
Onde o sereno Ceo s'arquea aos olhos ?
Onde ródão os Orbes, qu' os ethereos
Campos enchem de Luz ! Qual tu ficáras,
Se no Dedáleo Labirinto entrasses,

De volta em volta errando, aos mudos troncos
Perguntáras em vão, tu não souberas
Co' a vareda atinar : tal me pareces
Que confundida, attonita vagueas
Co' o pensamento pela noite, e vacuo
Immenso, indivisivel, onde existe
Tudo o que vês nos Ceos, e vês na Terra.
He Deos sómente, he Deos que encerra, e fecha
Dentro em si mesmo o duplice hemisferio,
Dentro da sua immensidade existe.
Eia cansado de lutar co' as sombras
Pelo disco do Sol desfiro os vôos,
De novo córto as orbitas aos Astros,
Atraz deixo Saturno, e Jove, e Marte,
Improviso clarão meus olhos fere :
Não ressurte do Febo; o Ceo brilhante
Não guarda os Astros lucidos sómente
Qu' a nossos olhos subito fulgurão
Quando a noite desdobra o véo sombrio.
Quem póde assignalar limite, ou termo
A's producções de Artifice Supremo?
Eterno Creador d'immensos Corpos,
O espaço povoou, torna mais bello
Dest' arte o claro Ceo, e eterno Campo;
Eu vejo rubro pavoroso rosto
Do turbido Cometa, he Astro errante,
A massa, o peso analogo ao dos Astros,
Mas a carreira não, gira constante
E não he centro o Sol do giro incerto.
Só visivel a nós, se o ponto marca
Do grão circulo seu proximo áquelle
Qu' em torno ao Sol descreve o terreo Globo.
Assim longos periodos renova-

Do Ether pelo Campo interminavel,
Eu não deliro, não, que Estro divino
Se diz, que o peito aos Vates senhorêa,
E se até agora incognito o Comota
Foi do Portico ao Mestre, ao d'Estagira,
E a quantos o Tamiza, o Sena honrárão,
Cassini, Galileo, e a ti La Place,
Talvez não longe da verdade as azas
Desfira o Vate extatico, que vôa
Inda alem dos confins, onde não chegão,
Oh sabio Halley, teus calculos, teus vidros:
Se cada Estrella he Sol, e he centro a muitos
Rotantes globos, que descrevem giros,
Porque do immobil Sirio, ou d'outra Estrella
Proximo ao Sol, passando algum Planeta
De centro remotissimo, qual vemos,
Qu'em nosso Turbilhão se agita Urano,
Não seja o Astro que se diz Cometa?
Ao Sistema Solar corpos estranhos
Na marcha irregular diverso Centro
Da Ellipse, ou da parabola descobrem,
Mas tem constante volta, em doctas folhas
Halley a aponta aos Seculos futuros.
Volve-se o Tempo, o excentrico Cometa
Apparece nos Ceos co'o rosto acceso,
Se alguma vez os Calculos desmente,
Se a nossos olhos foge, eia não culpes
De indocil o Cometa, a grossa nuvem,
O ar sombrio, e denso, os aureos raios
Do luminoso Sol á vista o furtão,
O torvo rosto, a Clina afogueada
Da luz he refracção quando de Apollo
Pela atmosfera do Cometa os raios

Prontos se quebrão : coruscante aspecto
Ao pensativo Astronomo se mostra
Effeito natural, prodigio ao vulgo,
Da Natureza nas eternas obras,
Volvem-se ás outras producções coevos.
E acaso julgas que o Cometa errante
De estragos precursor se mostre ao Mundo?
Que desta áquella mão transfira os Reinos?
Que dê de Babilonia o Sceptro a Ciro?
A Alexandre o Oriente, a Roma o Mundo?
Que retalhe de Roma o Imperio immenso?
Que faça, que em Farsalia, o Sogro, o Genro,
(Tumultoso par!) disputem o Globo?
Da exterminante guerra não são elles
Os precursores horridos sómente,
Dos homens a ambição, o amor da gloria,
A avareza, o rancor, este o Cometa,
Que muda a face ao Globo, o sangue entorna.
No seculo que finda tu não viste
Nua nos Ceos a espada ameaçadora,
Qu' hum pregão do furor se antolha ao vulgo,
E tu vês fumegar de sangue hum rio,
Pular no cadafalso immensas viste
Inda tintas em sangue augustas frentes;
E sacodindo açoite viperino
Vês outra vez Tisifone, do Inferno
Aos brados d'ambição sahio furiosa,
Nas margens do Cocito hum pouco havia
Que fôra repousar, deixando as Cobras,
Toucado horrendo da empestada grenha,
Que na sulfurea linfa as fauces molhem,
Ergueo a frente, os Aspides silvárão,
Quando rasgadas as Tartareas sombras

Das fauces d'hum volcão se lança ao Mundo;
O dia qu'a sentio, se muda em noite;
Com bramidos horrisonos a terra
Sente o peso do Monstro, e em si vacilla,
Mais grossos turbilhões de fumo, e chamma
As montanhas ignivomas lançárão;
O Gate, o Tauro, o Caucaso tremêrão;
Tapa co'as azas os purpureos ares,
Sobre os Alpes afroxa o vôo, e pousa,
Abre com ferrea mão de Jano as portas,
E o pavoroso manto desabrocha
Qu'ao peito lh'atão Cobras verdenegras.
Delle derrama a peste, a fome, a guerra,
Juncados de cadaveres os campos,
Estranha vista! subito ficárão.
O Danubio d'hum lado, e d'outro o Sena,
Correm tintos de sangue, o mar s'espanta
D'ouvir contínuo os horridos rebombos
Dos vulcaneos trovões: ficão cubertas
De tristes restos naufragos as praias;
Corre sanguineo o Rhodano espumante,
O Rheno de pavor se volve á fonte,
Rompentes esquadrões pisando o gêlo
Trazem do frio Pólo a guerra, a morte.
Nunca o Pó velocissimo, que as agoas
Sente engrossar co'a neve, que nos Alpes
Descoalha o Sol, tão rapido procura
O Adriatico mar, como furiosas
Da gelada Finlandia as Hostes correm
A vêr do Tibre a margem não guerreira.
Espantosos trovões das éneas boccas
S'ouvem bramir de Titiro nos bosques,
Crestou-se o louro, que enramava o ninho,

Onde nasceste, Mantuano Cisne,
Nem tu pódes suster de Marte a sanha,
Tu que pudeste, oh Musa, até da Morte
As iras quebrantar, e as Leis do Averno,
Dando outra vez a Esposa a Orfeo piedoso:
De novo observa a consternada Italia,
O Jus dado á maldade, o Jus ao Crime,
De novo o Trazimeno, o Trebia, e Canas
Sentem fero Annibal, segue a Victoria
Os passos da Fortuna, e não do esforço,
A Terra em vão prantêa, e a paz implora.
  Eia apartemos do sanguineo quadro
Olhos qu'á dor as lagrimas não negão,
De Marte á vista turbida se assusta
Tranquillo Espectador da Natureza,
A quem repouso apraz, silencio he Nume.
Jámais deve o fragor da guerra insana
O Sanctuario profanar das Musas.
Volvo ligeiro ao Sol, eu tórno aos Astros,
Abrem-se as portas do purpureo dia,
De Febo o rosto assoma, a Luz se entorna.
Incomprehensivel fluido! Sublime
Obra das mãos do Artifice Supremo;
Os Ceos, o vasto espaço abrange, e tudo
Chega a teus olhos subito vibrada
Da violenta concussão dos raios,
Qu'o Sol espalha quando nasce, e gira,
Corre, qu'assombro! a desmedida estrada
Que vem do Firmamento aos olhos nossos.
A mente humana, incognita substancia,
Visivel ao sentido, isto só basta,
Sempre a mão lhe convem d'agente externo,
E tudo nasce de sensivel Causa.

Quantos objectos ha, qu' a vista encantão
Com tão pasmosas, variadas cores,
São milagres da luz, e effeitos della;
Se vês tocada de purpureo esmalte
A Rosa nos Jardins, quando o mez volta
Do Touro roubador da incauta Europa,
Se o pallido matiz, se o roxo enfeitão
A violeta humilde, se descobres,
Se da neve o candor no Lirio admiras,
E o verde universal, que enroupa as plantas,
Se o vivo azul dos Ceos no mar s'espelha
Quando as encrespa Zefiro co' as azas,
E se as ondadas perolas observas
Em teu marmoreo collo inda mais bellas
Da variante cor d'ouro, e de rosas,
Que d'Alva ao despontar, no rosto assomão,
Ou dos roxos listões, qu' aformoseão
Os doces, apartados horizontes,
Quando o Sol quasi emerge o disco ardente
No seio undoso da cerulea Thetis,
A luz lhes dá belleza, empresta as graças,
Que de si nada tem : della procede
O magestoso Meteóro, ornato
Das nuvens, e do Ceo, que o docto Côro,
Da Natureza interprete, e das Musas,
Chamou n'hum tempo a Filha de Thaumante.
  Era ignorada dos Mortaes a Essencia
Das Côres, de que fórma ornato, e gala
Da veste universal a Natureza;
Ouvio erros sómente a docta Athenas
Nos vergeis de Academo; o vasto Genio,
Por tanto tempo o Déspota da Escola,
Em erros deixa o Mundo, até que Uranio

Os grilhões lhe quebrou com mão robusta,
Eu digo Uranio, de Albion soberba
Timbre, illustre brazão. Póde primeiro
Mostrar d'alta verdade a estrada ignota
Co' o vôo rapidissimo do genio,
Da côr a estancia incognita penetra,
He froxa, he sem vigor, Pieria chamma
Fará seguir-lhe os extasis divinos!
Attenta escuta : a luz que aos olhos mostra
Quantos em quadros ostenta o Ceo, e a Terra,
Brilhava, e não sabida, em fim do excelso
Astro natal desceo genio sublime;
Ethereos Cidadãos do ethereo assento,
Invejai os mortaes : Neuton descobre
As Leis, que os Globos tem (pasmoso esforço
Inda alem do confim prescripto aos homens),
Equilibrado nas robustas azas
Girou do Ether pelo campo immenso,
A luz foi descobrir na ignota fonte,
Era qual fôra o Nilo á antiga idade
Na fonte ignoto, na carreira visto,
Não de Stagira co' as ambiguas vozes,
Occultas Leis, ou turbilhões sonhados:
Seguio sómente a voz da Natureza
Ao Sacro Templo da verdade impervio,
Elle primeiro o disse, que as vistosas
Côres mórão na Luz, na Luz existem,
Da Luz diversas refracções nos corpos
Formão das côres o matiz diverso.
Oh Anjo, (e não mortal, que hum ser tão baixo
A teus vôos insolitos não quadra)
Penetra nos umbraes da Natureza,
Rouba hum só raio á Luz, e elle só basta

Quando á travez do Prisma cristallino
Faz sahir deste raio as côres todas.
Ao claro aspecto da verdade o Mundo,
Quebrados os grilhões do engano, exulta.
Tambem da antiga Escola o docto orgulho
Ficou confuso, no sobrolho austero
Em vão lhe chammejou desgosto, inveja,
Debalde quiz com tétricos clamores
Oppôr-se á prova esplendida, e sublime.
O indagador da Natureza surge
Do sono em que jazeo, rompe as Cadeias
Da servil ignorancia, as azas sólta
Apoz o grande explorador Britano,
Ao fulgor da verdade antigos erros,
Antiga opinião, qual sombra, fogem.
A imagem do prazer, da paz a imagem,
Que eu de cá no teu rosto divisava,
Ao vêr de tanta maravilha o quadro,
Já se perturba hum pouco, e se esvaece.
Tu vês de lá que o vivido semblante
Do luminoso Sol se enluta, e cobre
De espessas manchas, que ondeando girão
Pelo Oceano tremulo de fogo.
Eis novo arcano que descubro ousado:
Sempre fervendo o Sol, volve, e revolve
Hum pelago de chammas, desde o centro
A' extremidade liquida arremessa
Denegridos cachões de massa impura,
Então d'espesso fumo a grossa nuvem
Embacia o clarão, que o Sol te manda:
Descóra o rosto fulgido, e desmaia,
Em permanente eclipse s'escondêra,
E a sombra universal do nada antigo

Sobre o nosso Planeta em fim cahíra,
Se omnipotente Mão, que rege o Mundo,
Não dissipasse os turbidos vapores,
Ou véo sombrio, que lhe afuma o rosto.
Tal foi a causa natural daquella
Medonha pallidez, que hum tempo víra
Romano Povo Heróe no rosto a Febo.
Não foi por certo, não, de Jove a sanha
Que no Sol quiz vingar de Roma o crime.
Como a voz da lisonja em aureos versos
Se quiz fazer ouvir no egregio Vate,
Quando o punhal da infausta liberdade,
Tirando á Patria hum monstro, a entrega a cento.
O sangue em borbotões rebenta, e mancha
O mesmo Sceptro, que sustinha a dextra,
Cobre o rosto co' a chlamide soberba,
E victima cahio de Roma escrava.
Jove não vinga o barbaro attentado
De caminhar por montes de ruinas,
E por ferros, que á Patria o jugo aggravão,
Ao Solio encantador, onde orgulhoso
Ao Mundo avassallado as Leis promulgue.
Ou foi insipiencia, ou foi lisonja
Honrar as cinzas do Soberbo Julio
Com luto universal da Natureza;
Mas a Luz da Sciencia inda não tinha
Fulgurado entre os filhos de Mavorte:
Deixavão qu' outros de polidos bronzes
Os respirantes Bustos levantassem,
Qu' os enfiados Réos das mãos da Morte
Gorgias, Isseo, Demosthenes remissem.
Só quizerão dar Leis do Tibre ao Ganges.
O orgulho vencedor se rio mil vezes

D'ouvir nos doctos Porticos d'Athenas
Da Sciencia os Oraculos sublimes,
De Zeno austero, de Platão divino.
Sylla Athenas venceo, lança-lhe ao collo
Os duros ferros sem curar das Artes.
Abraza Mummio os muros de Corintho,
Estatuas, Quadros de Timante, e Fidias
Fórmão montões de cinzas lastimosas;
Inda entr'elles não tinha hum genio illustre
Sondado a Natureza, exposto a vida
Para rasgar o véo d'alto segredo,
Que nas entranhas do Vesuvio atea
O fogo voracissimo, e que rompe
Da sulfurea garganta ao ar vazio.
Porém dos Povos, que as Romanas armas
Mettêrão a grilhões, surge brilhante
Da Sapiencia a Luz. Vê na Germania
O grande Sabio, que no Sol descobre
A sombra que te encheo de luto, e magoa,
Vê nos Britanos, barbaros hum tempo,
Quem mede os altos Ceos, e os astros pesa,
Quem manda dividir da luz hum raio,
E as côres neste raio encontra, e mostra,
E vê nas margens do Ceruleo Tejo
Quantos surgem Varões assignalados,
Qu'o magestoso véo da Natureza,
Ao quadro dos fenomenos levantão;
Tu primeiro aos crepusculos do dia,
Oh sabio Nunes, descobristes a causa,
Tu déste perfeição, e as leis tu déste
Aos doctos instrumentos com que as ondas
Póde cortar o Lusitano afouto,
E das Ondas medir os Ceos, e os Astros.

Deixo o disco do Sol, abro, e desfiro
Quasi de todo entorpecidas azas,
E varro o Ether, que divide, e corta,
No giro melancolico, o Planeta,
Que no luto dos Ceos nos suppre o dia;
Primeiro mostra as pontas prateadas
Qual arco d'onde sahe setta estridente,
Progressivo clarão cresce, e lhe deixa
Cheio o disco de luz suave, e branda;
Se vai perto do Sol, mais luz derrama,
Se delle longe vae, mais sombra o cobre.
Astro amigo dos Vates, quantas vezes
A seu doce clarão vélo, e medito,
Como velou nas margens do Tamisa
O Cantor triste, o Numen da Elegia,
Quando no escuro tumulo encerrava
Graças, belleza, amor, troféos da morte.
Magoada então Melpomene lhe afina
A terna Lira d'ebano, e decanta,
Sentado junto á Lapida insensivel,
Os duros Fados dos mortaes, que pedem
A dôr ao Coração, aos olhos pranto.
Mas a teu lado outr'aura em fim respiro,
Foge a visão, os extasis parárão.
Meditação profunda, alem dos Astros,
Nas azas de escaldada fantasia,
Do Palacio immortal mostrou-me ao longe
O magestoso Portico, e mais nada,
Sublime Alcaçar destinado ao Justo;
A virtude alli tem premio, e guarida.
Lá d'outra luz cercada a mente hum dia
Descobrirá dos íntimos segredos
O sanctuario augusto, aberto, e claro.

As Leis então verá da Natureza,
Constantes sempre, simplices, e grandes,
E se a verdade a nós sobre inaccesso
Aereo cume d'aspera montanha
Por entre densa nevoa apenas raia,
E se afugenta indagador ousado
Que o temerario passo alli dirige,
O magestoso aspecto então de perto
A mostrará sem nuvens, e sem sombras.
Nós conhecemos lá, e aqui sentimos
A impressão da bondade eterna, e santa;
A causa nos occulta, e mostra effeitos.
Não póde haver incredulos, se os olhos,
E a mente para os Ceos sinceros volvem.
Oh cegueira mortal! Oh duro! Oh cégo
Humano Coração!. E o Nada inerte,
O Vacuo, informe horror, o tenebroso
Deserto solitario, e taciturno,
Onde infindos corpusculos se agitem,
O Todo produzio, sendo Architecto,
Sem fim, sem proporção, sem leis, o Acaso?
Com sacrilegas mãos o vicio infame
Sobre os olhos estende hum véo tão denso,
Qu'a luz póde vedar, qu'os Ceos derramão.
Qu'outra prova d'hum Deos, que eterno existe,
Podemos desejar? Contempla, observa
O Ponto em que apartada a Terra gire
Do centro luminoso, olha a distancia,
Olha o justo equilibrio, se alongada
Rodasse hum pouco mais, algente, e froxo,
Inhabitado Globo o espaço enchêra.
Se mais estreito circulo formasse,
D'opposto excesso de calor torrada,

Da vida habitação talvez não fôra.
Sempiterno Geómetra assignala
Compassada distancia, que convinha
A' Natureza, ás precisões dos Entes,
Da Terra o Globo dos Planetas segue
Invariavel Lei, nos Ceos fluctua;
Rodando sempre hum circulo descreve,
E sem romper dos Tropicos a méta,
Ora proxima ao Sol, ora apartada,
Debaixo sempre de diversos pontos
Nos mostra sempre o Sol no immobil centro.
Co' a rotação marcada os annos fórma,
E traz com laços íntimos unidas
Ligeiras Estações. Léda te embebes
No seu Cantor sublime; eu posso apenas
Adorar, e seguir de longe os vôos,
Com que esta Aguia inda alem do aereo cume
Sóbe do Pindo, e se remonta aos Astros.
  Quando os terriveis Aquilões usurpão
Dos Ares extensissimos o imperio,
Do triste Inverno o manto luctuoso
Se estende pelos Ceos, e á vista os rouba,
Medonhos furacões do Pólo as grutas,
Alvergue seu até alli, bramindo deixão,
Varrem da Terra a antiga formosura,
Da gala, e do matiz despida offerece
Hediondo espectaculo, só froxos;
Debeis raios de luz tentão debalde
Romper opacos véos, que o ar enlutão,
Duvidoso crepusculo derramão,
O dia formão só; languidos jazem
Nos fechados redis tristes Armentos:
E o Pastor ocioso na choupana,

Alvergue da innocencia, impervio ao crime,
Mal se resguarda do entranhado Inverno.
Congela-se da Islandia o mar fremente,
E ás rigidas prisões fugindo os Fócas,
Hum pouco mais ao Tropico se lanção.
Do verde manto as arvores se despem;
Nellas a força vegetal repousa,
Sepulcro universal se mostra o campo,
Da morte habitação, do luto imperio.
Busca-se em vão risonho, ameno prado
Onde com gosto os olhos se apascentem;
Silencio, escuridão, domina, e prende
A Natureza toda; encadeada
Como em lethargo jaz nas mãos da morte.
Sôa o rouco trovão, rasga-se a nuvem
Pela sulfurea luz que mostra a sombra,
Sobre as praias quebrado o mar bramoso
Augmenta o triste horror, nas altas fragas
Feios bramidos dos trovões se dobrão;
A sombra, qu'a atmosfera abafa, engrossa,
A tristeza conduz, mais tardo gira
O quente Sangue nas delgadas veias;
Só da triste Estação não sente o peso
Minha alma, que em si mesma se concentra,
Qual incendio abafado em si conserva
Mais viva, mais audaz do Pindo a chamma.
Se hum vento Oriental dos Ceos desterra
Nuvens que tapão lucidas estrellas,
Eu só na escuridão, eu só no Mundo
(Tal se me antolha ser) vélo, e medito
Nas leis primordiaes de globos tantos,
Que no silencio da tranquilla noite
Se volvem sobre nós, eu sigo os passos,

Sigo as suspeitas de Epicuro, e Bruno,
Entro de Neuton no Sacrario occulto
Lónge do Mundo frivolo, mui longe
Do reboliço vão, dos vãos caprichos
Qu'ora só dos mortaes a mente occupão,
Que formão gloria de afundir Imperios.
No vasto mar dos fogos scintillantes
Me engólfo, e vejo a solidão do vacuo
Ante quem d'espantada a alma recua.
Com Neuton vou seguindo eternos Astros,
Qu'até elle sem leis discordes hião,
Nas profundas abobadas girando;
Elle d'hum Cáos tal arranca os Mundos,
Novo Atlante dos Ceos sustem seu peso,
E os faz hum d'outro ser o apoio, a regra:
Immensas Legiões de Sóes observo
Que o Firmamento azul bordão, povoão;
Se huma Estrella se mostra, outra se eclipsa.
Sofrego attendo, e volvo aos Ceos a vista,
Desdenho idéas do profano vulgo;
Do Filosofo a vista em grandes quadros
Tão sómente se apraz, as leis indaga,
Por que em torno do Sol rapido corra
Em movimento elliptico o Planeta,
Rompendo o ar subtil constante gira;
Na sua Esfera opaca encontro mares,
Terras, montanhas similhantes vejo
A's do Globo que habito, e talvez sejão
Habitação dos Entes pensadores,
Capazes de formar, quaes nós formamos
Mil systémas subtis; qu'entr'elles haja
Outro Neuton, Bufon, que ensine os homens:
Sobre-humano prazer se apossa d'alma

Quando dest' arte eu só sustento o Tubo
Que me aproxima o Ceo, que mede o espaço:
Numes d'hum Vate sois, Silencio, e Sombra;
Nos rochedos da Corsega dest' arte
Do ingrato Nero ao virtuoso Mestre
O desterro se adoça, e suppre a Côrte;
A grande Scena da soberba Roma,
Vencidos Reis, o Capitolio, os Louros,
Quaes sombras se esvaecem quando os olhos,
Ao pranto sempre alheios, alongava
Pelo insigne espectaculo da noite;
Elle farta a minh' alma, elle he thesouro,
Qu' a ambição me não tira, ou rouba o tempo.
Mas bem depressa do Planeta nosso
O compassado giro aos olhos mostra
O Sol no Signo do animal de Colcos.
Mais viva, e doce luz subito brilha,
Do profundo lethargo acorda o Globo,
Dos vicejantes Zefiros nas azas
Vôa risonha, alegre Primavera.
Hum fecundo calor excita os Entes,
Seus thesouros os Ceos então derramão,
Ao regaço da Terra as agoas descem,
Entorpecidas molas lhe vigorão,
Reanimão-se as Arvores, e a seve
Deixa o frio torpor, gira nos troncos,
Nas entranhas da Terra ignota força
Os escondidos germes desenvolve,
Nos bosques, verdes já, canoras aves,
E os rebanhos pacificos nos Valles,
De amor seguem a lei, e a voz escutão.
Matutino vapor deixa aljofradas
As tenras plantas, que nos prados crescem,

No diamantino orvalho as azas molhão
Os inconstantes Zefiros que voão.
O horizonte de purpura se arrea,
Ou quando nasce o dia, ou quando expira;
Do Sol os raios se refrangem, brilhão
Na relva humedecida, e quando sobe
Com suave calor aviva a Terra;
Pela encosta do outeiro abrolha a vinha,
Do lavrador aos avidos desejos
Promette os dons de Bromio em farto outono.
Doce calma, e prazer domina os ares,
E nas voragens do gelado Polo
O Inverno melancolico se esconde.
Assim nasceo, brilhou primeira Idade;
A Primavera he simbolo dos dias,
Qu'o Sol na creação marcou primeiro;
Os azulados Ceos, a Terra, os Mares,
Tudo, tudo animou, quando o universo
Surgio das sombras do profundo Cáos;
Té nos abysmos humidos a sente
O mudo habitador do equoreo Imperio;
As tenras Aves pelo bosque entoão
Canções, que a Natureza ensina, inspira:
Sôa o Cantor da noite, excelso emblema
Da modestia, e do merito, que aos olhos
Do vulgo inerte foge, e se retira;
O silencio lhe apraz, e as mudas balsas,
Onde não chega estrepito profano:
O soberbo Pavão desprega aos olhos,
De Rubins, de Safiras recamadas,
Da fluctuante cauda as pennas d'ouro,
Mas triste, e rouca voz o abate, e avilta.
E o Roxinol na simplice plumage

Co' o magestoso accento os ares prende,
As verdejantes Arvores começão
Meiga sombra a entornar das tenras folhas,
Abre-se a terra, subito rebentão
Seus dons fechados nas mimosas flores;
A Soberana dos Jardins, a Rosa
Rompe o botão, dos Calices derrama
O perfume que adoça em torno os ares;
A Candida Açucena se debruça
Na clara fonte, e nella se retrata;
No viço e no matiz prepara a Terra
A' loura Ceres inclitos thesouros.
Do espectador tranquillo á mente, aos olhos
Com toda a pompa a Natureza falla;
Então, das Musas dom, se aviva o Estro,
Sente novo vigor, e em tom mais alto
Afina a doce Lira, aos Astros vôa
D'almos hymnos nas azas fulgurantes.
Em tão doce Estação Cantor divino,
Do Tamisa brazão, do Mundo assombro,
Qu' he só menos qu' Estacio, e mais que todos,
Presentia cahir na mente excelsa
Apollineo calor impetuoso,
Com que transpondo os terminos do Mundo
Creou no escuro abysmo o Pandemonio,
Onde o Concelho horrendo o Rei das Sombras
Fez de invadir o Edem : do Cáos rompe,
Deixa os globos, os Ceos, e engana o Genio,
Qu' o Sol no immobil centro observa, e prende;
Cahe a prumo de lá, e hum pouco as azas
No ar equilibrou proximo á Terra.
Sente as Furias em si, o Inferno sente
Quando no Edem descobre o Numen quasi

O Rei da Creação; ledo vagava
Nas alas d'altos Cedros, que por cima
Fórmão docel travando a rama espessa.
Dormindo d'outro lado ao pé d'hum mirto
Descobre a angelical intacta Esposa,
De quem era innocencia unico enfeite;
Fluctua-lhe a madeixa ondada, e loura
Pelo marmoreo collo, e niveos hombros;
Aviva-lhe o carmim das brandas faces
O mesmo sono, que lhe prende os olhos
(Sono avaro e cruel, ao Edem tu roubas
Dous Astros, ou dous Sóes s'Eva repousa).
Rosas, lirios, daqui, dalli rebentão
No chão que o Corpo opprime, e se debrução
No seio que a compasso arqueja, e bate:
Nem se descobre todo, ou todo esconde.
Deteve a vista o Déspota do Inferno,
E suspirou, e extatico hum momento
O Ceo lhe não lembrou, fez pausa o Odio,
Mas a Inveja gritou, vingança, e crimes
De novo aos igneos olhos lhe assomárão;
Contra o innocente par medita estragos:
Transforma-se em Serpente, e tenta, e vence.
Em veneno subtil propina a morte,
Soberbo com os troféos no Inferno exulta.
Tantas imagens lhe brotavão n'alma
Co'o fogo animador da Primavera,
Tão fugaz Estação como a ventura,
He copia della, da belleza he copia.
  Se Maio em fim, de Zefiro nas azas
Leva a doce Estação, se aos olhos rouba
O quadro encantador, que novo, e bello,
Lisonjeiro espectaculo se mostra!

Quando do claro Sol ferventes luzes
Do bramoso Leão mais vivos raios
Começão d'espargir, se embota o viço,
Foge o matiz das melindrósas flores,
Somnifero vapor encurva as plantas,
Desfolha-se a Cecem, desmaia a Rosa,
Mas no lugar da rapida belleza,
E momentanea formosura vemos
Coberto o Campo de douradas Messes,
Crescem gradas, o vento as volve em ondas,
O Lavrador impaciente espera
Qu'a terra a seu suor pague o tributo.
Se foge dos Jardins o esmalte, o brilho,
As abundantes, saborosas frutas,
Com suave fragancia, e côr mimosa,
Da fugitiva Flora os dons nos supprem.
As corpulentas Arvores occultão
Os duros troncos co'a folhagem densa,
A branda viração brincando entr'ella
Entorna doce fresquidão co'as sombras,
Ellas ao lasso viandante offertão
Pavez contra o fervor da Calma ardente.
Alma do terreo Globo, oh Sol brilhante,
Se teus raios os corpos enfraquecem,
Tu penetras os frutos saborosos,
Teu Calor salutifero os sasona!
Infatigavel segador menea
O braço armado de encurvada fouce,
Sofrego abate da risonha Ceres
Os suspirados dons, montões d'espigas
O Campo que as gerou d'outr'arte enfeitão,
O Boi tardio as trilha, e docil leva
Sobre os sonoros eixos ao Celleiro

Do próvido Cultor; tudo se alegra
Colhendo a plenas mãos fartos thesouros,
Qu'o Ceo benigno reproduz contínuo.
O festival clamor, doce alegria
Os turbidos cuidados afugenta:
Tristes filhos da pompa, e da molleza,
Tédios, contínuos ais não sois do Campo,
Ventajoso trabalho vos suffoca,
Depois delle vem paz, não vem remorsos.
Arde, empina-se o Sol, dardeja a prumo
Nos Climas do Equador seu fogo em ondas
Nos ermos areaes de Zara adusta,
Mais sanhudo o Leão, mais bravo ruge,
Ouvem-lhe ao longe o berro, as Feras fogem,
E o negro habitador da espessa brenha
Prestes ateza o arco, e embebe a setta:
Da Terra abrazeada aos ares sobem
Grossos vapores turbidos, no seio
Da horrenda tempestade os germes levão,
Mais, e mais se condensão, foge o dia,
E sombra repentina os Ceos enluta,
Vôa espantosa noite, e prematura
Pousa nos ares liquidos, e rouba
Da vista os claros Ceos, da vista o Mundo.
Rebrama o trovão rouco, e cruza o raio,
Ao serpear da luz sulfurea, e triste
Mostra-se o Mundo repentino, e foge.
Oh negra tempestade, oh filha horrenda
Do Estio abrazador n'Africa ardente,
Nas azas do Tufão caliginosas
Do occidental Nereo no imperio voas;
Quantos dias comtigo o Nauta ousado,
Qu'apoz o Gama foi dar leis no Hidaspe,

Lutou no mar incognito! Da vista
Os claros Ceos perdeo, a esteira, o rumo
Attonito deixou; o mar que ferve,
Os soltos Aquilões, a sombra, a chuva,
A nuvem que se rasga, o Ceo que toa,
O raio que fuzila, e que se apaga,
Da Natureza espedaçar parecem
Os laços, as prisões, as leis, o todo;
Por entre as vagas, que se quebrão, voão
As combatidas Náos, e os Ceos toldados
Nem deixão vêr o mar, nem vêr os Astros;
Só por entre o negrume a branca espuma
Tufa em cachões na proa, e alli se quebra.
Eis d'outra sorte as ondas enroladas
Começão de bramir, o estalo, os roncos
Terra aos tímidos nautas annuncião.
Eis subito se enrola a nevoa espessa,
Subito á vista, ao longe, estranhos montes
Se mostrão n'horizonte, emmaranhadas
Brenhas que o braço humano, o ferro duro
Inda não tinhão profanado. A terra
Do centro, e lados encurvada, acolhe
Em largo bolso o mar, e os combatidos
Lenhos convida a repousar seguros:
Vasto e rico Brasil, dest' arte foste
A Lisia conhecido, a Lisia dado.
D'hum mal em apparencia, os Ceos costumão
Muitos bens derivar, e huma tormenta
Imperio aos Lusos deo, á Europa hum Mundo.
Do claro Sol o rosto afogueado
Começa d'espargir mais froxos raios,
O frio duvidoso, a calma incerta
Conservão na Estação doce equilibrio;

Da escura noite, do brilhante dia
Igual a duração, se pesa, e marca
Na celeste balança : assim d'Outono
Surge a frente de pampanos cercada,
De fructos suavissimos Pomona
Fórma grinaldas mil, constante as mostra.
A Natureza prodiga derrama
Seus dons, e farta as longas esperanças
Do Lavrador solicito, e cansado.
Não veste a Terra flores, mostra os pomos;
Sustem purpureos, e dourados cachos
A fertil vinha nas delgadas varas:
Ledo vindimador seu ferro empunha,
E do nectar os pampanos despoja.
Que scena encantadora aos olhos nasce!
De par em par as portas se franqueão
Do Templo d'alegria, o bando espesso
De mil cuidados roedores foge;
Qual Natureza dá, prazer ingenuo
Do lagareiro sordido se apossa,
Da pacifica orgia os ledos gritos
Se repetem nos montes cavernosos,
A sempre leda mocidade calca
No fervente lagar purpureos cachos.
(Vedado asylo aos turbidos pezares,
Acostumados a velar nas plumas,
Onde debalde o Potentado chama
Fagueiro sono, que o punhal embote
Da inquieta ambição, do insano orgulho).
A terra pouco a pouco o ornato perde,
Finda dos fructos o suave imperio,
As verdes folhas pallidas se tornão,
D'hum lado, e d'outro as leva o solto vento.

As corpulentas Árvores apenas
Erguem aos ares os despidos troncos,
Abre-se ao anno o tumulo sombrio.
Quanto se apraz o pensador tranquillo
De girar entre as arvores despidas!
Chama-se livre, chama-se ditoso;
Pesa da Côrte a momentanea pompa,
Nem vêm seus olhos mentirosas luzes,
Qu' á pallida ambição sepulcros abrem.
Da caprichosa sorte inopinado
Golpe não póde perturbar seus dias,
Correm serenos, de si mesmo goza:
Ri-se da intriga, ri-se dos projectos
Qu' ao severo Politico envenenão
O triste coração. Se he dado ás Musas,
Dos campos ao prazer contente ajunta
Doctos escritos dos illustres mortos,
Qu' arte, e gosto dos seculos approvão.
As secas folhas, os antigos bosques,
Quando entr' elles passea, o fogo ateão,
O fogo divinal do Enthusiasmo;
Segue, mudado em Cisne, Horacio, e Pope.
Avança-se a Estação, cresce a tristeza;
Espesso nevoeiro abarca os ares,
E manda o Sol a furto obliquos raios.
No Ceo sempre toldado apenas brilha
Melancolica Lua entre os espaços
Das nuvens que se quebrão, que se ajuntão.
As emigrantes Aves já misturão
Aos bramidos do mar, do vento aos sopros,
Roucos ais, froxo canto; estes accentos
De magestade, de tristeza excitão
N'alma as idéas da virtude austera,

N'agonizante Natureza observa
O Sabio o fim qu'espera, o fim de tudo.
Os troncos d'hera, e musgo acobertados,
Alguns ramos, que o vento açouta, e quebra,
Forção a reflexão, e alma medita
Sobre o ferreo poder do tempo avaro.
Longe do Mundo, ou mar tempestuoso
O tranquillo Filosofo só busca
Silencio, e solidão, verdade, e estudo.
Amo d'Outono os dias duvidosos;
A pallidez mistura a luz, e a sombra
Quando na tarde languida s'embuça
O claro Ceo de acastelladas nuvens.
Pelo meu rosto lagrimas escorrem,
Pranto doce, e feliz, e recolhida
Neste sagrado horror minh'alma goza
Os doces toques da melancolia.
Das rochas desiguaes a formosura,
D'humanos monumentos as ruinas,
Do crepitante raio inda os vestigios
Pelos penhascos horridos impressos,
As lavas dos Volcões, que agora extinctos,
Do incendio, e da ruina os restos guardão,
Por hum deserto domicilio imprimem
Hum caracter sombrio, augusto, e grande,
Qu'o coração m'eleva, a mente arreda
Das sendas da mentira, e da vaidade:
E o pensamento em fim profundo, e forte
Do mundo alem dos terminos se lança.
Cantor da Eternidade, e dos Sepulcros,
Vate excelso da Morte, est'era o tempo
Escolhido por ti, e então vagavas
Por entre escuros Teixos, e Ciprestes

Companheiros dos tumulos, pulsando
A doce Lira d'Ebano, teus hymnos,
Ultimo esforço do poder das Musas,
Mandavas do Immortal ao Throno augusto.
Ouço-te junto á lapida, que fecha
Da innocente Narcisa os ossos frios,
Teus versos, e teus ais suspendem sombras,
He mais triste o silencio, o Ceo mais negro,
Com magestoso horror t'escuta a noite:
Assim nas sombras pallidas d'Outono
A Natureza esmorecida vias.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

A NATUREZA.

CANTO SEGUNDO.

A novas scenas, novas maravilhas
Teus olhos volve, Alcipe, oh quanto he grato
O pomposo espectaculo da Terra!
A Terra nossa Mãy, qu' em seu regaço
Nos recebe nascendo, e nos sustenta,
E quando as justas mãos da Natureza
Rasgão da fragil vida a instavel Tea,
Quando se acaba a paz, e o laço estala
Dos Elementos, na mortal substancia
Abre o gremio outra vez, e os despresados
Trofeos da fria morte, esconde, e fecha,
Guarda nossa memoria, e guarda o nome
Contra o furor da rapida existencia.
Fazem-nos guerra os outros Elementos,
Desatão sobre nós pesadas Nuvens
Horrisonos chuveiros, e outras vezes
Correm furiosas rapidas torrentes;

Tolda-se o ar de turbidos vapores,
Medonho tôa, em raios se desata,
Instrumento da vida, a vida estanca
Se com miasmas putridos s'engrossa;
A Terra bemfazeja, e branda, e meiga
Das mortaes precisões he sempre escrava,
Quanto espontanea dá, quanto obrigada!
Que perfumes exhala, quantos sucos
Rica transfere ás arvores, ás plantas!
De que côres gentis se enfeita, e veste!
E sempre liberal mais amplo volta
O pequeno deposito, qu' ao seio
A parca mão do lavrador lhe lança!
Mas esta Terra, que tão grande, e vasta
Se mostra aos olhos teus, hum ponto apenas
He na esfera da immensa Natureza;
Do orgulho, e d'ambição, eis o theatro;
Aqui buscamos os brazões, as honras,
Nella com sangue se disputa hum Throno,
Se ambiciona o poder, sempre agitada
A mortal geração tumultuosa
Da guerra accende o fogo, e chama as Furias,
E com fatal reciproca vingança
Vazia a deixa mais: nestes limites
Estreitos na razão, no engano grandes,
Inda se ancêa o vencedor d'Arbella,
E dos olhos Democrito lhe arranca
Pranto, quando lhe diz qu' existem Mundos.
He este o bello quadro em que teus olhos
Hoje deves fitar, comtigo ao lado,
Contemplarei da Providencia as obras;
Em nossa habitação, nosso dominio,
Que formosura antiga, e sempre nova!

Que multidão sem numero de seres,
Qu'em tres Reinos divide a Natureza,
No seio maternal sustenta, e guarda.
Que harmonia, que Leis! E em vão te offendes
De vêr a Terra desigual! Tu cansas
De vèr ao longe a bronca penedia
Que se confunde n'horizonte, os Cerros
Qu'idade antiga a Cinthia consagrára,
E se hum defeito na belleza os julgas
Da nossa habitação, qu'assombro, espanto
Despertarão em ti medonhas massas
Como bases dos Ceos, e a cuja frente
Temem, qu'altura! remontar-se as Aguias,
Onde não chega a tempestade, o raio,
Nem jámais se condensa, e espande a nuvem!
Desmaia a fantasia; encolhe as azas
Tímida Musa, se transpor destina
Das altas rochas escalvado cume,
Que só naufragio universal cobríra.
Tanto, oh Haller, teus extasis puderão,
Tu que dos Alpes as nivosas frentes
Soubeste descrever: se tu corrêras
O Caucaso gelado, o Tauro, o Gate,
Que magestosos, que sublimes quadros
Afamárão teu Canto, se tu víras
Alem das Nuvens asperas montanhas,
Onde o mortal que sobe, observa, e nota
Brilhar por cima o Ceo sereno e claro,
E debaixo dos pés por entre as densas
Nuvens cruzando o raio estrepitoso.
O furor Espanhol transpoz sem medo
Essas da Terra altissimas barreiras,
Com qu'em porções iguaes d'hum Polo a outro

Dividio Natureza o Mundo opposto.
Nunca farto de imperios, e de thesouros,
O mar assoberbou, e as Leis severas
Com que braço immortal huns Povos d'outros
Pertendeo separar, quiz por distantes!
Vírão teus olhos, denodado Almagro,
Incorruptos cadaveres daquelles
Tigres, qu' ao lado teu sangue anhelavão,
Inda os achastes nos aereos cumes
Armados d'aço e ferro, inda no rosto
Lh' observaste as feições dignas daquelles
Horridos monstros, ávidos de sangue,
Mais que de sangue cobiçosos d'ouro.
Do extremo Panamá, té onde ousára
O resentido Magalhães lançar-se
Ao inda intacto incognito Oceano,
Encadeados montes se levantão,
Ao ar vazio pelas nuvens rompem;
Alli do claro Apollo o lume ardente
Nunca descoalha a neve, ou quebra o gelo;
Dalli se perde a vista, ou se deslumbra
Se os precipicios horridos contempla;
Destes Cumes aos Ceos alçaste a vista,
Oh Condamine, indagador profundo;
Quão rica descobriste a Natureza,
De seus pinceis a força aqui se mostra,
Seu vigoroso colorido excita
No genio ás Musas dado, assombro, e fogo;
Por vastas solidões estende os rios,
Qu' antes de entrar no mar, hum mar parecem.
Cerrados bosques pelas nuvens mettem
Troncos, que vão datar talvez no berço
Do vasto Mundo, que do nada emerge;

Immensas solidões n'horror sublimes,
Magestade, extensão, riqueza, tudo
A Imagem te mostrou do Omnipotente,
E destes troncos se derramão filhos
Enormes como os Pais, os Guararapes,
Cuja espantosa Cima os pés humanos
Nunca puderão profanar té agora,
A par de cuja altura, e massa enorme
Sombras pequenas são, ou nada aquelles
Inuteis propugnáculos da Hesperia
Hoje, e n'hum tempo da soberba Roma
Escudo impenetravel, que sómente
Annibal dividio, quando a vingança
Trouxe de Dido a Trazimeno, a Cannas,
Sombrios Piréneos donde em torrentes
Dizem corrêra o Idolo do Mundo,
O pallido metal. Vês levantadas
Montanhas, com qu'ao Ceo a Armenia acena,
E tu, frondoso Libano, qu' os Cedros
Expões á tempestade, expões ao raio:
Melancolico Atheo vos taxa, e nota
De massa inutil, que desfeia a Terra,
Mas vossos bens ignora, e não descobre
Da Eterna Sapiencia em vós o Sello.
Destes soberbos e naturaes Colossos
Mil bens o Eterno Artifice nos manda,
São das aguas depositos perennes
Dos não doctos mortaes á vista occultos,
E sem cessar as liquidas correntes
Delles brotão na terra árida e dura:
Oh Genio observador, tu da verdade,
Tu fonte do saber, por quem se eleva
Ao Sanctuario dos segredos todos

Que com densos véos esconde a Natureza,
O Vate pensador; digna-te as portas
Franquear-me huma vez, possa abrazado
Na luz do facho teu romper dos montes
O tenebroso seio, abysmo escuro,
A' tua voz potente as rochas quebre;
Primeiro monte, o Caucaso espantoso,
Abrão caminho ao centro o Emo, os Alpes,
Da Escandinavia os Cerros orgulhosos,
Os que bordão o Euxino, os que rodeão
A barbara Siberia inculta, e triste,
Alvergue funeral do Inverno, e Crime,
Os que de eterno gelo o campo assombrão
Que o Tartaro fugaz cultiva e deixa,
Rasguem-se aos olhos meus, e as bases mostrem,
Veja os milagres do assombroso Atlante,
Cuja frente orgulhosa aos Ceos he base,
E veja as fundas, horridas cavernas,
Qu'o Coração da Libia em torno abração;
Abaixo d'outro Ceo meus passos guia,
Mostra-me o fundo, pavoroso Centro
Dos altos montes, qu'escarnecem firmes
O baldado furor do vento e mares,
Cuja immensa Cadeia a hum Polo e outro
Debaixo do Equador, s'estende, e alonga.
Eis manifesto o arcano, o véo se rasga,
Na Origem perennal descubro os rios.
Tu sabes como o Sol ao vasto Oceano
Rouba em vapor subtil ceruleas ondas,
No seio as fecha dos delgados ares,
Rarefaz-se o Vapor, tolda-se o dia,
Sobre as azas do Sul volantes nuvens
Correm lançando do medonho seio

A chuva salutar, qu' a Terra ensópa,
Chega, calando, ao coração dos Montes,
E nas vastas entranhas cavernosas,
Da propria gravidade as Leis seguindo,
Como em vasto deposito se ajunta,
Pouco a pouco filtrando-se rebenta
Das raizes d'alpestre serrania,
Borbulha pouco a pouco entre rochedos;
Pobres, sem nome, incognitos regatos
Por entre as pedras murmurando correm,
Vê-se no fundo d'agoa a molle area,
Preguiçosa torrente os troncos beija,
Mas bem depressa s'entumece, e brame
Pelos hervosos campos derramada,
E na passagem rapida encorpóra
Em si filtradas agoas d'outros montes,
Que vem como tributo e feudo humilde
Mais engrossar-lhe a cristallina veia.
Crescem-lhe as ondas, cresce-lhe a soberba,
He já rio caudal, tem nome, e fama;
Inunda, fertiliza o campo extenso,
Seu leito he largo, e fundo, e sobre a espadua
Do grão peso orgulhosa as Náos sustenta,
E fatigado da carreira immensa
Do nunca exhausto mar pousa no seio,
Té que do mar sahindo em giro eterno
Venha rio outra vez, girar na terra:
Tal dos aereos Andes sáe pequeno
O Mississipi, o rapido Orenóque:
Tal das entranhas da Goiama rompe
O Thesouro do Egipto, o vasto Nilo,
Nas agoas do Gambea confundido,
De novo resaltando o Egipto alaga;

Com elle o Zaire sáe, que tantas vezes
Pelos desertos areaes s'esconde:
Tal rebenta do frigidó Nifáte
O Tigris rapidissimo, e cortando
Imperios n'outro tempo, hoje só nomes,
Entra no Seio Persico, e repousa.
Tal de Hiperboreos montes regelados
Se precipita o solitario Volga,
Té misturar-se rapido, espumante,
Nas Ondas do Mar Caspio. O Don correndo
Desde os montes Rifeos, e o Tanais frio
Na alagôa Meotide se lança.
Taes as eternas Leis, qu'a Natureza
Submissa, e muda observa, quando a terra
Do seio entorna as liquidas correntes.
Assim rebentão borbulhantes fontes,
Cascatas naturaes, que se despenhão
Das escarpadas rochas, e mais gratas
Qu' essas, qu' entre copados arvoredos
A mão do luxo em Tivoli formára.
Quanto he nellas sublime a Natureza!
O Viajante attonito emmudece
Quando vê branquejar ao longe a espuma
De Niagára nas remotas pedras.
Tambem s'engrossa a vèa aos longos rios
Se do Sol fulgurante os igneos raios
No Estio abrazador descoalhão neves.
Vês dos aereos escalvados Alpes
Tantos rios descer, qu'a Hesperia inundão?
Porém na Egipcia arêa, e pedregosas
Inhospitas Arabicas montanhas,
De chuvas, onde o Ceo se mostra aváro,
O adusto habitador busca debalde

Gelida fonte que lhe estanque a sede;
O cansado Pastor da Nubia encontra
Apenas no Deserto o turvo Nilo,
O turvo, e vasto Nilo em fim, qu' ha pouco
Se descobrio pequeno á vista humana;
Teimoso indagador lhe mostra a fonte;
Estes os passos são da Natureza
Magestosos, e simplices: debalde
Estrepitosa Escola lhe assignála
Outro principio ás liquidas correntes.
  Mas não julgues, qu' ás lobregas entranhas
Desço do Globo, que lhe rasgo o seio
Com impia avara mão, para arrancar-lhe
Vastos thesouros, que cioso occulta.
Rompe as barras dos Carceres profundos
Pierio fogo, que referve n'alma;
Cantor da Natureza, em seu imperio
Afouto hei de girar, nada lhe usurpa
A livre Musa, qu' os mortaes desdenha:
Seus haveres, seus bens, são murta, e louros,
Honrão-lhe a fronte em vida, em morte a Campa.
Da humana habitação no centro escuro
Jaz a riqueza, que famintos braços
Forão desenterrar, e vio primeiro
Do dia a clara luz nocivo ferro,
Util á vida, e pessimo instrumento;
Feito em severo arado os sulcos abre,
No arbusto corta os troncos redundantes,
Elle os marmores fende, elle os aliza,
Nos montes de Livonia o Pinho abate
Em qu' ousado mortal se entrega ás ondas;
Porém co' o mesmo ferro á guerra vòa
O deslumbrado idolatra da Gloria;

Como se os Fados vagarosos fossem,
Damos azas á morte, ao ferro as damos,
Sahe do ferro apressada, aos homens vôa.
Meiga Mãy Natureza os olhos fecha:
Debalde em seu regaço os filhos guarda
Para os dar, mas em tempo, á morte escura,
Mas muito mais lethal, qu'o ferro duro.
Do centro profundissimo da Terra
Sahe pallido metal, com elle ao Mundo
Vierão negras amarguras, veio
De ignotos males a cohorte infausta;
Se acaso alguma vez doura as virtudes,
Ao vicio quasi sempre a estrada aplaina.
Quem pudera, ó mortal, de todo o Ouro
Da vida desterrar-te! Ella corrèra
Do prazer escoltada, e d'alegria;
Tu lhe roubas a paz. Até parece,
Que constrangida o dera a Natureza:
Vê onde o foi guardar, no fundo abismo;
E lá desce o mortal, lá perde a vista
Do fulgurante Sol, do ethereo Olimpo,
Dos olhos se lhe esconde o dia, e tudo,
Só vai palpando horror, devisa a sombra
Qu'a triste luz d'alampada lhe mostra,
Tudo nas covas lobregas lhe aumenta
O medo, a solidão, silencio, e tréva;
Alli vapor mefitico respirão
Miseraveis mortaes : alli mil vezes
Cahe ruinosa a abobada que fórmão,
E os desgraçados para sempre cobre;
Embora triste horror seus olhos vejão,
Sómente o coração busca thesouros:
Com taes filtros o peito se lhes torna

Impenetravel ao temor da morte;
D'huma cobiça vil seu peito escravo
Afronta a escuridão, sopèa o susto,
Eu lhes chamára Heróes, s'outro tivera
Motivo a intrepidez, motivo a furia;
Mas buscão só metaes, cujos altares
A torpe mão da sordida avareza
De miseraveis victimas povôa;
Nelles expira a candida innocencia,
O pejo agonizante, o amor da Patria;
A sacra fé dos thalamos expira.
Do Inferno o Potosi dista mui pouco,
Inda d'alli se extrahe, e ao Mundo chega
A massa informe do metal precioso.
Nunca entre vós puzera a Natureza,
Oh desgraçados Incolas daquelle
Por tanto tempo a nós ignoto Mundo,
Tão infeliz thesouro, inda exist a,
Oh longinquo Peru, teu doce Imperio!
Sobr' esta horrenda Scena os véos desdobro,
Lembrão-me os tristes Incas; volve agora
A novo objecto os olhos, novas graças
Vaes descobrir na Terra, e mais riquezas;
Que suaves revérberos de luzes
De tantos corpos sólidos resurtem!
Com quanta pompa os mostra a Natureza!
Quanto tinha lhes deo; quanto podia;
Toda nelles se mostra, e toda he bella.
Golconda, Vizapor, teus campos vejo,
E as rochas de Narsinga onde se occulta
Brilhante pedra, sólido Diamante
Qu' em luz, em fogo, em magestade, em tudo
O vulgo excede dos radiantes corpos.

Porém não julgues qu' a belleza aumenta,
Qu' aos ondados cabellos, roseas faces
Dera a mão liberal da Natureza;
Hum Cóllo torneado, hum niveo Seio
Dão mais graça aos revérberos das pedras,
Qu' a cobiça mortal converte em Numes.
Olha acceso Rubim, na sombra escura
Da noite em si conserva a luz, e o dia;
Olha Safira lucida, e serena
Em que se espalha o Ceo; olha o magoado
Roxo, qu' enroupa o Lirio, inda mais doce,
Inda mais triste na Ametista brilha;
O pallido Topazio onde he mais bella
A pallidez do Goivo, e da Giesta.
No verde campo do saudoso Tejo,
Morada do prazer, onde sentíra
Comtigo ao lado acceso Enthusiasmo,
Olha a copia da fulgida Esmeralda,
Qu' o remoto Pegú tão rara envia.
Do centro escuro da pesada Terra
Eu deixo a escuridão, fique escondida
Alli eternamente triste Avareza
De thesouro, de susto acompanhada.
Respiremos o ar, puro elemento,
Agente universal, penetra, anima
Quantos seres organicos existem.
Elastico, subtil, presente, occulto,
Que pelo espaço immenso abrange os Corpos,
Sempre agitado, e fluido se móve.
Se a força o comprimio, mais força adquire;
Elle sustenta das ligeiras Aves
Os vôos rapidissimos, com elle
As animadas maquinas se movem;

Amontoado, e junto as nuvens fórma,
Com as varias Estações se altera, e muda;
Alternativas impressões recebe
Do frio, e do calor. Oh massa enorme,
Qu'immenso peso tens! E não s'esmaga
Debaixo de teu peso o fragil Corpo!
Que dique se lhe oppõe, que laço o prende?
Ind'atégora arcano impenetravel
Ao soberbo mortal. Dentro em teu seio,
O ar que fórma o compassado arquejo,
Onde encantada a vista se demora,
Póde manter justissimo equilibrio.
Co'a desmedida altissima Columna,
Qu'a extrema parte d'Atmosfera toca,
Quer opprimir-te em vão, qu'a força opposta
Lhe tolhe o peso, os impetos desarma.
Eis nova maravilha, outro prodigio
Te vai mostrar o ar. Tu d'harmonia
Sensivel sempre ao magico attractivo
Sentes ferir-te o timpano suave
Ligeiro estrondo, que nos valles fórma
Ecco sentimental, das Musas filho.
Pousa nos labios torneado tubo,
Sopra-lhe o ar, e harmonico resoa,
Ora em peito guerreiro accende as iras,
Ora n'hum Coração, d'amor vassallo,
Doces deliquios de ternura excita;
N'huma passagem rapida s'encontra
Repercutido o ar, eis se transmitte
Por mil undulações ao centro d'alma,
Ora produz repouso, ora tumulto.
Oh tu, por quem s'explica a Natureza
Em magicos accentos, Catalani,

Quando do eburneo peito aos ares mandas
Celestiais torrentes d'harmonia,
Qu'enfrear do mar turvo as vagas podem,
Podem deixar suspenso o raio acceso,
E o que he mais arduo ainda, em ferreos peitos
Fazer troar a voz do sentimento;
Taes milagres, teus dons do ar se formão.
Pela garganta delicada rompe,
Em mil undulações, suspenso, ou livre,
Transplanta na minh'alma o Elisio todo.
Bem como á voz d'Eolo as turvas ondas
Se levantão bramindo, e s'encadeão,
Assim tu mandas ás paixões. Qu'imperio!
Ferve a colera, espuma, assoma aos olhos
O quente sangue, se o furor me inspiras,
Mas foge o sangue, as lagrimas borbulhão
Se hum piedoso suspiro amante exhalas:
Não tem n'aljava amor setta mais doce!
Mas com que força o braço omnipotente
Do ar subtil a maquina sustenta!
Qu'exacta proporção, qu'exacto acorde
Vejo entre o ar, e os corpos luminosos!
Ou venha desvelada Aurora abrindo
Com roseas mãos as portas d'Oriente
Auriroxos listões no Ceo lançando,
Ou desça ao mar a alampada do dia,
E os Ceos azues de purpura recame;
De ti só nasce, oh fluido pasmoso,
Esta scena encantada, em que se entranha,
Em que se engolfa o pensador, e o Vate.
Nunca meus Olhos cançarão de vêr-te!
Tu vais espairecer no campo extenso,
Quando desponta o dia, e os altos montes

Doura inda froxo o Sol com debeis raios,
No encrespado vapor, qu'os valles cobre,
Vês refranger-se a luz; obliquos manda
Multiformes reverberos, qu'aos olhos
Tornão mais gratas as campestres scenas;
Tem principio no ar. Quanto aproveitão
Ao nosso Globo refracções tão bellas!
Nasce subito o Sol, mas não deslumbra,
Nem fere co'a luz subita teus olhos,
Nem cahe na Terra de repente a noite;
Mas progressiva escuridão s'avança.
O ar fórma os crepusculos do dia
Quando surge do Ganges, quando pousa
Da occidua Thetis nos ceruleos braços.
No reino vegetal, risonho, e bello,
Do circumfuso fluido se sente
A efficacia, o poder: com elle as plantas
Adquirem viço, cobrem-se de folhas,
Com elle sobe a seve aos altos troncos,
Os saes com elle, as agoas se misturão,
As vicejantes arvores com elle
De saborosos fructos se enriquecem.
  Não só dos vegetaes o Imperio alcança,
Abrange os Entes racionaes, e os brutos
Seu Sceptro, seu poder, desde o momento
Qu'o fixo ponto da existencia tocão;
A força presta á maquina vivente,
O concentrado fogo ao rubro sangue
Dá movimento rapido nas veias,
E tanta força ao ar só deve o fogo,
Assim se volve rapido, espumante;
A contínua impulsão, e os successivos
Toques o chilo, e nutrição lhe acabão.

Dest'arte o ar que rarefaz o fogo,
Da vida aos animaes se tórna o germen.
De tantos dotes o concurso vario
Os nossos dias rapidos conserva.
Com elle se mantem da vida o sopro,
Sem elle se desfaz, e foge, acaba.
Porém se algum vapor putrido infesta
Este corpo subtil, qu'envolve os corpos,
Se turva exhalação dos ermos campos
Da barbara Tartaria, se das quentes
Soltas areas do stagnante Nilo,
Do envenenado seio da Ethiopia,
Onde montões d'insectos corrompidos
Mandão aos ares putridos miasmas,
S'encorpora no ar, se lhe corrompe
Doce sopro vital, de quantos males
Horrenda alluvião flagella o Mundo!
Então se faz indomito tiranno
Aquelle mesmo qu'escorava a vida;
A filha mais cruel do Inferno, a Peste
Que d'Atmosfera o seio transparente
No luctuoso manto envolve, esconde,
Escoltada da Morte assombra o Mundo
Quando corrompe o ar; não de outra sorte
O mar, qu'he laço das Nações, se torna
Origem de mil bens, se he lizo, e manso,
Porém dos bravos furacões revolto
He de tristes catastrofes origem;
Sorve os baixeis, qu'ha pouco aos patrios lares
Sobre a espadua tranquilla a estrada abrírão:
Terrivel Scena, qu'o Cantor de Mantua
Com pinceis immortaes fez vêr ao Mundo.
Divino Canto, qu'os vorazes Evos

Parecem adorar, só termo espera
Quando convulsa a maquina terrestre,
Outra vez ha de entrar no abysmo, e nada.
Ferros na mão da Parca aguça a Peste,
Faz das Cidades tumulos medonhos,
Em vasto cemiterio os campos muda,
A toda a parte Furias homicidas
Leva o monstro cruel, debalde ajunta
As forças suas d'Epidauro o Nume,
O mal contra os obstaculos conjura;
Então das negras mãos mais luto espalha.
Os precursores hórridos do Monstro,
Mais triste assustador qu'a Marcia tuba
Quando á carnage, á morte as hostes chama,
Ao golpe dão signal; cinzentas manchas
Entre sulfurea côr vagão no rosto,
O sangue perde a purpura nas veias,
Ora tardo, ora rapido se agita;
Livida sombra os olhos embacia,
Vital respiração da bocca apenas
S'exhala intercadente aos turvos ares;
Gretada lingoa, denegrida, e seca
Na corrompida bocca immovel fica;
O ar qu'o peito exhala immundo, e grosso
Os já corruptos ares mais aggrava;
As torradas entranhas ulcerosas
Jámais se abastão da corrente linfa.
Assim de Mantua o Cisne altisonante
Do manso gado pinta o estrago horrendo;
Alli descubro o Touro corpulento
Junto ás Aras morrer, antes qu'o golpe
Sinta do sacro ferro. Assim sem brio
Vejo expirar o férvido Ginete;

O Ente racional victima he triste
Tambem dos golpes seus, e a mesma chaga
No corpo universal lhe come os membros;
Entre clamores horridos, e tristes,
Entre espantosas convulsões, e dôres,
A vida chega aos ultimos arrancos.
O laço social subito estala,
Das mãos arroja Themis a balança,
Morre o Commercio, as Artes esmorecem,
As doces fontes do sustento, todas,
Horroroso Espectaculo! se estancão;
As largas praças de expirantes corpos,
Ou já frios cadaveres se alastrão,
Novas mortes de si, putridos lanção;
Perde a amizade a força, amor expira,
Prantea consternada a Natureza,
Não se lhe segue a Lei, nem ouve o brado:
Froxos braços debalde o velho estende,
Triste implora soccorro á Esposa, ao Filho,
De seus gemidos espantados fogem;
Teme a morte em seus ais o Filho, a Esposa.
Agonizante, pallida donzella,
Do Amante, hum tempo, no magoado seio
Quer a vida exhalar; foge de vê-la,
Nega-lhe a doce mão, nega-lhe auxilio
Esse qu'outr'ora hum Ceo via em seu rosto.
Arreda a Mãy do peito espavorida
O mesmo Filho, o amor, a imagem sua.
Oh alma Natureza, oh Mãy dos Entes,
Olha a morte o que faz, piza teus foros,
Tuas Leis desconhece, e laços quebra.
O Globo ardente, que nos traz o dia,
S'embuça em nevoeiro horrendo, e triste,

Como sentido de desgraças tantas,
No luto universal s'envolve, e esconde.
  Do ar ouviste os bens, quando conserva
Seu corpo intacto; descobriste os damnos
Que traz quando se altera, ou se corrompe;
Inda móres desgraças, e ruinas
Nos póde produzir, s'encadeado
As austeras prisões, e os ferreos laços
Co' a rija força elastica desata.
Funesta condição, funesto estado
Dos miseros mortaes! E quantos males
Juntou á Natureza a mão do crime!
E acaso inda era pouco o golpe extremo!
He desgraça a existencia, a morte he pena.
Toldão-se os claros Ceos, subito fogem
Dos assustados olhos: repentina
Parece surge a noite, escura, e feia,
Rompe o triste clarão d'hum pólo a outro,
Rasgão-se as nuvens, subito chammeja
O rapido relampago medonho:
Apagada a sulfurea labareda
Redobra a noite a triste obscuridade;
De novo fuzilou, das nuvens rompe
Com berro estrepitoso o fogo, a morte.
O raio abrazador, horrendo filho
De sulfureos vapores, e nitrosos,
Com toque horrendo s'inflammou nos ares,
Que rarefeitos, nas quebradas nuvens
Deixa livre a prisão, e em liberdade
Com pavaroso estrondo estala, e desce.
Deste fogo subtil, parto do Inferno,
Electricas porções, qu' effeitos obrão
No seio maternal, fica abrazado

Sem vêr do dia a luz mimoso Infante;
Quasi antes de viver, já soffre a morte.
O fogo voracissimo não sente
Triste, attonita Mãy, qu'o fogo envolve.
O raio assustador da tempestade,
Medonha producção! rasga as nuvens,
Enfia o crime, o incredulo desmaia.
Não fórma os Numes o terror, não fórma,
Mas quando toca o Ceo, conhece o Eterno
O vicio qu'o negou; surge o remorso,
Do erro a voz, e da illusão se cála.
Porções heterogeneas se misturão,
Enxofre, sáes, e fogo, oh quam terriveis,
Que pavorosas são quando fechadas
Da terra dura no cavado seio,
Força occulta e sympathica as opprime!
S'hum toque só de fogo o enxofre accende,
Se dilatado o ar quebra as cadeias,
E nas Cavernas horridas s'espande,
Eis já rebombão nos profundos valles
Horrisonos bramidos; vacillante
E já convulsa a Terra abre as gargantas,
Em seu seio outra vez engole os montes,
Que de seu seio despedíra outr'ora.
A vista espavorida em grossas ondas
Descobre rios de betume acceso,
E pelas ondas turbidas aboia
Enxofre esbrazeado, que devora
Em torno os largos Campos cultivados.
Muge horrendo Vezuvio, da espumante
Bocca vomita refervente lava,
De fumo grossas nuvens enroladas,
Grossos chuveiros d'estuantes cinzas.

Mas os filhos da Grecia mentirosa,
Mãy de agradaveis fabulas, e versos,
Da ignivoma montanha não souberão
A causa natural, são fumo, e brazas
Qu'o sepultado Encélado arremessa,
Gigante audaz, qu'o refulgente Olimpo
Quiz escalar, desconhecendo os Numes;
Em tanto o raio abrazador desfecha
O provocado Jove, e nas entranhas
Do accendido Volcão sepulta o monstro.
Dentro dos negros carceres resoa
Doloroso clamor, se move o corpo
A montanha se inclina a hum lado e outro,
Rebenta novo incendio, ao longe tremem
Espavoridas de Trinacria as praias.
Profunda allegoria onde descobre
A vista perspicaz castigo, e pena
Do atrevido sacrilego que piza
A Lei, que traz nascendo impressa n'alma,
Lei qu'a distancia, s'he possivel, mede
Que vae do Nada ao Creador Supremo.
Entre cabeços d'orgulhosos montes
Tu não vês profundissimos abysmos,
Onde a vista se perde, ou se deslumbra?
De tanto precipicio, escuro, e cégo,
Serião causa rapidas torrentes,
Qu'impetuoso curso entre rochedos
Tem já por tantos seculos volvido?
S'he possivel rasgar o magestoso
Escuro véo, qu'a Natureza envolve,
Seria acaso o mar medonho, e turvo
Cobrindo o vasto Globo, que deixasse
Quando de todo s'estreitou nas margens

Entre montes, cavados precipicios?
Foi minha esta illusão, mas d'outra Causa
Nascêrão os profundos espantosos
Abysmos que tu vês; ligado, e preso
O ar no centro do rotante globo,
O fogo o rarefez, então quebrando
Insoffrido o grilhão, já livre, e solto
O seio rasga á maquina convulsa,
Então se despedaça, então do centro
Novas torrentes espumantes lança.
Dos rios muda a rapida corrente,
Ou lhe estanca a fonte, e as agoas sorve,
Com o choque horrendo o pedregoso monte
Se fende, e estala, se submerge, e foge,
O cégo abysmo subito apparece.
Alem vasta Metropoli soberba
Co'a violencia do terreste abalo,
Pelas entranhas lobregas se afunda,
Sorve-lhe a terra os muros, os palacios,
Nem s'escuta clamor, nem voz, nem pranto
Dos miseraveis engolidos nella.
O sitio onde existio, debalde inquires,
Tão repentina sepultura a fecha.
Teus tristes Pais os torreados muros
Da cativa Lisboa assim no abysmo
Vírão entrar, e sepultar-se; todos
As ondas vírão do ceruleo Tejo
As metas naturaes transpor furiosas,
E os sete Montes co'a sublime frente
Jogar, tremer, e vacillar nas bases;
Dos Arcos, dos Palacios, Templos, Aras,
Ou não vírão lugar, ou vírão cinzas.
A tantos quadros desastrosos sigão

Risonhas perspectivas, olha as Messes
Formar cadeias de douradas ondas;
Não vês tremendo das virentes Faias
Troncos flexiveis, folhas vicejantes?
Não vês crespas correr do rio as agoas?
O brando vento com benigno assopro
Taes bens derrama de principio ignoto,
O effeito sentes só, e a causa ignoras:
São da Escola as hypotheses obscuras,
Dizem qu'a forte exhalação da Terra
Comsigo aos ares liquidos atira,
O Sol a chama, os ares a repulsão,
Da rija collisão se fórma o vento
Mais forte, se he vapor, mais grosso, e denso,
E d'hum tenue vapor Zefiro nasce.
Mas quanto a recatada Natureza
Em seu Sacrario esconde! Os bens gozemos,
E deixa as Causas ao Motor Supremo.
Que bens trazeis ao Mundo, ignotos ventos!
Vós renovais o ar com puro assopro;
Hides depôr nos Campos ubertosos
Os ferteis saes, os sucos creadores.
Vós só fazeis cortar liquidas agoas,
Se as velas enfunais da Náo ligeira,
Vos embotais as settas penetrantes
Do frio que no Inverno os ares corta,
E nos Climas por onde o Sol fervente
A prumo os raios lucidos dardeja,
O fervor moderais batendo as azas.
A temperie do ar por vós se nutre;
Trazeis, ou supprimis a chuva, e gelo,
E sacudindo as arvores tufadas,
Quanto podeis lhes sazonais os fructos.

Fazeis communs os bens d'oppostos Climas,
Tão grandes fins a Providencia teve.
Quando os ventos formou, não quiz por certo
Qu' as legiões armigeras levassem
A devastar os Incolas tranquillos
D'estranha região qu' o mar divide;
Nem quiz qu' as Náos velivolas puzessem
Frente a frente (qu' audacia!) sobr' as ondas
Das ferreas boccas vomitando mortes,
Como se fosse a Terra hum campo estreito,
Em qu' humana ambição derrame estragos.
Mas ah! qu' os ventos insoffridos trazem
Com seus proficuos dons tambem desgraças!
Eis nos ares diafanos s'escuta
Rugir do Norte o berro estrepitoso;
Vôa o Noto batendo humidas azas;
Perturba, enluta o Ceo o que das praias
Nos vem, donde nascente assoma o dia,
Enrola, engrossa acastelladas nuvens.
Eis contra todos se amotina o vento
D'occidental Nereo, qu' o Imperio turba;
Que damno horrivel, que medonho estrago
Aos ferteis campos traz guerra tão crua!
Engrossa o furacão, rebrama, e tôa,
O medo o precedeo, o estrago o segue,
A luctuosa tempestade, a chuva;
Tristes vestigios de seus passos deixa;
Longevos Choupos, rigidos Carvalhos,
Mostrão ao Sol incognitas raizes,
Desprendem-se d'alpéstres serranias.
Penhascos que fendêra o raio acceso,
Com pavoroso baque aos valles descem.
Que triste quadro os campos representão!

E mais atroz os empolados mares
Da China, onde o Tufão revolve as ondas,
E tapa repentino os Ceos, e os Astros!
Do Marinheiro audaz se mostra aos olhos
Ao longe n'Horizonte a negra mancha,
Germen da feia, subita procella.
Inda qu'hum meigo Zefiro enganoso
Afague o solto panno, e nelle brinque,
Subito ferra: ao pallido Piloto
Nas denegridas nuvens que s'ajuntão
Da morte a triste imagem s'apresenta;
Arde o ar em relampagos medonhos;
Antes da noite a sombra luctuosa
Tapa a vista dos Ceos, nos mares pousa,
Brame o Tufão, as ondas se amotinão,
Humas nas outras embatendo estálão.
Taes se observão Exercitos contrarios
Nos campos teus, e frigidas montanhas,
Oh Germania infeliz, e Hesperia afflicta,
Acommetter se em fervida peleja.
D'entre nuvens de pó, de fumo espesso,
Com riso amargo, despiedada Erinnis
Vê qu'os humanos não precisão della.
Em quanto a triste humanidade geme,
Busca o guerreiro audaz victoria, ou morte,
Do negro infernal pó, do ferro agudo,
Do globo acceso, que se parte o estrago,
Atiça mais a rabida carnagem;
O campo ensanguentado aos olhos mostra
Os troféos d'ambição, da gloria o fructo.
Tal he dos mares fervidos a Scena
Se o Tufão deu sinal, e a guerra accende.
O fogo qu'o Vezuvio exhala ardente,

O raio velocissimo, a tormenta,
Da Terra as convulsões, e o Vento insano,
São na mão do Immortal prontos flagellos;
O Spinozista incredulo não sente
Nelles o seu poder, nelles seu braço:
Só vê modificada a inerte massa
Sem designio, sem leis. Oh Deos Supremo,
Com tua immobil luz rasga-lhe a sombra,
E na desordem parcial conheça
O Sello augusto, que puzeste em tudo.
Encerra occultos bens hum mal qu' he visto,
Tantos estragos de instrumentos servem
A' vingança immortal: a voz do raio
He grito atroador qu' os máos assusta,
Inda que d'ouro, e purpura se vistão.
Tristes desastres, tristes mortandades
Do crime açoutes são, dos Ceos a espada,
E quanto mais tardia os golpes poupa,
Mais agra, mais cruel traz a vingança.
Tem sombras d'Universo o quadro augusto;
Dão mais realce á Luz, á Formosura,
Qu' em suas Leis inviolaveis mostra..

Mas este fogo elementar, qu' he sempre
Na sua essencia incognito aos humanos;
Este pasmoso fluido, qu' abrange
A Natureza inteira; este elemento,
Faminto, assolador, ao Sol não deve
O calor inexhausto, a força activa,
Sómente o deve áquelle a cujo braço
A existencia deveo. Elle lhe imprime
O penetrante móto accelerado,
Elle nos corpos o concentra, e guarda,
Inda que livre, impetuoso espera

A voz da vibração. Eis rompe os laços
Quando dous corpos solidos se ferem;
Então sahindo subito do seio,
Onde até alli viveo, resalta, e brilha
A lucida faisca, e se outro corpo
Junto acaso encontrou, se prende, e atea
Em vasto incendio, chammas crepitantes,
Particulas subtis de fogo inquieto
Do centro aos ares liquidos se lanção,
Se na passagem rapida não achão
Nova materia, subito se perdem.
Mas incognita a nós julgas, qu'he essa
Substancia elementar? Qual atrevido
Prometheo despregou, desfiro as azas
A devassar da Natureza o seio,
Agras veredas, ingreme caminho!
Mil conductores me offerece a Escola,
Mas entre tantos dividido fica,
Suspenso o vôo do fervente engenho:
E quando em céga, sempiterna guerra
Ferve orgulhosa opinião dos Sabios,
Então foge a verdade, a luz não brilha,
Só quem ouve a razão co' a estrada atina;
Só por guia aos mortaes do Ceo foi dada
No imperio filosofico: com ella
Só chegar posso da verdade á fonte.
Ao que medita, e vê se apraz mostrar-se
Sem véos em claro aspecto a Natureza,
Só pela voz da experiencia falla,
E a soberbas hypotheses se rouba.
Não existe hum lugar no Ceo, na Terra,
Onde homogeneo, simplice, só, puro,
Assento firme tenha, e reino o fogo.

O mar, a terra, os ares estendidos
Em si contém particulas diversas.
O Supremo Motor parte do fogo
Unio ao Sol, ás tremulas Estrellas;
E dispersas porções de fogo occulto
Nas ondas encerrou, no ar, na terra.
He substancia subtil, ligeira, e viva,
A quem luz, e calor continuo seguem,
E o mais ignoto ás gárrulas Escolas.
  Este vivo elemento, que penetra,
Qu'anima a Natureza, derramado
No ar qu'o nutre, a força, actividade
Deste fluido traz, e effeito he delle
A viva acção que tem; quanto he mais denso,
Mais cresce seu calor, e as leis ao fogo
Dicta dest'arte o ar, e ao ar seguindo,
Se atiça, ou se amortece, e pronto sempre
A seu sabor lhe dá rapida fuga,
A seu sabor os passos lhe entorpece,
E se em paz se mantem, se equilibrado
O fogo vive, liberal nos manda
Mil venturas, mil bens; mas s'elle perde
Este equilibrio, que desgraças tece!
Tu és da Natureza, oh fogo activo,
Agente principal; vivido, pronto,
Em seu Corpo vastissimo t'espalhas
Germen da Vida. As Ondas procellosas,
Se mór frio lhes tolhe a acção do fogo,
Subito em corpos solidos se mudão,
O mar septentrional dest'arte em jaspe
Tu vês mudar, se Aquario entorna as urnas,
Se não aquenta o ar, entorpecido
Vellos de crespa neve o ar derrama,

Sem fogo se amortece a Natureza.
Nas mãos do Lavrador, rebelde a terra
Sem fogo o fructo nega, e já não veste
O verde manto que tapizão flores.
Tempo virá, qu'os seculos não párão,
Em qu'até no Equador se extinga o fogo
Qu'ora ferve no seio ao terreo Globo,
Qual nos Polos já vês amortecido,
Onde a vida acabou, e a morte habita.
Oh Vate harmonioso, oh Vate egregio,
Tu do Pindo brazão, de Mantua gloria,
Eis d'assombrosa Maquina do Mundo
A Mente agitadora, qu'ao luzente
Globo da Lua, ao luminar do dia,
Ao largo campo, ao mar, á mole immensa
Dá vida, e movimento, mas qu'a força
Só tem daquelle que creára o fogo.
Este Supremo Artifice derrama
No Elemento voraz o assopro activo,
Por elle a força electrica penetra
Esse Globo onde estás, e os Ceos qu'observas,
Força qu'os Corpos solidos desune;
Nelles o fogo se introduz, e os fortes
Poderosos obstaculos rompendo,
Tudo dissolve, e funde, e volatiza,
Mas nunca sem combate os vence, os doma,
Armão-se todos de dureza, e buscão
Seus golpes rebater, mas cresce, e brame
A voz do féro assalto, e triunfante
Deixa negros carvões, ou cinza, ou nada.
O vencedor indomito e soberbo,
Inda que forte, impetuoso seja,
Mais viva, e brava força reconhece

No globo ardente que nos traz o dia.
No vitreo fóco a chamma concentrada
Penetrantes revérberos dardeja,
Derrete o ferro, os marmores calcina.
Oh Vencedor de Siracuza illustre,
Magnanimo Romano (se a verdade
Acaso a Fama diz), tão viva chamma
Teus Baixeis abrazou, desfez em cinzas:
Hum só braço deixou dubia a victoria.
Velho meditador, vencendo a sombra,
Qu'os vagarosos seculos lançárão
Nas doctas Artes, nas Sciencias todas,
Qual desmedido Briareo te abraza
No mar ao longe os lenhos torreados;
Queima no campo as maquinas, que fórmas,
Com fulminante mão, qual Jove irado,
Raios, e raios sem cessar desfecha,
E se infame traição não prosperasse,
Vendendo a Patria a Roma vencedora,
Aquelle mesmo que zombou d'Athenas
Talvez qu'ás Aguias timidas fizera
As azas encolher, dos ferros livres,
Talvez folgassem da Trinacria as praias.
Taes bens o Fogo activo ao Mundo outorga
Quando desprega o manto a noite umbrosa;
Elle, qual Sol, as sombras afugenta
Em quanto prende, e se alimenta nesse
Trabalho das solicitas Abelhas.
Com força animadora nos prepara
Viandas que mantem da vida a têa,
Demorando da Parca o ferro agudo,
Da Medicina os Simplices apura,
Que suspendem da languida doença

A fria mão. Enregelado Inverno
De furacões armado em vão campêa,
Bemfazejo calor lhe embota as settas.
Derrete, abranda no inflammado seio
O solido metal, que na Bigorna,
Obedecendo ás Leis do sabio Artista,
Se alonga, e veste de feições diversas.
Mas que novo fulgor! Brilhantes vidros
Obras são suas, liquidos do fogo
Aos ares vem, mas solidos se tornão;
A transparente massa a entrada tolhe
Aos bravos ventos na Estação gelada;
Até da Natureza o seio occulto
A' vista indagadora desabrocha.
Infindos Entes não sabidos mostra,
Impalpaveis ás mãos, e á vista ignotos.
O Campo azul dos Ceos nos aproxima
E torna os homens Cidadãos dos Astros.
Taes tem sido teus dons, nobre Elemento,
A tál preço compraste Altar, Incenso,
Que nos antigos seculos de sombras
O Persa adorador te consagrava.
Inda te presta culto, inda te acata
O que bebe no Hidaspe, inda te adora
Dentro do Templo o morador do Ganges.
Tu viste como até no centro escuro
Tem da pesada Terra o Fogo imperio,
De lá mil vezes para os ares manda
O fumo espesso, a labareda, a cinza,
Qu'aos olhos rouba o Sol, ao Mundo o dia.
Pelas gargantas de abrazados montes
Este incendio central se arroja, e sobe,
Torrentes subterraneas donde nascem

Sulfureas agoas fervidas, que torna
Uteis á vida a mão da Medicina;
Tudo no triste cavernoso seio
Da Terra mostra o fogo agrilhoado.
Das varias producções da Natureza
Inexhaurivel fonte, almo principio,
Manda subtis particulas, que prontas
Co'a seve vegetal nas plantas girão.
Nas sombrias prisões dest' arte impéra,
Assim deve existir, té qu' o momento
Chegue, em qu' o som da tuba estrepitosa
Dê medonho sinal : quando espumante
Com terrivel bramido o turvo Oceano
A méta ha de passar, qu' a mão do Eterno
Ora assignala ás ondas, que se enrolão,
E da praia outra vez timidas fogem.
Das celestes abobadas o lume
Então se ha de apagar : como assustados
Hão de fugir os Ceos, e a dura Terra
Dos eixos saltará feita em pedaços;
O Fogo livre então dos ferreos cepos,
E já dos corpos desunido, e solto,
Tudo consumirá. Não d'outra sorte
Indignado o vastissimo Oceano
De ser escravo vil, força os reparos,
Qu' os incansaveis Bátavos lhe punhão,
Cobre as Cidades, e confunde os Campos;
Onde era Hollanda he mar, onde era terra
Busca debalde o navegante absorto.
Vive em roda de nós, vive espalhado
No immensuravel ambito dos ares,
Agente universal, faminto, e pronto
A devorar, a consumir o Mundo,

Se o Supremo Motor omnipotente
Não lhe lançára hum freio ás bravas furias;
Se não contèra a mão reguladora
Dos Elementos a discordia, e guerra,
Então, perdida subito a harmonia,
Na antiga confusão, no antigo nada
Tão formoso Espectaculo cahíra.
Profunda Sapiencia, eterna Força,
Teus bens contínuos são, teus bens são novos,
E sempre antigos, e fecundos sempre.
Pudeste, Mirabaud (s'és tu daquelle
Impio volume Artifice profano),
Desconhecer hum Deos principio eterno!
Tanto no Coração domina o Crime,
Qu'a mesma Luz da Natureza offusca
Com seus pesados, turbidos vapores;
A audacia dos mortaes s'escuda, e arma
Tambem co'a força indomita do fogo;
Não basta o ferro, se não vae com elle
A' lide, onde a ambição diz qu'acha gloria,
Que da virtude, e paz sómente he filha,
Invenção d'hum Germano; o cégo acaso
Delle fez hum trovão, fez delle hum raio,
A cujo estrondo a Terra balancea.
Impetúoso sahe de ferreos tubos
O globo acceso, que conduz a morte:
Altas torres converte em cinzas frias,
Ficão ruinas os soberbos muros;
Rompe outro globo, e rapido descreve
A terrivel parabola nos ares;
Com subito fragor despedaçado
Leva a tudo a ruina, a tudo a morte;
Sobre as bases das ingremes muralhas

Que cem canhões horrisonos defendem,
Por entre mudas sombras vão cavando
Os duros braços dos guerreiros : fórmão
Subterranea caverna; alli s'esconde
Sulfureo pó : que danos, que ruinas
Dalli vão já nascer! Rebrama a Terra,
Espantoso trovão vomita a morte,
Ou na escura vorage engole os muros,
Ou pelo ar com corpos desmembrados
Entre cerrado fumo as pedras voão.
Coberto fica ao longe o campo extenso
De estragos, de cadaveres, de sangue.
Quebrado escudo de Cambaia, oh muros,
Oh baluarte da soberba Diu,
Timbres do extincto Lusitano esforço,
Sentírão vezes mil tão duro estrago
Dos altos muros nos fumantes restos
Entre nuvens de fumo, e pó sulfureo.
O Portuguez magnanimo não teme
Dos vulcaneos canhões o estrondo, o raio,
O natural valor lhe forra o peito
De triplicado bronze impervio ao susto.
Quasi arrazada he Diu, e assim triunfa,
E as eneas boccas, que vomitão raios,
Manda, eternos trofeos, e gloria, ao Tejo,
Em quanto em torno das muralhas ficão
Estendidos no campo os alvos ossos;
Por entr' elles, continuo, erra indignada
Do vencido Sofar medonha sombra.
Dest' arte em nossas mãos he raio ardente
Esse sulfureo pó, qu' o Mundo assola.
Este Elemento, dadiva do Eterno,
O torna em assassino a raiva humana;

Tal força tem de nós, e o Ceo qu' he justo
Pune com elle os crimes, e os culpados.
Mas o mortal dos Elementos todos
Sem acordo e razão, s'escuda, e arma
Para exterminio seu : da mesma Terra
Fórma o theatro das desgraças suas;
Elle a desdenha, ultraja, e s'envergonha
Quasi de a ter por Mãy, por domicilio;
A cultura despreza altivo, e louco,
Do arado o liso ferro alonga em lança,
Converte a curva fouce em dura espada,
E contra a propria especie a cinge, empunha,
Nascendo agricultor, morre guerreiro.
Degenerado da impulsão primeira
Que lhe imprimíra a mão da Natureza,
Da doce agricultura ao campo foge,
Em qu' a céga ambição de sangue abaste;
O Estado natural não foi da guerra
Antes que a dura sordida Avareza
Na Campina commum cravasse hum marco,
Da triste voz de = Meu = peior qu' o raio,
Então soárão lagrimosos Eccos.
Vivia Astrea com os mortaes, vivia
O fraternal amor, e a paz ditosa;
Do fertil Campo habitador tranquillo,
Era justo sem Leis, recto sem medo;
Era a innocencia escudo impenetravel.
Não hia o ferro da fatal bipenne
As Faias profanar nos altos montes
Para sulcar o mar de ignotos climas;
Nem largos muros, nem profundos fossos
Das Cidades o circulo fechavão.
O medonho fragor da marcia tuba

Nunca assustava os timidos ouvidos,
Nem amorosa Mãy á voz da guerra
Ao peito os filhos enfiada unia.
Se havia ferro então, servia apenas
Para ajudar a fertil Natureza,
Pouca cultura aos Incolas pedia
A Madre Terra; sábia Providencia
O trabalho mandou; rouba com elle
Aos braços dos mortaes ocio indolente.
Inda ficárão de ventura tanta
Alguns vestigios na mudada Terra;
Olha onde as frias ondas cristallinas
Revolve o Senegal entre arvoredos;
Alli aos rudes Incolas ditosos
Dá tudo a Natureza, e nada o luxo.
A mui pouco suor responde a Terra
Com fructos, qu'o desejo excedem muito;
São de todos, e d'hum, quaes vêm nos ares
Plumoso bando sem disputa ao pasto
Chegar unido, festejar contente
Os espontaneos dons da Natureza;
Assim dos fructos se apascentão ledos
Qu'a terra a todos Mãy, produz a todos;
Na tranquilla familia as Leis promulga
Imperio paternal, de Imperios norma
(Qu'hum Rei he Pai commum, familia o Povo).
Reina a concordia conjugal, e reina
A pura fé dos thalamos sagrada,
Dormem sopitas as paixões no peito.
As altas rochas, os fragosos montes,
Cujas bases sereno inunda o rio,
Embora nutrão no fecundo seio
Ricos metaes, os idolos do Mundo;

Só deu luxo, e cubiça o preço ao ouro;
Em si mesma he frugal a Natureza.
A's precisões da Vida o pouco he tudo,
Não cultivados fructos lhe apresentão
D'hum lado, e d'outro as arvores curvadas.
Extinctos Animaes lhe dão vestido,
Qu' ao pejo natural sirva d'escudo.
Tal o retrato dos Mortaes primeiros
Té qu' huma Furia do profundo abismo
Surgio no Mundo; da empeçada grenha
Huma serpe arrancou, lança-a no peito
Do mesquinho mortal, lavra o veneno
Da soberba ambição, do amor infausto
De ter, de possuir: rompe a Soberba,
Dos males todos desgraçada origem,
Pejo, verdade, e fé, subito fogem:
Occupão seu lugar a intriga, a fraude;
Agução as traições punhaes occultos;
Ousado Navegante as velas larga
Aos ainda ignotos ventos; vem dos montes
Para insultar o Mar cavados Pinhos.
Avaro medidor retalha, e marca
O chão qu' era commum, qual luz, qual vento;
Não bastão Messes, que produz a Terra;
Do seio o bronze, os marmores lhe arrancão,
E o ouro, qu' escondeo quasi envolvido
No Estigio Lago, nas Tartareas sombras,
Trouxe com elle o ferro, e a mão sopéza,
E vibra afouta a lança crepitante;
Campêa a céga força, e tarde sente
Da Justiça o clamor, das Leis o jugo;
Os laços fraternaes se despedação,
A Inveja os quebra; se não póde occulta

Seu veneno entornar, livida fronte
Alça sem pejo, sem rebuço ataca:
Ella nas mãos do Fundador de Roma
Ergueo primeiro o ferro fratricida;
Ella, talvez na rigida Bigorna
Bateo primeiro refulgente espada,
E não soffrendo o merito, e virtude,
Da terra afugentou justiça e pejo;
Aos aureos dias do nascente Mundo
Fez succeder os seculos de ferro.
A vaidade reinou, deu Leis o luxo;
Porém no seio de ignorados Campos
Dos primeiros Mortaes a imagem fica.
Tu viste, ó Senegal, quadro risonho,
Vive, e vive feliz, e em ti desponte
A luz que vem do Ceo, e a paz a leve;
Desde o Berço teus incolas ditosos
Felizes irão ser nos Astros sempre.
Salve, terra innocente, infesta nuvem
Jámais tolde teus livres horizontes,
Nem solta tempestade as ondas turve
Do rio, que teus Campos fertiliza.
Descão os raios ás soberbas Torres,
Qu' o fasto levantou, e o fasto abrazem
De prepotentes monstros. Que valia
Tem arcos triunfaes, porticos vastos,
Marmoreos tectos, alizares d'ouro?
Ingratissimo alvergue, onde passea
Sobre terraços lucidos a Pompa,
A Soberba incivil, o insano Luxo,
Onde em sofás de purpura adormece,
Ministra do Prazer, a vil Molleza,
Que perfumes Arabicos respira.

Da rica veste, e morbidos Cabellos,
Qu' a nós do estado natural tão longe
Nos fez degenerar. Tu, Roma, o sabes,
Qu' a pouco e pouco os rigidos costumes
De teus grandes Avós viste eclipsados,
Os Templos teus, as Thermas, os Theatros,
O Foro, as Pontes, os famosos Circos,
Hoje ruinas são, posto que eternas.
Corra a admirar-te o Idolatra do Luxo;
Eu tranquillo Filosofo só posso
Do Capitolio nos dispersos membros
Lêr a triste Inscripção d'orgulho humano,
E sepultada nas caladas cinzas,
Da immensa móle nos dispersos restos,
A imagem descobrir da Idade de Ouro.
Oh imagem feliz, qu' inda hoje póde
Reproduzir-se em solitaria Aldêa
Do inculto Senegal, qu' eu roubo ousado
Do mudo esquecimento ás sombras frias,
Não sem inveja de pomposo Emporio
Levo nas azas de não baixos versos
A despertar a candida virtude
No Coração (s'existe) onde se aninha.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

A NATUR

CANTO TERCEIRO.

Já vai rapido o Sol no ethereo coche
Buscando, Alcipe, as ondas d'oceano,
Já brilhão nos remotos horizontes
Purpureas nuvens recamadas d'ouro;
Ligeira viração co' as niveas azas
Torna mais fresco o ar, mais doce a tarde;
Oh qu' aprazivel o momento chega
De contemplar a Natureza! Agora
Minh' alma no spectaculo embebida
Se dava a contemplar. Comtigo ao lado
Por cima dos inhospitos rochedos
Hiremos vêr o mar : por elle a vista
Filosofando alongaremos hoje.
Cinge a candida veste, e deixa ao vento
Que nos hombros t'encrespe as aureas tranças
Sem arte bellas mais; que a Natureza
Em ti só basta, que no Edem foi tudo

A' mui credula Mãy : eia observemos
Liquido campo azul, qu'a vista illusa
Co' os arqueados Ceos confunde, e pega.
No fundo abismo, e trémula planice
Descobre hum rasgo da immortal Belleza;
Em quantos Seres suas ondas guardão
Vê do Eterno o poder, do Eterno a gloria.
Manso, e quedo huma vez, tranquillo, e liso,
Outra revolto, e bravo, entumecido,
De inconstancia, e de guerra amplo theatro.
Com suas ondas cérulas abrange
Por toda a parte o ambito da Terra,
Origem de thesouros d'Universo,
Laço, qu'une as Nações, qu'ajunta os Povos.
Oceano vastissimo, qu'objectos
Mostra na undosa fluida campina!
O esmalte que tapiza, e veste os prados,
Unido ao vivo azul do ethereo assento;
Que doce calma as ondas lhe agrilhôa!
Mal orvalhosos Zefiros co' as azas
Lhe encrespão brandamente a superfice,
Dos Tirannos dos ares a cohorte
Brame encerrada nas Eolias grutas,
Dos mudos Cidadãos a copia ingente
Da calma se compraz, gira brincando,
As espraiadas ondas sobre a arêa,
Com ligeiro susurro, a branca espuma
Erguem, batendo. A Fabula diria
Que volvem ledos Alcionios dias.
Assim cortava o mar, surgindo a Aurora,
Na viçosa Otaiti, Cook atrevido,
De mui longe balsamicos perfumes
Derramados no ar ledo sentia,

Que s'exhalavão da encantada Terra
(Feliz, qu' a Europa armigera ignorava).
Mas ah! qu' a paz se turba, irado, e rouco
(Repentina catástrofe) rebrama;
Lá vão subindo furiosas ondas,
Voragens profundissimas se fórmão,
Qu' os miseros baixeis sorvem, de novo
Sobre as quebradas vagas os vomitão,
D'agoa huma serra n'outra embate, estála,
Ao longe sôa horrisono bramido,
Fuzila o ar toldado, estende a noite
Fechada, e triste as azas pavorosas.
Ao rouco som das ondas se mistura
Da tempestade a voz, trovões rebramão,
Mostra o trisulco lume o horror, e a sombra,
Encapelladas furiosas vagas
Tudo vão submergir, humidas praias
Já limites não são . . . porém não temas,
Ferreo, e terno grilhão ao mar bramoso
Lançou na molle arêa a Mão do Eterno,
Sempiterno decreto alli presente.
Luta comsigo, e timido se afasta
Sem transgredir os terminos prescriptos.
Tal vio terrivel Gama o mar fervente
Só das Focas té alli cortado, e visto,
Quando ao montar do Cabo insociavel
A barreira forçou, qu' a Natureza
Ergueo na Creação á audacia humana.
Mas vês agora rarefeitas nuvens
Que sobre as azas do mudavel vento
Já vão fugindo ao Sul, e a Calma torna?
Espantoso fenomeno! Da praia
Ora o mar se retira, em breve espaço

Cobrir virá de novo a praia undosa;
Viste ha pouco esse concavo rochedo
No mar quasi afundado, e que servia
Aò pensativo pescador de asylo?
Patente o vès agora, eis o prodigio,
Tormento, e pena do Saber humano;
D'antiga, e d'esta idade os Sabios todos
Sobre os livros em vão se afadigárão
Por descobrir o incognito segredo;
Ciosa a Natureza o fecha, o guarda
Dentro de sua obscuridade envolto;
Té do divino Uranio à luz, o genio
O denso escuro véo romper não póde.
A gloria do Immortal me opprime, e céga
Se, ousado indagador, lhe peço a chave
Dos aureos cofres, qu'os misterios guardão,
Fatal herança do mortal primeiro!
Se rompe n'horizonte a argentea Lua,
Então de Thetis no ceruleo imperio
Revolução maravilhosa observas.
Entumece-se o mar, cresce nas praias,
Outra vez se contrahe, deixando as margens.
No satellite nosso, argentea Lua,
Sympathica attracção descobre Uranio,
Que de lá chama a si voluveis ondas;
Quando attrahidas são, das praias fogem,
Porém se Febe no rotante coche
Desce, e se esconde n'horizonte, as agoas
Levadas de seu peso ás praias tornão.
De todo Uranio a hypothese não prova;
Inda envolta a deixou na espessa sombra.
Sobre as azas dos seculos ao Mundo
Virá descobridor, qu'os Ceos devasse,

Que mais qu' Uranio afouto, ou mais ditoso,
Arranque o grande arcano á Natureza;
Cumpre que idades mais, qu' huma não basta,
Em tão profunda indagação se gastem:
Qu' importa que do Euripo ignore o fluxo
O Sabio d' Estagira, se dos mares
A sempre fixa alternativa serve
A's mortaes precisões? Eu nella adoro
Do Supremo Motor paterno affecto;
Deixa qu' espire o Déspota da Escola.
Constante agitação, livra com ella
Do corruptor repouso o Eterno as agoas,
O infatigavel movimento espalha
Volateis sáes nos ambitos da Esfera,
Por onde os Seres animados vivem.
Agente universal s'embebe em tudo,
Destroe a corrupção, sustenta a vida,
E nas moradas liquidas anima
Dos mudos peixes a familia immensa;
Por elle aboião mais nas ondas frias
Os soberbos baixeis pejados d'armas,
Qu' arfando sahem das boccas do Tamisa
A colher n'Oriente inclitas palmas,
Ou Louros immortaes (qu' honra!) molhados
Nas turvas agoas do tremente Nilo.
O Sal volatizado s'encorpora
N' atmosfera qu' em torno a terra fecha,
Co' os turbidos vapores se mistura,
Qu' em chuvas bemfazejas se desatão;
Com ellas desce, os campos fertiliza;
Assim viceja a flor, vegeta a planta.
O Arbitro immortal desde o começo
Dos tempos, e do Mundo, e Seres todos,

O misturou nas ondas cristallinas:
Maravilhoso agente elle descobre
Do Eterno Animador, bondade eterna,
Produz em suas mãos fraco instrumento
Espantosos, insolitos prodigios.
Vê com que magestade o mar recebe
Dos rios perennaes constante feudo,
Nas suas ondas turbidas se lanção,
Nellas lhe expira a gloria, o nome expira
O Patrio Tejo, que volvêra o fulvo
Metal, Tiranno e Déspota do Mundo,
Por sete boccas o espumante Nilo
Da fonte já sabida arroja-as agoas,
O Araxes, que desdenha a ponte, e foge,
O Tigris violento, o largo Eufrates,
Qu'as ondas rapidissimas juntando
Entre as vagas do Persico Oceano,
Com bramido espantoso se confundem.
Em opposto hemisferio, em giro immenso,
O Mississipi, o rapido Amazonas
Já feito largo mar, no mar s'engolfa.
Mas dos thesouros, que no seio embebe,
De novo os rios tumidos s'engrossão,
E de seus campos liquidos s'apartão,
Em vapores sem numero attrahidos
Aos livres ares são, dos ares descem,
Pelas entranhas concavas dos montes
Se filtrão rapidissimos: renascem,
E de novo outra vez nas ondas morrem.
O mui fecundo ardor do Sol brilhante,
Que se comprime nos ceruleos mares,
O ar então dilata, o ar se agita,
E mais ligeiros torna os globos d'agoa,

Pela atmosfera liquida espalhados
Do ar co'o peso subito se igualão,
Fórma o denso vapor justo equilibrio,
De cujo seio a chuva se derrama.
Estes os bens qu' Artifice Supremo
Com mão paterna, e prodiga nos manda
Dos immensos depositos dos mares;
Beneficios sem numero, que sempre
Vejo reproduzir, porque lhe demos
O nosso coração, o amor, o incenso:
Dest' arte os vastos campos fertiliza
Porque ás fadigas dos mortaes respondão.
  Sinto agora na ousada fantasia
Mais vivo fogo arder : mais livres azas
Nos hombros sinto, ao vôo me preparo,
Com ellas varro a liquida planice,
Nos abismos do mar com ellas entro,
Com ellas sigo os mudos nadadores;
Que multidão sem numero! qu' immenso
De infindas gerações germe fecundo!
Huns pelas lapas humidas pegados,
Outros vagantes pelo equoreo Imperio
Em corso, em guerras, avidos de prezas!
Vôa comigo ao Polo enregelado.
Islandia, os mares teus são tronco, e reino
Da enorme, soberbissima Balea;
Rasga, afronta, revolve, opprime as ondas,
Pela espantosa bocca o mar sorvendo,
Por dous largos canaes açouta os ares,
Sobem vitreas columnas, que de novo
Feitas em branca espuma ás ondas volvem.
Olha o Clima tristonho, onde parece
Qu' o vivo fogo, qu' a motora força

Na entorpecida Natureza expire,
Onde nem verde musgo os Campos veste,
Onde a brilhante alampada diurna
Derrama como a furto obliquos raios,
Que não de todo as trevas afugentão.
Na Groclandia barbara, e sombria,
Deserto onde esmorece o fogo, a vida,
Por entre montes eternaes de gelo,
Qu' aboião pelo mar fervido, e grosso,
Seu triste alvergue tem, proprio he sómente
Tão vasto campo do Cardume immenso;
Olha a felíz audacia, o raro esforço
Com que a mão dos mortaes debella monstros,
Sempre industria e valor afrontão riscos!
Do fragil bordo de baixel pequeno
Farpada lança ao monstro se arremeça,
Lá se embebe no corpo, o sangue em ondas
Espadanando, purpurêa os mares;
Com elle vae correndo ao fundo algoso,
Crêras tormenta ser, ferve, borbulha
Sobr' elle já fechado o mar tremendo,
Esvaindo-se em sangue, urrando, expira;
A' superfice torna o Corpo exangue,
O marinheiro audaz da preza ufano
Leva o despojo enorme á praia nua,
Toda a cobre co' o corpo, e toda a assombra;
Sem vida inda assim mesmo assusta, espanta;
Dos hediondos membros desconformes
Em grossas ondas o licor distilla:
Do Polo o Cidadão destróe com elle
Cimmerias sombras de alongada noite,
Qu' abafa as regiões do frio, e morte.
Da vida almo vigor, o Sol brilhante

Froxo vislumbre a medo espalha apenas,
E furta o rosto ás solidões geladas,
Da Natureza tumulo, e da vida.
Desta medonha infausta sepultura
Onde não chega amor, qu'as mesmas plantas
Vara com settas de seu fogo activo,
Volve os olhos ao mar qu'a prumo aquenta
O luminoso Sol, por onde buscão
Outro Polo, outro Ceo, baixeis de Lisia.
Vê quando em calmaria o pinho ondeante
Pára no vitreo mar, qu' horrenda féra
Em torno delle turva o equoreo espelho;
Esporeada da cruenta fome
A preza espia qu'avida ataçalha,
Forrada a espadua traz de ferrea escama,
Impenetravel tunica! Medonhas
Cavernas profundissimas descobre
Se a fauce alarga, exercito cerrado
De agudas lanças lhe defende a bocca.
A vista perspicaz por entre as ondas
Ao longe a preza tremula deviza,
Mergulha ferocissima, d'hum golpe
No escuro ventre a esconde inda tremendo.
Terrivel Tubarão, dos vastos mares
He flagello, e terror, e a raiva sua
Na propria especie (horror!) se nutre, e ceva.
E quantos de medonha catadura
Peixes descubro, que nos salsos mares
Sempre em guerra, e carnagem se conservão!
He sua eterna lei, discordia, e morte.
Voragens profundissimas, de quantos
Feros monstros crueis vós sois alvergue!
Do feio Tubarão émulo o Serra

Deixa indeciso o louro da victoria.
O medonho rival tenta, e persegue,
Divide, e rasga o corpo do inimigo,
Ou morre, ou fica vencedor no Campo.
Olha onde o mar azul s'estende, e alarga
Aquem do Cabo frio; pelas ondas
Olha correndo o rapido Espadarte,
Vae provocar a singular peleja
A desconforme, tumida Balea,
Sem medo assalta o monstro fluctuante,
Montanha umbrosa; se do pego undoso
Ergue na lide hum pouco o corpo informe,
No largo seio os golpes amiuda,
E combatida, desangrada expira.
Apoz elle correndo, a altiva fronte
De longa eburnea ponta armada sempre,
Unicornio do mar com ella assusta
Os pavorosos Incolas das ondas;
Nas duras costas dos baixeis s'encrava,
Donde tirada o Gabinete enfeita
Do tranquillo amador da Natureza.
Ah! não te assombres da cruenta guerra,
Que ferve accesa nos equoreos monstros:
Ella he fisico bem, que a providente
Mão do Immortal derrama, assim se apouca
A feroz raça qu' assoberba os mares,
Dos nadadores timidos dest' arte
Se aumenta a geração, conserva a especie.
Mas que ledo espectaculo devisas
Sobre a campina liquida, qu' apenas
Encrespa o meigo Zefiro co' as azas?
Hum Cidadão das ondas transparentes
Erguendo a fronte aos Nautas se descobre,

E brinca pelo azul campo espelhado,
E não s'espanta com a terrivel vista
Do homem, qu'encerrado em fragil lenho
Ousa afrontar o mar, o vento, a morte;
De perto segue as Faias nadadoras,
De brilhantes escamas s'enriquece,
Em qu'o Sol se refrange, e aviva as cores,
Quaes tem no collo melindroso a Pomba;
Com rapida carreira as ondas corta,
Qual leve setta rasga os ares livres:
Eis o fagueiro Peixe a quem decanta
Antiga Poesia, e deo-lhe o premio
De ter roubado á morte o Vate egregio,
Qu'os duros Nautas (e tão broncos erão,
Qu'o milagroso toque d'harmonia
Não puderão sentir) no mar lançárão.
Quasi das negras ondas engolido
Com lastimosa voz seu Fado accusa,
Aos sons magoados da toante Lira
Do mais fundo do mar subito acode,
E sobre a espadoa lhe prepara hum throno.
Salva-se nelle o Interprete das Musas,
As Filhas da Memoria em doce accento
Sobre o Pindo seu nome immortalizão,
E foi levado a povoar os Astros.
Inda da extensa America opulenta
Não apartes a vista, attenta observa
Sahir do seio das profundas agoas
Pacifico rebanho, ao longe os mares
Co'os duros eccos dos mugidos soão;
Das Antilhas os Incolas remotos
Gozão deste spectaculo; dormentes
Alguns na praia concava s'estendem,

Outros trepando vão por escabrosas
Carcomidas do mar pendentes rochas,
Imagem viva dos rebanhos nossos,
Que pelo prado hervoso alegres pascem.
Só não vejo Protheo, Glauco ceruleo,
Qual agradavel Fabula nos pinta,
Qu' ao som do rouco buzio o gado ajunte.
Do mar os tira a sabia Natureza,
Ella os conduz ás humidas areas:
Formou seu corpo de diversos orgãos
Qu' em dous diversos fluidos existão.
Vivem no undoso pégo, as praias buscão,
Aura mais doce, e branda alli respirão.
O sono alli lhes prende os olhos froxos,
Diz-se qu' entr' elles hum pronto vigia
O bando que repousa adormecido:
Se o homem vê chegar (terrivel vista
Que lhes recorda imperio e tirannia),
Com trémulo clamor rompe o silencio,
A turba em sobresalto então desperta,
Foge, e nas ondas subito mergulha,
E sobr' ella se aplaina o mar fechado.
Transpõe agora do Thebano Alcides
As profanadas, irrisorias métas,
Vê no bolso do mar, qu' os restos cobre
Dos altos muros da rival de Roma,
D'estranha fórma desusados peixes;
Rompem do seio das ceruleas ondas,
E as auriverdes azas sacodindo
S'equilibrão do ar no espaço extenso.
Pasmas de vêr seu vôo? Entorpecidas
As froxas azas do adejar violento
Se precipitão subito nas agoas.

Mas a quaes fins o temerario vôo
Tu lhes quizeste dar, oh Natureza?
Tão estranho favor, tal beneficio
Da Providencia he prova, he della hum brado,
Contra as vorazes furias do inimigo
O corpo lhes defende, a vida escuda;
Desesperados d'escapar-lhe, deixão
Nativo berço o mar, e em novo imperio
S'esquivão do inimigo á força, ás iras;
Tal muitas vezes generosa Garça,
Qu' infatigavel caçador vigia,
Da lodosa alagoa o vôo erguendo,
O chumbo matador, voando, evita.
  Pelas Costas maritimas em chusma
D'exquisito sabor peixes observa
Sobre as areas fulgidas do Tejo,
Cativos pulão nas miudas redes.
O duro Pescador cantando alegre
Sobre a prôa do concavo saveiro,
Se os nocturnos Frisões rege alta Lua,
Que doce vista! nas ceruleas ondas
Para lautos festins contente os leva,
Varios em nome, varios em grandeza.
Do pequenino peixe olha o cardume
De argentea escama tauxiada d'ouro
E do verniz azul, qu' os Ceos enfeita;
Se o nome o fez humilde, o gosto o exalta,
Se fosse raro o Grande o desejára,
Entraria dos Reis no Paço, e meza.
Delle o pobre se apraz, ditoso estado!
Ditosa condição, basta-lhe hum nada,
E com elle a Fortuna alegre afronta!
Outros mil lá devisas, qu' em cardume

De gosto differente as ondas talhão:
Innumeravel multidão, nascida
Ao imperio da Voz omnipotente
Que lhe mandou multiplicar nos mares.
Cumprem fieis a lei, enchem, e povoão
De immensa prole as liquidas campinas
Do ceruleo Nereo, e a cada instante
Nas redes encontrada a nova especie
Do antigo pescador confunde a mente;
Observa o mesmo numero naquelles
Quasi insectos qu'o mar no seio encerra;
Como impalpaveis atomos s'esquivão
Do indagador profundo ao tacto, á vista;
Esconde-se a figura, e muitas vezes
A existencia tambem: minimos seres,
Em que toda se mostra a Omnipotencia,
Quanta nos Ceos, nos Astros se descobre,
Como viventes mónadas lá fórmão
Hum Mundo á parte tão maravilhoso:
Nas mais pequenas obras eu descubro
Com maior luz a Natureza inteira.
Mas tantos Cidadãos d'hum mesmo Imperio,
Elemento commum, discordes sempre,
Sempre contrarios são, e em guerra existem,
Poderosa impulsão d'antipathia!
Armão-se occultas, perfidas ciladas,
Ou corpo a corpo impavidos se atacão;
Do vasto mar no Campo dilatado
Vès da horrivel discordia amplo theatro,
Imperio onde o mais forte o fraco opprime;
Nelle reina a traição, campèa o dólo,
Ora cede ao contrario, ora triunfa;
Eis o retrato do que vès na Terra.

Outro prodigio extatico descubro
N'hum mudo habitador do equoreo estado,
Ou corra apoz da presa fugitiva,
Ou do inimigo audaz s'esquive, e esconda,
A miseravel presa immovel fica,
E tenta em vão dos laços desprender-se,
E do robusto pescador, qu'assombro!
Ficão sem força os braços musculosos
Como em sono lethargico ligados:
Tal aos tristes revérberos da frente
Onde enroscadas serpes sibilavão,
Ficou suspenso, enregelado o monstro,
Qu'hia a tragar Andromeda, dos ares
Perseo compadecido ás ondas baixa.
Outro descubro, que no vitreo seio,
Ao furor do inimigo escapa, e foge,
Com mais profundo ardil, pronto derrama
De opportuno deposito em torrente
Denegrido licor, qu'as Ondas turva;
Na escuridão confuso o fero imigo
Em vão busca, e tactea a presa occulta.
Tal váe timida Lebre, que não póde
Sustentar mais a rapida carreira,
Arqueja, pára, na miuda arêa
S'envolve, e escapa aos galgos esfaimados.
A Natureza provida lhe inspira
Est' espantoso estratagema, illude
De seus contrarios a emboscada, os laços;
Tanto nos Animaes o instincto póde!
S'entr' elles dura guerra o facho accende,
Da Natureza mestra he sabio impulso,
Este apparente mal mil bens occulta.
Quem póde agora a Natureza toda

Contemplar d'hum só golpe? A Poesia
Que rompe os duros carceres da morte
Que na sombra dos seculos penetra,
Que fiada em si mesma, as igneas azas
Desfere alem dos Ceos, alem dos astros;
A voz da Poesia, o mais seguro
Orgão por onde a Natureza falla,
Seus milagres, seus dons nunca de todo
Hade chegar a expôr; de maravilhas
Nunca se estanca o perennal thesouro,
Dellas todas corri pequena parte.
Immensa multidão de peixes vejo
De impenetravel concha habitadores,
Pegados aos rochedos escabrosos,
Ou dispersos nas humidas arêas;
Confusos a granel sem fixos lares
Nas progressivas ondas que s'enrolão
A arêa vem beijar, se as praias buscão,
Nas mesmas ondas vão, se arêa deixão;
Mas quando as agoas espraiadas descem,
E Febe de mais luz se arrea, e veste,
Gretadas mãos do pescador de quantos
Ornão mesas frugaes, qu'em pobres choças
Sem luxo, e com prazer contentes erguem!
Os valentes pinceis, a fantesia
Qu'empregára Buffon, pintando ao vivo
O ginete fugaz, ou sobrio, e forte
Pelo Deserto Arabico o camello,
Podem traçar o quadro portentoso
Dos pequenos reptís, qu'o domicilio
Trazem sempre comsigo. Ah s'eu pudera
Tão vivas côres, tão diversas fórmas
Cantando expôr! Thesouros d'harmonia

Qu'o remontado Cisne, qu'as Thebanas
Lides fraternas decantando entorna,
São pobres para expôr tanta belleza!
Oh mimoso Cantor, qu'entre os gelados
E bellicosos Sarmatas ferozes
Não te podias esquecer do Tibre,
S'o teu engenho divinal, teu estro
Póde dos mudos habitantes d'agoa
Expôr a Natureza, expôr o instincto;
Se os fugitivos seculos vorazes
De teu thesouro a parte não gastassem,
Inda avivando a dôr da perda acerba
Na imperfeita porção, que nos deixárão,
Eu de longe apoz ti, voára ao Pindo,
Rico só de teus bens, s'inda existírão,
Dos sinuosos tectos espelhados,
Onde a luz se refrange, e de mil côres
O vivo esmalte sáe: diversas fórmas
Que deu a Natureza a cada especie,
Qu'infinda se produz, se multiplica,
Quem senão tu pudera! Oh quadro augusto,
Eu só derramo em ti froxos vislumbres,
E adoro o grande Artifice Supremo.
Ninguem toda te abrange, oh Natureza!
Hum só pequeno insecto absorve hum Sabio,
Seja hum novo Linneo, hum Plinio seja
Da Natureza interprete fecundo,
Que pela inteira Creação vagando
Do Verme humilde aos astros se levanta.
  Inda meus olhos sofregos não posso
Apartar do spectaculo dos mares.
Se em soberbo salão do Louvre antigo,
Da muda Poesia o Throno hum tempo,

Ou do Museo mais vasto onde s'encerrão
Hoje as riquezas das fraternas Artes,
Qu'a lastimada Italia ás armas cede,
Entrára para vèr quanto traçárão
Da Natureza os Emulos sublimes,
Eu não detêra a vista em quadros tantos
Quantos o vasto mar mostra opulento;
Audaz Navegador, tu me arrebatas,
Que portentosa construcção daquelle
Pequenino baixel qu'as ondas corta!
Tudo leva comsigo, até manobra
A fluctuante Náo, bem como o pede
Dos ventos a feição, do mar o ensejo;
Marea o fragil panno, e guia o leme
Como experto Piloto, e não duvido
Que tu servisses d'exemplar primeiro
Que teve a Náo, que insolita ousadia
Levou de Colcos á opulenta praia,
Tanto póde a Cubiça! Em fragil lenho
Só por ouro o mortal s'entrega á morte,
Qu'entre as ondas do mar de perto o escolta.
Olha o peixe riquissimo, que fôra
De Fenicia o brazão, de Tiro a gloria,
Que das algosas pedras arrancado
Licôr, mais qu'o Rubi, brilhante, acceso
Das rasgadas entranhas entornava;
De suas côres orgulhosa Roma
Veste o Senado Rey, e os monstros veste
Qu'a seu collo depois lançárão ferros.
Outro não menos assombroso vive
Sob argentados tectos, e seus Paços
Com profusão lhe enfeita a Natureza;
Por elles seus revérberos mistura

A apavonada côr da fresca Aurora,
O vivo azul dos Ceos, e o voltejante
Verde qu' as ondas liquidas esmalta,
O roxo triste do modesto Lirio.
Lembrem-te agora os sonhos agradaveis
Em qu' a verdade as Fabulas envolvem;
Se algumas vezes do Troiano estrago
Folhêas o Cantor, foi neste Coche
Qu' a cruel Mäy do perfido Menino,
Qu' he paz, e he guerra dos humanos todos,
Sahio do mar para mostrar-se ao Mundo:
Debaixo delle as ondas enroladas
Como presas d'amor quèdas ficárão,
Os Tritões, as Nereidas sentírão
O fogo seu nas humidas moradas,
Em torno os brandos Zefiros adejão,
Do candido regaço entornão flores
No eburneo seio da mimosa Deosa.
  Perfumada Ceilão, vós, mares onde
Se vai perder o fabuloso Hidaspe,
Quantas riquezas encerrais naquelle
Que se nutre das lagrimas d'Aurora!
Dentro em seu seio precioso suco
Fórma hum tecido de brilhantes globos:
Elle os descobre aos raios matutinos
Qu' o Sol nascendo espalha n'horizonte;
A avara mão do roubador mil vezes
Do attentado cruel sente o castigo,
E subito apertando ambas as conchas
Lha fere, e despedaça, oh vil cubiça,
Qu' as entranhas da terra profanando,
Não farta de metaes, ao undoso abismo,
Elemento não seu, se afunda, e sóme;

Qu'he tão ardente a sede de thesouros.
O luxo o passo abrio, não basta ao rosto
Para adornar-se a simples Natureza.
Não me taxes de austero, em nivea fronte
As madeixas sem perolas são bellas,
Sem arte, sem aljofares encanta
Eburnea côr de torneado cóllo;
Só graças naturaes amor inspirão.
Não vil cobiça, ou sordida avareza
Me obriga a devassar profundos mares,
Sou da verdade indagador, já vejo
O vasto leito que sustenta as agoas,
D'estranhas plantas tapizado e cheio;
Mergulhador impavido do fundo
Com ellas vem boiando ao lume d'agoa,
Varias d'especie, varias de figura,
Achão no mar betuminosos sucos,
Pasmosa seve, que circula, e nutre,
Servem d'asylo aos mudos nadadores,
Alli se occultão, nellas depositão
O germen fecundissimo da Especie,
Alli se anima, alli se desenvolve.
Maravilhoso Arbusto, que supportas
Nos povos Europeos desprezo injusto,
Das ondas sahe, meu canto aformosêa;
Nos doces Climas da punicea Aurora
Es vingado d'afronta, o turvo Ganges
E os Africanos fervidos te prezão
Mais qu'o louro metal. O adusto collo,
O tenebroso rosto enfeita, adorna
Das Indianas formosuras; nellas
Tambem mora a belleza, e d'outro modo
He bello o dia, he bella a noite umbrosa;

He pallida a violeta, he branco o lirio,
Ambas são flores, engraçadas ambas.
Talvez primeiro as humidas arêas
Eu pudéra contar, qu'as maravilhas
Qu'a mão do Eterno Ser creou nos mares.
Hum novo objecto portentoso, e vário,
Me prende o pensamento, eleva os olhos.
Vastos terrenos separados todos,
D'espaço a espaço os mares senhoreão,
Tufados Bosques, Arvores sombrias
Bordão em torno a praia, os campos vestem,
Erguem se ás nuvens montes escarpados,
D'alguns rebenta rubra labareda
Entr' enrolado fumo, e cinza espessa,
Das escarpadas rochas se despenhão
Cristallinas torrentes susurrando.
Maravilhoso quadro, quantas vezes
Ao fatigado navegante és grato!
Quem sabe se o vastissimo Oceano
Tão grandes corpos usurpára desse
Terreno que circunda? Ou sacudido
Acaso o seio do terraqueo Globo
Pelo fogo voraz, qu'encerra, e nutre,
Qu'oscillações produz, que gera estragos,
Quem póde conhecer se os arrojára
Ao largo, e vasto mar, dando-lhes firme
Repouso perennal no leito undoso?
Assim de humana conjectura as luzes
O fazem perceber; d'antiga Hesperia
Assim foi dividida, assim cortada
Trinacria, e Albion da Gallia hum tempo.
Da minh'alma outro fogo ora se apossa,
Que lança seus revérberos do Throno

Da verdade immortal; quando da Terra
Avassallada de funestos crimes
Dispoz o estrago o Arbitro dos Mundos,
Mandou toldar os Ceos, e as nuvens prontas
Levão no escuro seio o raio, e as agoas.
Foge o dia espantado, a negra noite
Da tempestade sobre as azas vôa,
Na triste escuridão fuzila o raio,
Da sempiterna Colera ministro.
Fez aceno ás prisões, qu' o mar enfreião,
Abrio-se o cégo abismo, as turvas ondas
Se precipitão com tropel na terra,
Não tem praia o Oceano irado, e rouco,
Gemem debaixo d'espumantes vagas
O Tauro, o Calpe, o Caucaso medonho,
No ar toldado os furacões bramindo
Sobre hum mar outro mar das nuvens lanção,
Quebrou-se o laço então, qu' a terra unia,
Deslocão-se porções, qu' as ondas cercão,
Massas enormes de rochedos duros
De suas bases solidas tirados,
Qu' abismos tenebrosos, que terriveis
Voragens profundissimas s'abrírão!
Muda-se a face do submerso globo;
De todo se apagou, fugio da terra
A natural antiga formosura.
Oh terrivel catastrofe, nasceste
D'hum sopro com qu' o Eterno o globo abala;
Nos vacillantes eixos treme a Terra,
Rebomba hum Trovão rouco, e s'espedaça
Em porções desiguaes, qu' o mar engole,
E quando as agoas turbidas fugírão
Já vingado o Immortal, á flor das ondas

Lançárão pouco a pouco a fronte altiva,
Qu' o germen vegetal trouxe no centro;
Desenvolveo-se então, e espessas brenhas
No terreno ainda fresco vicejárão.
Tal foi a origem, que tiverão tantas
Afortunadas, e viçosas Ilhas,
Daqui nascestes vós, qu' o salso argento
Bordais do mar Egeo, berços mimosos
De tantos Vates, cujas Liras d'ouro
Formárão sons, qu' os Seculos não comem.
Divino Homero, doce Anacreonte,
Safo em cujo alaude amores vivem,
E o remontado Alceo, qu' as lides canta
Quando as guerreiras Náos na Praia ancóra,
Nellas nascestes vós, brazões do Pindo.
Magestosa Albion, tambem surgiste
Do seio undoso no geral estrago,
D'armada Pallas, e da inerme Filha;
Teus braços, teus baixeis receia o Mundo,
De ti recebe leis, sciencia, industria;
Se teus canhões horrisonos rebramão
Onde o Sol ergue o rosto, onde o sepulta,
Lá chega teu saber, e as luzes chegão,
Qu' a par de teus Heroes, lanção teus Sabios.
Tu déste o berço ao Cisne altisonante,
Cantor do alegre Edem, do escuro Abismo,
Em ti da Lira d'Ebano se ouvírão
Chorosos tons, que a morte enternecêrão.
Déste á scena o terror, déste a nobreza,
Se inflexivel Catão, rasgando o peito,
Prefere a morte aos ferros vergonhosos,
Nas ruinas fataes de Roma escrava
Só elle está de pé, só elle he livre.

Cantor das Estações, tal foi teu berço,
Só teu pincel rival da Natureza
Quizera possuir, dera por elle
Dos Reis o Throno, o Louro dos Guerreiros:
Tu qu'á razão da sãa Filosofia
Juntaste as côres magicas dos versos,
Tu qu'o profundo pelago sondaste
Do humano coração, Pope, teu berço
Alli de louro as Musas enramárão.
Á mais sublime quadro os olhos volve,
Vê como vão cortando as vitreas ondas
As velivolas Náos, rapido vento
Enfuna as largas vélas; e quem póde
Assoberbar sediciosos mares?
Servir a seu capricho os homens fazem
Fixas, occultas Leis da Natureza,
Busca incessante Calamita o Polo,
Liberal da sympathica virtude,
No ferro qu'a tocou seu genio imprime.
Tal o fio qu'a Industria aos Nautas manda.
Para girar do tumido Oceano
O interminavel cégo labirintho.
Com elle foste, intrepido Colombo,
Buscar d'opposto Continente as praias,
Foste no mar incognito engolfar-te
Transpondo as metas do valor humano,
Tu suppuzeste hum Mundo, hum Mundo achaste.
Elle no plano liquido das Ursas,
E do tardo Boote ao Carro ethereo
Aponta sempre fixo; inda que surja
A Noite envolta em luto, envolta em nevoa,
He facho qu'entre a sombra o Polo aclara.
Tu, pasmoso inventor, qu'honras a Europa,

Onde (que pejo!) se te ignora o berço!
A' mór porção do Globo o passo abriste,
A' praia solitaria, á terra agreste,
Morada do pavor, barbaros Climas,
E não rasgado chão por curvo arado,
Espantosos Volcões nas altas serras,
Bosques coevos ao diluvio, entr'elles
Não vistos animaes, e humanos Entes
Sem Lei, sem convenção, sem Templo, e Numes;
Mas estes Climas barbaros e feios
Fechavão no seu seio, o que desperta
A vil cubiça, a sordida avareza,
Louro, e raro metal, peior qu'o ferro,
Do avaro Mundo indomito Tiranno,
Os habitantes barbaros pizavão,
Ao seu estado inutil opulencia;
Sem ella, o luxo o quiz, nunca se julga
Ditoso o morador do Mundo antigo.
Ouro, filtro cruel, qu'os homens turva!
Como se o vasto continente fosse
Do luxo, e da cubiça hum campo estreito,
Novo delirio os leva, e vão contentes
Buscar por mares turbidos mais terra,
Ond'em sangue, ond'em morte Imperios fundem.
Por hum thesouro promettido afrontão
De Cancer o fervor, do Polo os gelos.
Gemem presas as ondas conquistadas,
E, nellas, que furor! co'a espada em punho
Disputão tempestades: mas debalde,
Indignando-se o mar, no escuro seio
Os seus Tirannos orgulhosos sorve,
A Ambição mais se irrita entre naufragios.
Quando Hespanha os Leões alçou n'opposto

Té alli não visto incognito Hemisferio,
O Lusitano intrepido corria
Sobre a espadoa das vagas espumantes
A devassar d'Aurora o berço intacto:
Rival da Hespanha vae, e a iguala, e vence
Em orgulho, em poder, em gloria, em crimes.
Debaixo de outro Ceo, de Astros diversos
Sua audacia guerreira afronta a meta
Do duplicado Tropico: a cruentas
Guerras sujeita o lucido Oriente.
Quem nas azas d'extatico delirio
Póde, oh Gama immortal, seguir teus passos?
Ou nas margens do Indo hir vêr teus Louros
E conquistas fataes? Que voz, que Musa
Póde cantar o formidavel cabo,
Solio eterno do vento, e das tormentas;
E o solitario mar cioso, e bravo
Que vencido a teus pés submette as ondas!
Qu'estro póde seguir o vôo a tantas
Curvas Faias, qu'arfando o mar talhárão!
Com ellas o Oceano Heróes da Lisia
Puderão subjugar, lançando hum freio
A's indomitas vagas, e ás tormentas.
Teu lenho, oh Magalhães (arrojo altivo
De quem se hão de lembrar com pasmo as Eras)
Pôde o Globo cercar com giro immenso,
Da Praia Occidental largando as velas,
Foi, émula do Sol, a Náo triunfante
Do Atlantico mar varrendo as ondas,
E com propicio assopro a extrema ponta
Tocou do novo Mundo, ousando a ignota
Estrada acommeter d'hum mar não visto,
De penedos navifr agos cercada

A garganta embocou, d'hum lado, e d'outro
Vê volcões vomitando, e fumo, e fogo,
Praias cobertas d'horridos gigantes,
O Ceo toldado sempre, as turvas vagas
Rebentando em cachão : e não recua
O feroz Magalhães! Tanto pudêrão
A vingança, o valor! E arfando rompe
N'Oceano Pacifico não visto,
D'estranhas Ilhas semeado a espaços;
Lá lhe guarda seu fado a morte, a campa!
Em tanto a Náo victoriosa os Mares
Corta do China extremo, e desce, e embóca
O Estreito onde Maláca ao ar levanta
O muro qu' assoberba ao longe os mares;
Onde com sangue barbaro escrevêra
Seu Nome, seus Troféos da guerra o Nume,
O fatal Albuquerque; os negros Indios
Vem depois visitar, e passa ovante
O seio de Cambaia, onde espantosas
Bombardas soárão, que susto, e morte
Tragão até do Nilo á fonte, ás boccas,
A cujo brado de enfiado trema
Do Bósforo o Tiranno. A Africa adusta
Eis já descobre ao longe. O inhabitado
Austral Polo demanda envolto em sombra,
A' sôfrega ambição de Cook impervio,
Monta, e passa o medonho em mar, e em vento,
Em tempestades, tormentoso Cabo.
Seguindo o giro ao Sol, ond' elle expira,
Náo bem digna do Ceo, d'encomio eterno,
Digna do Nome de Victoria, aferra
O Porto donde a vela ao vento dando
Vingar fôra hum desprezo, achar hum Mundo.

Que muito, oh Magalhães, qu'em Náo possante
D'hum lado, e d'outro lado o Globo abraces!
Teu Brazão he sómente o ser primeiro.
Muitos te imitão já, te igualão muitos,
Botelho te venceo na audacia, e brio,
Venceo Cook atrevido, e os louros murcha
D'Anson guerreiro, e nauta, que soltando
Ao vento o leve panno, o globo inteiro
Ousou já circundar, domando a furia
D'horrisonos tufões caliginosos,
Cujos passos suspende a neve, e a noite
Do Pólo Austral, que devassar pertende,
Onde altiva Albion pendões levante,
Tire infausta riqueza, e deixe ferros;
Tu mais qu'elles fizeste, em lenho exiguo
Ousaste assoberbar, sem medo á morte,
Quanto s'estende pelago profundo
Do seio de Cambaia á foz do Tejo.
Cahio soberba Diu, as portas abre,
Ao jugo Portuguez submette o collo,
O sangue de Badur já tinge os mares
(Miserando troféo, não honras Lisia!)
Desejos de louvor, desejos d'honra
Do heróe no peito fervidos despertão,
A' Europa vem trazer da Fama o brado,
Qual ella nunca ouvio, nem quando ao Tibre,
Domado o Ganges, as legiões tornárão
Do Soberbo Trajano, e até nem quando
Das praias de Abouquir em lenho ovante
Bradar veio ao Tamisa a eterna Fama,
Que n'hum rodeio só da guerra o raio,
Nelson no seio dos profundos mares
Metteo de Gallia ignivomas montanhas,

Qual desde o excelso Olimpo outr'ora Jove
Fulminou, destruio Titania stirpe.
Esquipa breve Fusta, e vem por cima
Das do ingente Oceano ondas medonhas
As praias demandar do Cafre adusto;
Mil vezes foge o Ceo envolto em nuvens,
Foge o Polo da vista ao Nauta ousado,
Vence o Gigante assustador do Gama
Que da bocca, e das mãos tufões remessa,
Roucos trovões da voz, dos olhos raios,
Audaz façanha, que merece apenas
O credito aos mortaes; mas que não ousa
De alto louvor hum peito cubiçoso?
Foi propicia a Fortuna, foi propicio
Ao magnanimo Heróe o mar, e o vento;
Ou porque o Feito insolito admirárão,
Ou porque a audacia do pequeno Lenho
As furias lhe quebrou, e em si trazia
Inda mais do qu'hum Cesar, mais qu'hum Nelson!

FIM DO CANTO TERCEIRO.

A NATUREZA.

CANTO QUARTO.

Quanto he bella Ulisséa, e quanto he grata
Dos sete montes seus ao longe a vista!
Das altas Torres, porticos soberbos
Quanto he grande, magnifico o prospecto!
Humilde, e bonançoso o flavo Tejo
Sobre arêas auriferas correndo
As praias lhe enriquece, as plantas beija;
Quão denso bosque de cavados pinhos
Sobre a espadoa sustenta! D'oriente
Rubins accesos, fulgidas safiras,
E da opulenta America os thesouros,
Cortando os mares liquidos, trouxerão.
Nella he mais puro o ar, e o Ceo s'esmalta
De mais sereno azul. O Sol brilhante
Correndo o vasto Ceo, s'apraz de vê-la,
E quasi se súspende, e meigo envia
Sobr' ella o raio extremo, quando acaba

A lucida carreira, a frente d'ouro
No seio esconde das ceruleas ondas.
Foi rival em poder, émula em gloria
Da illustre Côrte de Trajano, e Tito;
Nunca antiga Persépolis tão rica,
Tão abastada foi; não teve Athenas
Bronzes, Estatuas, marmores mais bellos.
Deixas, Alcipe, da grandeza o fóco,
Da pompa, e do prazer, e o solitario
Alvergue buscas d'inaccesso campo?
Erma Casa t'apraz entre arvoredos
Na escarpada raiz d'alpestre monte;
Aqui se a branda viração, se as azas
Dos renascentes Zefiros te chamão,
Te vaes pronta esconder, deixas a pompa
Da soberba Metropoli fastosa
A's outras bellas, como cede a Lua
Aos menos claros lucidos Planetas
Os espaços do ar, onde em serena
Noite fação brilhar mais froxas luzes.
Habitadora de tranquillo ninho,
Tua alma não vulgar nutres de idéas,
Ao bello Sexo frivolo não dadas.
Para ti não he muda a Natureza,
Seus grandes quadros no silencio estudas,
Ensina-te huma flor, e a voz escutas
Dos corpulentos Alamos, dos Freixos,
Qu'a larga espadoa da montanha vestem.
Vôa a teu lado Amor, e as Musas voão;
E teu Vate tambem; comtigo ao campo
Hirei sondar de perto a Natureza.
Pelos frondosos bosques solitarios,
Dos vitreos lagos na viçosa margem,

Mais doces livres auras respirando
Contente t'exporei, se a hum Vate he dado
De tantos quadros a immortal belleza,
Tosco, grosseiro esboço, qu'outras côres
Mais vivas empregou Vate mais nobre.
Elle cantou de Titiro a ventura,
De Pallas o mister, de Marte as armas,
E pôz perfeita mão no quadro augusto
Das Estações o Vate harmonioso;
Seus pinceis rapidissimos, sublimes
Mostrão com toda a pompa a Natureza.
Onde não vôa hum Vate? Estro sublime
Toma das mãos da Natureza as chaves,
As aureas portas dos arcanos abre.
Thesouros d'immortal fecundidade
Brilhão no canto seu, e a luz das Musas
Ao reino vegetal franquea a estrada.
Vamos prestes, qu'o ar, e o Sol que nasce,
Ao pomposo spectaculo nos chama.
De fino orvalho as plantas aljofradas
Que derramão balsamicos perfumes;
Os hymnos naturaes, qu'as brandas Aves,
Como as ensina Amor, lédas entoão;
A força vegetal desenvolvida
Nas flores, e nas arvores, nos manda
Vêr do Supremo Artifice os esmeros
Com qu'o Palacio dos Mortaes ornára.
A' Terra fez signal, e as Plantas brotão,
Foi fecunda huma vez, fecunda he sempre;
No grão, qu'á vista he morto, e morto ao tacto,
Móra germen vital, se á dura terra
Esperançoso Agricultor o lança;
Quem não dirá que pallido cadaver

Vae ser presa do tumulo, e da morte?
Tu não vès melancolico sepulcro,
Mas fecunda matriz; a mão do Eterno
Occulta força plastica derrama
No vasto seio do terraqueo Globo.
Nelle oppostas substancias se misturão,
E juntas combatendo, e fermentando
Nas largas veias rapidas circulão;
Se desenvolve então, brota, e viceja
O immoto germen, que julgavas morto;
Magestoso segredo impenetravel
A' lente de Linneo! Silencio humilde
Vale mais qu'as hypotheses soberbas
Da Escola vãa, dos genios orgulhosos,
Que da ignorancia natural se pejão.
Não do teimoso Sceptico insensivel
Eu pizo a estrada incerta, eu sigo os passos,
Só palpo a triste sombra, em que se envolve
A humana geração sujeita aos erros.

Mas o mortal da terra productora
Deve a força ajudar, ella seus braços,
Sua industria, e suor contínuo pede.
Quando presta a cultura, as artes prestão
Seus soccorros á terra, então mais fertil,
Seus preciosos dons derrama em ondas
Com qu'a vida aos mortaes sustenta, abasta;
Cobrem-se os Campos de riquezas novas.
De copiosos fructos carregadas
Com o proprio fructo as arvores se curvão,
Fagueiros dons, qu'a timida esperança
Do infatigavel Lavrador excedem.
A Terra, Mãy benefica, reparte
Aos homens novas dadivas, e nunca

S'estanca, s'empobrece. Tal se observa
Rio caudal, qu'a liquida corrente
Vae, sem cessar jámais, levando aos mares;
Ao revolver das Estações, se mostra
Sempre de aspecto novo, e se no Inverno
Parece inanimada, então concentra
O fogo productor, e no silencio
Mais abundantes dadivas prepara.
Que colorido, que verniz brilhante,
Qual Rubens immortal, qual nunca Albano,
Portentosos rivaes da Natureza,
Derão aos Quadros seus, nos fructos brilha;
O suco animador de ramo em ramo,
Ou do ar seja dadiva, ou da terra,
Qual em nós sangue fervido circula;
Novas hasteas de folhas se revestem,
Rebenta o fructo, de pennugem branda
Inda tenro se veste, e sazonado
O olfacto lisonjea, o gosto encanta,
Do vivo ramo, que se curva, e dobra
Ao Lavrador cansado se offerece.
Eia os olhos extaticos alonga
Ao vasto Imperio de Pomona, observa
As frondiferas arvores cubertas
De tantos pomos na planice amena,
Que das faldas da serra alcantilada
Se vae perder nas praias d'Oceano;
Da Maga Alcina, da Formosa Armida
Mais apraziveis os vergeis não forão,
Qu'ellas aos golpes da potente vara,
Magicas notas susurrando, alçavão.
Irresoluta escolha te suspende
Dos aureos pomos, que constantes seguem

As Leis das Estações, tempo prescripto
A seu Imperio tem. Ora que volve,
Da Primavera no regaço, Maio,
Dos Jardins das Hesperides o pomo
(Dos Lusos he conquista, he dom do esforço,
Com qu'até do Catay no Imperio, e mares
Forão erguer as gloriosas quinas)
A côr ostenta do metal precioso;
Nivea, fragante flor já traz com elle
Nos delicados Calices mais fructo;
E quando os dias do calmoso Estio
Trouxerem languidez, cansaço, e sede,
Novos pomos verás, seu doce suco
Em teu seio arquejante a setta ardente
Despontará da Calma. O pardo Outubro
Novos pomos trará; e alguns se aprazem
De vir nos dias do engelhado Inverno.
Aquelles gostão do Hiperboreo Clima,
Mas outro se produz nas ferteis margens
Onde s'espraia o turbulento Ganges;
Outro tem natural, proprio terreno
Nas tristes Solidões d'Africa adusta;
Aquelle vem nos Campos, que Colombo
Primeiro descobrio n'opposto Mundo.
A variedade extatica descobre,
Que lhes quiz dar a mão da Natureza,
Produz sabor diverso a mesma terra,
A mesma seve nos diversos tubos
Filtrando-se, e girando, a tantos fructos
Dá sabor desigual, volume, e côres.
Não queiras qu'o Filosofo te aponte
A causa sempre incognita, não sabe
Da Natureza mais, qu'a superficie,

He brazão do infinito a variedade;
Nas producções monotonas dos homens
Sómente orgulho, e pequenhez se mostra.
Entre tantos, qu'a terra, e nutre, e ostenta,
Tu não vês entre pampanos aquella
Fruta encantada, que purpureos globos
Com delgadas prisões no tronco enlaça?
O Sol que por degráos se empina, e arde,
Madura a tornará, e então contente,
Tranquillo, ingenuo Lavrador empunha
O duro ferro, e sofrego despoja
Dos dons de Bromio os pampanos virentes;
Entra alegre n'Aldêa, e vem curvado
Sob o peso agradavel; deleitoso
Debaixo de seus pés o nectar corre
Do fagueiro licôr; a chamma, o fogo
A força ao velho trémulo vigora;
Os turbidos cuidados afugenta;
A espancada Tristeza ás negras ondas
Do Lethes donde sae, carpindo torna.
Laço dos Corações, da Natureza
Rico presente, de prazeres enche
Os banquetes frugaes, mas sem qu'a chamma
Das turbidas paixões por ti se accenda;
Torna grata a existencia ao Vate, ao Sabio,
Qual já n'outr'ora ao Cisne de Veneza,
Longe do fumo, e estrepito de Roma,
Trouxeste a pura, candida alegria
Entre Rosas, Jasmins, Versos, e Amigos.
Olha o fructo dulcissimo, que tanto
Se apraz das margens do ceruleo Tejo,
Como nas leivas humidas repousa,
E o brando leito da fecunda terra . . . .

Nas delgadas prisões sustem seu corpo,
Vè que sucos dulcissimos entorna
Do brando seio frigido, qu'imita
A accesa côr da purpura de Tiro.
No calmoso verão sede insoffrida
Te póde moderar. Fructo precioso
Mais qu'os mentidos Nectares de Jove,
Qu'antigos Vates credulos cantárão.
E quantos outros saborosos pomos
A terra, Mãy fecunda, te offerece!
Todos pedem seus quadros, e enleado
Com tão pasmosa copia, a escolha incerta
Ao fecundo pincel retarda os vôos.
Só póde a mente extatica em silencio
Nos fructos adorar o Autor Supremo;
De immensas producções pequeno germen
Quiz que principio fosse, e propagasse
Até final periodo dos tempos
Indeleveis Padrões, memoria eterna
Do seu amor, da providencia sua,
A cuja vista o incredulo ficasse
No revoltoso mar em que s'engolfa,
Sem escusa e perdão, cégo, e perdido.
  Mas o Sol que s'empina em larga copia
Lança a prumo na Terra ardentes raios,
Aos enlaçados arvoredos vamos
Outr'aura respirar. Nelles se acolhe
O mesmo brando Zéfiro; nos troncos
Pesada mão dos seculos escreve
A longa duração: observa aquelles
Robustos Freixos, alterosos Cedros,
Com elles vive a força, a magestade
Do braço, qu'os plantou, braço qu'ás armas

Afeito fora no puniceo Oriente,
Braço cansado de Laureis e palmas.
Volteão pelo ar tufadas ramas;
De balde as bravas horridas cohortes,
Qu' Eolo ajunta, e solta, embatem nellas,
Tanto a firme raiz na terra escondem,
Quanto ao sereno Olimpo os troncos sobem,
Soberbo Pavelhão, folhagem verde
Do taciturno pensador asylo.
(Accendeo sempre a magestosa sombra
E a doce solidão dentro em minh' alma
Da Natureza o porfiado estudo.)
A mão d'Omnipotente, a mão qu' hum tempo
As fez prestes brotar no Edem viçoso,
Ditosa habitação depressa extincta!
Em quanta copia lhes derrama a seve,
Que fertiliza o tronco, os ramos veste;
Das nossas precisões presente o brado
Hum Deos, qu'o homem culpado açouta, abraça!
Dos Ceos no Campo o vio, qu' errante, afflicto,
Não tinha asylo mais, qu' as ermas grutas,
Tristes furnas dos horridos penhascos,
E as vicejantes arvores lho prestão.
Do Rei da Creação pobre choupana
Foi palacio primeiro, e secos ramos
Das injurias do ar, sem arte, e luxo,
A muito fragil maquina lhe escudão.
Soão em torno os eccos que redobrão
O som magoado, se o robusto braço
Do rustico Esquadrão redobra os golpes
Da severa bipenne, e abate os troncos.
Já das altas montanhas arrancados,
Gemem com elles os sonoros eixos.

Nas mãos das Artes com diverso aspecto
Os vejo apparecer : d'altos palacios
Os tectos fórmão, que dourados brilhão;
Em fluctuantes Casas se convertem
Qu' hão de afrontar as furias d'Oceano,
Do qual parece que fugido havião,
Como assustadas, aos fragosos montes.
Quantos thesouros no seu bojo encerrão!
Nos Campos forão Reis, e o são nas Ondas;
Mensageiros do Mundo, e laços delle,
A's vossas ondas tumidas, oh mares,
Servem de dique, as forças lhe quebrantão,
E sustentão firmissimos nas agoas
Orgulhosos Emporios, que do Mundo
Em si fechárão mercês e thesouros;
Assim sizudos Batavos das Ondas
Enfreião o furor, Cidades fundão,
A mão do Sabio Artista o ferro empunha,
E vária, a seu sabor, fórma lhe imprime.
Se-lhe menos vantajoso o tenro arbusto,
Detem com sua formosura a vista,
Enriquece os jardins, dá graça ao campo,
E com desdem contempla, oh magestosos
Altos Carvalhos, Cedros corpulentos,
Vossa arrogancia vãa : pouco cioso
O tenro arbusto de Oblações, e Culto,
Grato aos olhos quer ser, proficuo á vida.
Legislador campestre admira agora,
Qu' as domesticas arvores governa;
Policia exacta nas flexiveis plantas
Eu lhe vejo exercer, pronto as despoja
Do peso inutil de ociosas folhas:
Alli lhes firma a infancia vacillante,

Aos dobrados ramos determina
Nova acção, novo aspecto, e mais vistoso;
A' humana fantasia, ao gosto hůmano
Até se amolda a mesma Natureza,
Das Artes segue a luz, supporta o jugo.
Esteril viste esta ārvore n'hum tempo,
Hoje prospéra, e fructos te offerece,
Mas d'outra especie, d'outra formosura;
Ella espantada de prodigio tanto
Já vê pomos não seus, e estranhas folhas,
Industrioso golpe ao tronco ajunta
Diverso tronco, e pronto s'encorpóra,
E fórma hum todo, que girando anima
Por mil canaes subtis fecunda seve,
Do quente, e rubro fluido das veias
Maravilhoso simbolo! Nas plantas
O sangue nutridor se agita, e move,
Em tudo a força plastica domina,
No reino vegetal conserva imperio,
Os principios vitaes nas plantas todas
Ao toque animador se desenvolvem,
Resuscitão do tumulo sombrio
Em que os fechára a mão do Inverno avara.
Oh do Permessio fogo objecto digno!
A Natureza o sente, as aureas portas
De seus arcanos patentea aos Vates:
São mais nobres seus dons na voz das Musas;
Inspirado Cantor, Darwin, tu rasgas
Do escondido segredo os véos augustos,
A Scena vegetal brilha em teus versos.
Por entr' as alas do pomar viçoso,
Contente, se te apraz, dirige os passos,
Qu' encantadoras Arvores devisas!

Rescendem seus balsamicos perfumes,
Quaes do perdido Edem outr' ora os ares;
Está coberta de virentes folhas,
Opaco verde! de nevadas flores
Como enfeitada está! De Globos d'ouro
Lhe cinge a frente lucido ornamento.
Tu, soberbo Ananaz, tu só lhe excedes,
Coroou-te a Natureza, és Soberano,
E são Vassallos teus, plantas e fructos.
Mas do rigido Inverno o sopro, as settas
Dos fructos d'ouro as arvores respeitão,
São de Flora o brazão, de Flora o mimo.
A fulminante mão de Jove irado
Desvia os golpes seus, desvia os raios
Da planta grata a Apollo, ás Musas grata;
Ella fructo não dá; sem fructo he ella;
No campo ao vencedor a frente enrama,
Ella he premio, he brazão d'illustres Vates.
Do Gofredo ao Cantor morte invejosa
Antes qu' a frente lhe enramasse, a murcha;
Guardai-ma, oh tardos seculos; se tanto
De vós posso esperar, cadentes versos.
Commercio divinal co' os Ceos conservo,
Desce do Ethereo assento o dom das Musas.
Oh Patria, eu to consagro, e vale hum Louro,
Qu' ao menos no Sepulcro as cinzas honre;
Anticipada possessão, tu fazes
Menos triste da morte a sombra escura.
Olha estendidos os virentes troncos
Onde se nutre Insecto portentoso,
Qu' a propria Casa, e tumulo fabrica;
O fructo ostenta, que se cobre, e veste
Da triste côr, qual fructo dos amores,

Do rubro seio o sangue lhe espadana,
Qu' hum lastimoso engano, hum furor cégo
Já fizera correr, quando igual morte
De Amantes dous apressa, ajunta os fados.
  Nos largos Campos, que bafeja, e cobre
Este sereno Ceo, este ar benigno,
Que proveitosas arvores descubro!
Do vencido nas mãos a paz implorão,
A dura mão do Inverno desabrido
As não despe jámais d'ornato, e gala,
Vagarosos ao ar seus troncos sobem,
Pouco amanho as vigora, e medrão, crescem
Em terra pedregosa, e safia, e dura.
Lusitania feliz, que dons preciosos
Recebes da pacifica Oliveira!
A' força oppressos de voluvel roda
Em doces ondas de licôr mudados
Fórmão doce Clarão, que suppre o dia
Na sombra universal, qu' a Noite espalha.
Oh bemfazeja luz, ora a teus raios,
Das Musas ao Sacrario aberto a poucos,
Não temerario, não, dirijo os passos,
E só comtigo, e co' o silencio espero
Qu' assome n'Horizonte a roxa Aurora,
Sem qu' as pesadas palpebras o sono
Venha meigo a cerrar; em quão profunda
Meditação m'engolfo! Ante meus olhos
Longa serie de Seculos repassa,
Vejo Imperios cahir, e alçar-se Imperios
A' voz d'orgulho, e da ambição na Terra,
Vejo Déspota Roma, e a vejo escrava,
A Tullio envolto em sangue, em Louro a Cesar,
Marcello no desterro, e Sylla em Roma,

E no desprezo o merito, a virtude.
Em tanto marca a maquina voluvel
Do tempo velocissimo a medida:
Ao compassado, irreparavel golpe
Sinto estreitar-se o circulo da Vida,
E da existencia o Sol tocar no Occaso.
Vem, sombra augusta, livra-me do tempo,
Tu só pódes transpôr-me alem dos Astros,
Junto á fonte dos bens, da gloria ao centro.
Oh termo da desgraça, oh fim dos lutos,
Não só te abraça Socrates sem susto,
E não sómente Seneca t'encara,
Tambem meu coração t'espera afouto,
Sem fasto de Filosofo, sem pompa;
Na sombra do sepulcro a paz existe,
E se nos vivos s'apascenta a Inveja,
Cansada junto ao tumulo repousa,
Da sorte alli se vinga a Natureza,
O Orgulho ao pé da Cinza, he cinza, e nada;
O tempo acaba, surge a Eternidade,
E lá não fica o merito sem premio.
  Porém eu tórno a ti, desculpa o Vate,
Na morte acha prazer hum desditoso,
O Justo a quer, o Sabio a não receia,
Fugio, sem eu querer, do peito hum vóto,
Qu'alli fórma o valor, e alli sepulta.
Com a vista segue aos Campos dilatados
Da recondita America meus vôos;
Que plantas vejo alli, qu'aos não polidos
Habitadores do Hemisferio opposto
Nas precisões da vida auxilios prestão!
Dos troncos seus, qu'a rigida bipenne
Abate, e corta, domicilio humilde

Eu vejo construir, qu'o raio acceso
Ignora mais qu' os porfidos, e jaspes
Nas orgulhosas Cupulas de Roma,
E se o Tapuia vagabundo tenta
Dos largos rios seus transpôr as ondas,
Excava os troncos, das extensas folhas
Tece vélas subtis, qu' enfuna Eólo,
De seu rasgado seio hum saboroso
Almo licôr extrahe, qu' as secas fauces
Lhe refrigera no fervor do dia.
Quanto he doce seu fructo, e delle corre
O nectar suavissimo, qu' a vida
Restaura, e nutre; no cruel accesso
A horrenda febre pallida suspende,
Ao sangue atropellado o curso enfrêa,
Anima o velho trémulo, vigóra
Nos braços maternaes mimoso infante,
Em oleo se transfórma, qu' amacia
Amargas hervas, rusticas viandas,
Ao mui ditoso habitador dos bosques
He sustento, he bebida, he casa, he tudo.
Inda qu' a mão do Creador Supremo
Não semeasse outr' arvore naquelle
Por tanto tempo a nós ignoto Mundo,
Nem menos bello, e rico se mostrára,
Nem menos fartos incolas tivera;
Que pouco basta á Natureza pura!
E pois nas azas do Permessio fogo
Tórna a mente de novo a vêr a Europa;
Transpondo o largo mar, volve teus olhos
A's venturosas terras que parecem
Errantes aboiar nas vitreas ondas,
Que portentosa huma arvore deviso!

Della hum brado immortal da Providencia
Dentro em minh' alma extatica resôa.
Em pedregoso, em arido terreno
Nunca inundado de vital torrente,
Lança a fertil raiz, vegeta, e cresce;
Vestem-se as hasteas de viçosas folhas,
E das folhas continuo, oh maravilha!
Correm liquidas lagrimas a centos:
Assiduo pranto que jámais s'estanca.
He esta a perennal, risonha fonte
Qu' á terra esteril dera a Natureza;
Quando a Aurora franquea a porta ao dia,
Qu' espessa nevoa cobre os horizontes!
Então das folhas trémulas s'entorna
Em mór copia o licôr : correm sequiosos
Os Incolas então, e a sede extinguem.
Mas o quadro das Arvores termine
Essa qu' o gosto tanto lisonjea;
Mais abundante a Lusitana praia
Lá donde finda o manso Guadiana
A sustenta, e produz, seu fructo he doce
No calmoso Verão, e inda conserva
O mesmo Nectar no sombrio Inverno.
Se do Cantor das Estações o fogo
Impetuoso me fervêra n'alma,
Para igualar com elle a Natureza,
Que prodigios insolitos tu víras
No reino vegetal! Corrêra ao clima
Da cheirosa Ceilão, d'estranhas plantas
Almo licôr balsamico trouxera,
E nas margens do Indo, e fulvo Hidaspe
Víra os troncos da quente especiaria;
Nem tu, ditosa China, no regaço

Posta d'Aurora, e do nascente dia,
A meus sublimes extasis fugíras.
De lá transpondo o Gate, e immenso Tauro,
E depois o Sinay, vira a robusta
Sublime Palma, das victorias premio;
Como cresce, viceja, e multiplica
Nos Campos Idumeos, como ind'assombra
Os restos immortaes d'alta Palmira,
E do incansavel Nilo as margens borda;
O infatigavel Estro inda voára
Pelo cume do Libano frondoso,
E girando entre Cedros corpulentos
Talvez qu'os eccos das Canções ouvíra,
Qu'alli Vate inspirado ao Ceo mandára;
Mas pouco ave rasteira as azas póde
Erguer do turvo lago audaciosa,
Sem transgredir os nossos horizontes.
Em qualquer parte a Natureza toda
Podemos contemplar; olha nas faldas
Da Serra, asylo teu, como vicejão,
E tantas, tantas arvores sombrias!
Desiguaes em verdura, em fórma, em rama,
Mas nenhum fructo aos olhos offerecem;
Com ellas foi mesquinha a Natureza,
Só nos defendem do calmoso estio
Co'a sombra espessa dos travados ramos,
E dão guarida ao pensador, ao triste;
Nellas só brilha o vegetal instincto.
Esta se apraz de bronca penedia,
Vai calando a raiz musgosas fendas,
Alli se firma, se vigóra, e nutre;
Viceja aquella nos fecundos Campos
Qu'a simples mão do Lavrador cultiva;

Aquella estende os braços enlaçados
Pela corrente trémula dos rios;
Outra prospera no declive umbroso
Do molle outeiro, que domina os Campos;
Todas tem patria, e lares conhecidos,
E são viçosas, e contentes nelles:
O trabalho singelo, as doces artes
Do sabio agricultor á Natureza
Na cultura das Arvores se amoldão.
Aquella terra preguiçosa e fria
Medrar não deixa arbustos delicados,
Mas outra em grande excesso arida, e dura
A's plantas he mortal. Da Natureza
Bem conhecida dos terrenos pende
O incremento das arvores, e fructos;
De taes origens, de taes causas brota,
Não da influencia vãa do aspecto vario
Do que preside á noite argenteo globo,
E do enganado Agricultor regula
O nobre officio, que sustenta o mundo.
D'hum erro successivo á luz pesada
Cultivador estupido obedece,
Nem tu, Vate sublime, que vagaste
Pelo Imperio da vasta Natureza,
Que déste as Leis aos incolas dos Campos,
Deste engano fatal fugiste á sombra;
Mas de teu Canto a mellica harmonia
Tudo faz esquecer; conserva a posse
Do mais subido interprete das Musas.
  O dia já declina, os froxos raios
Do quasi occulto Sol, qu'a Thetis busca,
Nos remontados Serros se esvaecem,
E a fresca viração, qu'o ar agita,

Novo alento, e vigor recobra ufana.
Entremos no Jardim, qu'imperio he vosso,
Oh lindas flores, que reinais sem fasto,
Da Natureza no formoso quadro,
Colorido, e matiz com mãos profusas
Vos foi dado lançar; arte pasmosa
Em vossas côres, e contornos brilha,
Em todas differente, em todas bella.
Humas d'accesa purpura se vestem,
Outras de vivo azul orladas d'ouro,
Naquellas a côr pallida se ostenta,
E he bella a pallidez, he grata á vista,
Nos perfumes balsamicos qu' exhalão
Os inconstantes Zefiros s'engolfão,
E os derramão depois das niveas azas;
Constantes em tornar, quaes tornão fructos,
Nas regulares Estações se mostrão:
E certo a seu Imperio a Natureza
Hum tempo decretou, nelle o perfume
No ar em ondas espargir lhe he dado.
Olha do fertil campo a gloria, o timbre,
A magestosa flor, qu' outras excede
Na frente altiva a Candida Açucena,
Ella he Sceptro de Flora, em quanto a Rosa
Junto della se vê (taes enlaçadas,
Da pudibunda timida Donzella
Nivea, purpurea côr ao rosto assomão)
Do prado, e dos jardins gozar o imperio:
Agudas pontas asperas a cercão
Qu' á mão profanadora a tez mimosa,
E aos insultos crueis zelosas vedão,
O intacto seio virginal descobre
Aos voadores Zefiros sómente,

As aureas azas lucidas sacode
Em torno della a simples Borboleta,
Aureo diadema lhe circunda a frente,
A refulgente purpura que veste
Sobre as flores gentis mostra seu throno;
Mas ah! qu'estreita duração d'Imperio!
Rompe a verde prisão, brilha n'hum dia,
No throno hum dia a vê, na tumba o mesmo;
Inda a vida he mais rapida qu'a Rosa,
E mais qu'a vida, rapida a belleza!
Olha a soberba flor qu'o Mundo applaude,
Que d'entre as Palmas Idumeas veio,
Na solitaria agora, e taciturna
Ribeira do Jordão brilhava apenas
Do Scitha inculto aos olhos distrahidos,
Ignorado rainunculo; da Europa
Veio ornar os jardins, feliz conquista!
Que vivo esmalte, qu'innocentes graças
Vês nas pomposas volteantes côres!
Das Rosas na Estação constante volta,
Quasi parece que lhes tira o imperio;
Sentio-se a Soberana, e lagrimosa,
Sobre as azas dos Zefiros voando,
Da injusta usurpação se queixa a Flora;
Encantador perfume então lhe rouba
O Nume parcial: fica-lhe a graça,
Fica o prestigio de deter teus olhos
Na multiforme côr, matiz pasmoso,
Da Natureza esforço, e della gloria.
Desejas vêr a recatada, e bella
E mais modesta flor? O pejo a esconde,
D'hum puro Coração simbolo exacto,
Qu'ama a virtude, o merito disfarça,

Soffre os desdens da altiva dormideira,
Mas o perfume a vinga : e se modesta
Humilde côr de que se arrea, e veste
O seio virginal, se as graças vivas
Nas roxas, tristes roupas lhe fallecem,
Affrontada não he, qu'em virgem rosto
Tem mais preço a modestia, qu'a belleza;
Oh como a Natureza he sabia, he mestra,
Como igual em seus dons! Falta o perfume!
Profunda pallidez tolhe a belleza,
Tolhe á Perpetua a tez suave e branda,
Mas zemba da inconstancia, e vence o tempo;
Perece o vulgo das mimosas flores,
Hum dia as vê nascer, hum dia as leva,
Ella he na côr, na duração constante.
  Ah! se inda agora a terra ingrata, e dura,
Só não rebelde em produzir abrolhos,
De tanta pompa, e gala se atavia,
Qual seria no Edem, quando a innocencia
O sceptro felicissimo empunhava!
Quando a primeira Mãy candida, e bella,
No vitreo Lago hum pouco debruçada,
Reproduzida vio do rosto a imagem,
Vio com graça, e sem fasto derramadas
As aureas tranças pelo eburneo collo,
Sem crime então colheo ditosas flores,
Pelos delgados ondeantes fios
Contente as ennastrou, talvez murchassem
Quando a mão cubiçosa alçára ao pomo,
Qu'engolido gerou peccado, e morte;
Mas inda amaveis são, inda formosas
Entre os lutos mortaes da Natureza,
Inda póde o mortal do Autor de tudo

A existencia sentir quando as contempla.
Qu' esforço dos humanos! s'esvaece
Da Primavera momentaneo Imperio,
Se na ausencia dos Zefiros desmaia,
E murcha expira a flor : vive n'olfato,
Reproduz a existencia, o Lirio, a Rosa,
E os perfumados Calices existem
Qu'os pomos do Catay contém no seio,
Na esferica prisão se occulta a folha,
Attenuada de incessante fogo
Em cristallinas lagrimas se muda,
E d'antiga virtude inda lembrada
Os seus antigos balsamos derrama,
E já não viva flor n'olfato existe,
A's leis do docto engenho, ás leis das artes
Da terra as producções doceis se amoldão.
Vê no ameno jardim tenros arbustos,
Qu' industriosa mão flexiveis tórna,
Ramagens verdes ajuntando arquêa
A sombrifera cupula nos ares.
No solitario asilo, opáco alvergue,
Vivo clarão do Sol penetra apenas
Té quando mais a prumo o fogo entorna.
Taes pelos valles frigidos do Emo,
Ou nas faldas do Ménalo disserão
Antigos Vates, qu'os sagrados Louros,
Da victoria brazão, dos versos premio,
Cruzando os bastos ramos s'enlaçavão;
De Murta, e Cedro n'outra parte fórma
Grossas muralhas, empinadas Torres,
Ou capripedes Satiros, e Ninfas,
E fachadas, e porticos soberbos
Sobre columnas Doricas firmados.

E não sentes prazer, se abstracta, e muda
Te absorvessem profundos pensamentos
Por entre as gratas sombras? Que sagrado
Fogo na mente extatica se atêa!
Dilatão-se os confins do entendimento,
Deste Globo, e dos Ceos a origem marco,
E descortino os intimos segredos
Qu'a mui ciosa Natureza esconde
Dentro de escuro abismo impervio aos homens.
Salve, benigna solidão, tu nutres
O sublime delirio da Poesia:
Do silencio, e de ti canções procedem
Que dos vorazes Seculos triunfão;
He feliz só comtigo o Vate, o Sabio,
Nos vergeis de Windsor Pope sondava
Do humano Coração o abstruso pégo,
Do mortal ao mortal decifra o enigma.
Mas o ameno jardim onde entre as murtas,
Entre latadas de frondosos louros
Rebenta em borbotões subindo a linfa,
E desce em branca espuma convertida
A' marmorea bacia, e tantos bustos
De fino jaspe qu'os Heróes me mostrão;
Este opaco vergel, qu'excede aquelle
Onde Alcino escutára o fado, os trances
Do astuto Grego de Laertes filho;
Os jardins que Semiramis nos ares
(Molleza Oriental) suspensos teve,
A meus olhos não são tão gratos, quanto
A Serra alcantilada, as penhas toscas
Qu'a Natureza, e Seculos puzerão
Sobre o monte, que vês sagrado a Cinthia.
Longe, oh arte uniforme, e dos humanos

Enfadonha igualdade, e tedio eterno,
Sómente o verdadeiro he grande, e bello,
E sem arte he formoso. O campo extenso
Inda chama por nós. Oh, quantos guarda,
Quão milagrosos simplices, qu'a vida
Resgatão vezes mil das mãos da morte!
As raizes sympathicas, as plantas,
Os aromas balsamicos, os fructos,
Que vantajosos dons! Mansos rebanhos
De inuteis aos mortaes plantas se nutrem,
Nellas immensa variedade, e fórma
Derrama a plenas mãos o Autor Supremo.
D'huma mesma semente, e mesma especie,
Nas matizadas flores não devisas
Conforme relação, conforme aspecto,
A fórma he differente, he varia sempre,
Duas folhas iguaes não vêm teus olhos,
Tão varia he sempre a Sabia Natureza,
Em milagres tão nova, e nova em graças!
E se dos Entes vegetaes a escála
Aos animados seres vai seguindo,
Nos homens, e animaes rasgos diversos
Na externa fórma se descobre em todos;
Ao Soberano Architector do Mundo
A variedade apraz: não tem modelo
Na interminavel producção dos Entes,
De seu saber o circulo infinito
Ao pensamento humano a esfera opprime.
  Mas entre a basta multidão de tantas
Qualidades de Simplices proficuos,
Da fragil Natureza esteio e arrimo,
Huma casca amarissima nos manda
De seu fecundo seio o Mundo Novo:

Se fervendo teu sangue espuma, e corre
Sem compasso a tropel nas fundas veias,
Depois das settas, qu'o terrivel frio,
Da morte precursor, no corpo embebe,
Parocismos fataes, que leis occultas
A constantes periodos sujeitão;
Do pó subtil a incognita magia
Conjura a febre, compassado bate
Nas veias sem tumulto o rubro sangue,
E da vida fugaz o espaço mede;
O teu corpo entre dores, e agonias
(Oh miseravel condição da Culpa,
A pallida doença os fóros piza
Até da juventude, e da belleza,
Rosas, lirios, nas faces amortece)
He victima infeliz; debalde invocas
O Numen de Epidauro, e da impostura;
Fugio dos olhos teus fagueiro sono,
(Pausa qu'aos males seus deu Natureza)
Tumultuosos filhos do delirio,
Tristes Fantasmas vãos te assombrão toda,
Util suco da Egipcia Dormideira,
Lethargica bebida ensalma as dores;
Condensa-se o vapor nos seus olhos,
Sono restaurador sobr'elles pousa,
Cujas azas lethargicas, e doces
Traz orvalhadas no licor do Lethes.
Da fantasia lugubres imagens,
Tristes filhas do medo, se esvaecem;
Almo repouso nos cansados membros
Ao delirio frenetico succede.
Justo Dispensador dos bens, dos males
Aos agentes mais vis forças outorga

Com qu'o fio mortal sustentem firme.
Porém antes qu' o Sol de todo esconda
No seio d'Anfitrite o disco ardente,
Do campo o melhor dom, mais nobre fructo,
Se te apraz contemplar, olha ondeante
Ao leve toque de animantes ventos;
Como se dobra, e se desdobra a messe
Do louro trigo, dos mortaes esteio,
De agudas lanças esquadrão cerrado
A já vingada espiga escuda, e fecha,
Com seu peso opulenta inclina a fronte,
Assim da tempestade esquiva os golpes,
A pragana subtil o aproche veda
A' mui voraz sofreguidão das Aves;
Oh trigo, oh rica dadiva do Eterno,
Tu, no effeito, e valor, és delle a prova,
E's a benção d'hum Pai, qu' ama seus filhos;
Das plantas Soberano, o Sceptro empunha
No Imperio vegetal, da terra ornato;
De vento, ou d'agoa a maquina rotante,
Já te reduz a candida poeira,
Activo agente te fermenta, e logo
Saboroso sustento a vida escóras;
E de Zeno o discipulo comtigo
A ventura, e prazer disputa a Jove;
Da Natureza o principal desejo
He sómente existir, comtigo existe,
Comtigo o mortal fio se alongára;
Mas o luxo, satellite da gula,
Lisonjeando o paladar, estreita
O miseravel circulo da Vida.
Mui pouco a razão póde . . . os olhos volve
Ao derradeiro quadro augusto, e nobre,

Vê d'Arabia feliz no campo extenso,
Entre as plantas balsamicas erguendo
Hum verde arbusto a frente magestosa,
O Fructo ao Mundo deu, qu'o Mundo applaude,
Foi na Terra natal primeiro ignoto,
E desprezado foi, mas já d'afronta
O tem livrado o Globo, e já contempla
Por seu dominio o Mundo antigo, e novo;
Colhido, e seco, devorante fogo
Nas labaredas rubidas o torra,
E ferrolhado em carceres de ferro
Se torna em pó na maquina rotante;
Posto de novo nos carvões ardentes,
Na linfa se encorpora, e ferve, e gira:
Mas que concurso de virtudes móra
Na bebida sympathica! Ligeiro
Corre o sangue mais liquido nas veias,
Accelera-se o chilo, os alimentos
Na substancia vital se mudão prestes,
Cansados da vigilia, e do trabalho
Os cansados sentidos se vigorão.
Sêde parcos, mortaes, nunca seu uso
Por longo tempo aos olhos vigilantes
Suspenda o poder magico do Sono.
Dest'arte o Globo, escuro alvergue nosso,
Fecundo em fructos, arvores, e plantas,
E matizado de boninas sempre,
Sustenta, e nutre os Entes animados;
Ah! se pudera a Vista, oh quadro augusto,
Como póde encarar-te o pensamento,
Descortinar a formosura toda,
Qu'em ti reluz, qu'incrédulo ousaria
Negar qu'existe o Creador de tudo?

Tantos bens aos mortaes reparte o Campo,
Se estudo, industria escolta a Natureza.
Oh cultura do Campo, oh necessario
Suavissimo mister aos homens dado
Até quando a innocencia o Imperio tinha
Da terra, não do crime alvergue impuro,
Mas da virtude, e paz Palacio, e throno!
Vès de Mantua no cisne altisonante
Da feliz vida rustica o retrato?
He mais bella em seus versos; duvidosa
A palma só lhe deixa o mais sublime
Vate qu'o Sena vio, Vate qu'ao campo
Severas Leis dictou co'a voz das Musas;
Eu só lhe sigo ao longe o vôo altivo.
Da Natureza inteira o estudo, a força
S'emprega em fecundar, servir a Terra;
Despede o claro Sol sobre ella os raios,
As fluctuantes nuvens lhe derramão
O bemfazejo humor, liquidas agoas
Lhe girão como sangue as largas veias,
Pelos ares diafanos brincando
Se agita o vento, qu'a refresca, e nutre,
E sómente o mortal soberbo e duro
Do sublime dever se afronta, e córa,
A qu'innocente a voz da Providencia
Já destinado o tinha! E julga Officio
Apouquentado, e vil d'almas humildes
A terra dividir com lizo arado,
E julga só de gloria emprego digno
Alastrar de cadaveres a terra!
Veneraveis Heróes da Idade d'ouro
Não julgárão assim. Sustendo o Sceptro,
Ciro sustenta na invencivel dextra

O proficuo Alvião : d'antiga Roma,
Do antigo Mundo os Arbitros invictos,
Curio, Fabricio, Scipião, Serrano,
Da frente augusta o louro desatando
Da charrua o timão com elle enfeitão;
Debaixo de seus pés se alegra a terra
Qu'o ferro triunfal lhe rasgue o seio.
Dos eclipses politicos cansado,
Dos abismos medonhos, qu'a Fortuna
Ao Solio preparou, fugindo hum Cesar,
Em pequeno jardim s'esconde, e vive;
A Consular Segure, o eburneo Throno
Pelo humilde enxadão trocou gostoso;
S'em Campo Marcial, e em frente aos muros
As formidaveis Legiões dispunha,
Assim dispõe das Arvores os troncos,
Assim concerta os pampanos viçosos;
Oh tres vezes feliz quem foge, e deixa
Das Côrtes a impostura, o reboliço,
Que solitario, incognito, não cuida
Das façanhas dos Reis, servindo a Ceres
O campo de seus Pais cultiva, e rasga,
Jungindo os proprios Bois, nunca da Inveja
Ou do Cuidado roedor os dentes
A descansada vida lhe atassalhão,
Nem alonga desejos, e esperanças
Mais alem dos confins dos patrios Campos,
E nunca em taças d'ouro o filtro bebe
Qu'o sentido lhe tolhe, a paz perturbe,
Nem lhe offerece livido veneno
Resplendente baixela; em pobre tarro
Se farta do cristal, qu'entorna a fonte,
Do leite qu'ordenhou fórma seu nectar;

A propria mão qu'as arvores plantára,
Colhe das mesmas arvores o fructo,
A voz do lisonjeiro, Harpia hedionda,
Seus descansados timpanos não fere,
Das brandas Aves co' o gorgeio engana
(Se acaso os póde ter) magoa, e cuidado;
Do irritado Nereo na espadoa incerta
Não vê lutando o lenho vagabundo,
Do solto vento, e mar ludibrio infausto,
Nem vae no centro de inquietas ondas
Miseravel buscar tumulo eterno.
Da encanecida Idade em froxos dias,
Jámais da vista perde inculta Aldeia,
Nem conhece outro mar, nem vê mais agoas
Qu'as agoas, com qu'o manso, e claro rio
Vai passando entre Faias, e Avelleiras,
Que debruçadas se retratão nelle;
A terra que no berço infante o víra,
Inda velho o sustenta, e guarda extincto
Para qu'o sono as palpebras lhe feche;
Jámais emprega a magica virtude
D'Egipcia planta, ou compra a melodia,
Qual d'Augusto o Valido, a cujo peito
Não davão tregoa os turbidos cuidados.
Sobre o verde tapiz do tenro musgo,
Qu'alcatifa do rio a marge amena,
Doce leito tranquillo, e pousa, e dorme,
O susurro das agoas que se quebrão
Nos lizos seixos, nos ramosos troncos,
Por longo tempo as palpebras lhe prende;
O medonho tambor, guerreira tuba,
Jámais com sobresalto o fere, e acorda;
Conquistador intrepido o não chama

Do leito em que repousa, á guerra, á morte;
Gallo madrugador com grito agudo
Lhe diz que rompe a desvelada Aurora,
Ao trabalho o conduz, do Campo o chama;
Se nas sombras da noite o Ceo s'embuça,
Mortaes exhalações, qu' os ares turvão
Das soberbas Metropolis, não chegão
A inficionar-lhe a simplice morada;
O descuberto Ceo, e o ar tranquillo
Equilibrada a maquina conservão
De seu robusto corpo; a horrenda morte
Azas alli não tem, com tardos passos,
Só quando a chama a Natureza, chega;
Não vê passar com tedio os longos annos
No tumulto da Côrte, e não cativa
A indignada vontade aos vãos caprichos,
Qu' a soberba, e poder no Grande atição;
Da vil adulação não sabe o estilo,
O mercenario estilo, que converte
Hum Thersites disforme em bravo Achilles;
Nem prodiga insolente a Thais infame
De Lucrecia o louvor; triste suspeita
Do ingenuo peito seu jámais se apossa;
Se do visinho o Campo dilatado
Mór colheita vê dar, não sente inveja,
Sceptro infatigavel, qu' entre os Grandes
Sempre a tocha infernal sacode, atêa;
Da embuçada traição não sabe o nome,
Se alguma vez engana, engana as Aves,
No monte os Animaes, no rio os Peixes,
De frugal Meza opiparas viandas.
Onde austéra moral mais que nos Campos
Póde observar o rustico? Em cadeias

As insanas paixões presas conserva,
E vê tranquillo as furias assanhadas
Avassallando os Arbitros da Terra,
Lançar-lhe ao Collo o jugo, aos pés os ferros;
Vê como Avaro sordido se entrega
Ao surdo vento, ás ondas inconstantes,
Até, cégo! surgir n'opposto Mundo,
Ganhar co' o proprio sangue o metal louro,
Qu' a cobiça mortal converte em Nume.
Vê lutando sem fructo o vil ocioso
Para evitar os roedores tedios,
E qual sombra importuna o vão seguindo;
Repetido prazer lh' embota o gosto;
Em miseravel giro a vida absorve.
Quando rompe a manhãa deseja a noite,
Se a noite estende os véos, anhela o dia.
Impenetravel a taes golpes vive
Laborioso Camponez; ligeiras
Vê correr no trabalho alegres horas,
Dest' arte vê reinar dentro em seus lares
Aquella doce paz, qu' o Grande ignora;
Deo-lhe Amor huma Esposa, he della amado;
E os tenros filhos, que sustenta ao peito,
São delle, e della solida esperança,
Só de prazeres verdadeiros goza,
He do nascente Mundo a imagem viva,
A Idade d'ouro se existio foi esta;
Comsigo, e co' os mortaes franco, e sincero,
Se a morte vê chegar, sem medo a espera,
Encara firme o passo derradeiro,
Fechando os dias prosperos, e longos,
No proprio Leito de seus Pais expira:
A dôr qu' a Esposa sente he dôr sincera,

São sinceras as lagrimas dos filhos;
Na vida Amor o honrou, na morte o pranto.
  Divina Agricultura, eu palpo, eu vejo
Teus dons celestiaes, e os teus presentes
Ingenuos são da ingenua Natureza;
Se ha dias puros, os Mortaes tos devem;
Tu só nos dás riquezas sem remorsos,
Sem ancias o prazer; tuas conquistas
São conquistas de paz, virtude as doura,
Nada das armas aos furores devem,
Nem fazem correr lagrimas, nem sangue.
E negaste-me, oh sorte, asylo escuro,
Asylo solitario, onde eu gostasse
O sincero prazer, doce, e sublime
De me esquecer do Mundo, e dos ingratos?
(Esta a vingança qu'a virtude approva)
E quando poderei, quebrando os ferros,
Roubar-me ao choque das paixões humanas!
Dormir tranquillo á sombra do arvoredo,
E tranquillo acordar! Vêr gota a gota
A roxa aurora borrifando as flores,
E vêr coberta a espadoa da montanha
Da nuvem qu'o Sol doura, o Sol consome;
Ao sopro animador da Primavera
Vêr da terra brotar plantas, e flores!
Longe, longe do estrepito das Côrtes
Livrar o ouvido timido dos eccos,
Qu'as ondas da ambição quebradas deixão.
Fados, meus votos ultimos são estes.

FIM DO CANTO QUARTO.

A NATUREZA.

CANTO QUINTO.

Do ameno Campo o variante aspecto
Deteve os olhos teus; contempla agora
Mais nobres Entes, mais vistosas Scenas.
Não só para os mortaes vicejão tantas
Fecundissimas arvores sombrias,
E a Mãy universal terra fecunda
Não só para os Mortaes produz seus fructos;
Assigna aos Animaes para morada
Tambem o terreo Globo a Providencia,
As brandas aves, que nos ares girão,
As feras na montanha, o manso armento
Qu' ajuda o Lavrador, possue, reclama
Direito natural da terra aos fructos,
Dos brutos elles são, e o são dos homens.
Incomprehensivel variedade, nunca
De antigos Sabios porfiado estudo
A's especies sem fim deu classe, e nome;

Nunca pôde traçar completos quadros,
Ou das Aves aligeras, que os Ares,
Seu Imperio vastissimo, povôão,
Ou das feras carnivoras, ou gados,
Que no sombrio bosque, ou campo habitão,
Ou do humilde reptil, do insecto vario.
O vencedor indomito do Mundo
No estampido da guerra, e da victoria,
Entre o sangue, entre a rabida carnagem,
Não lhe esquece hum brazão digno do Sceptro,
Ordena ao Genio do Licêo (supremo
Então das Artes arbitro) que gire
Da Natureza o circulo infinito,
N'hum Volume immortal ind' hoje existe
Do Sabio, e do Monarcha o nome, a gloria.
Era infinito o Circulo, não póde
Tanto n'alma abranger. Só te foi dado
A ti, grande Buffon, rasgar de todo
A' Natureza o véo. De seus misterios
Tu és sómente interprete sublime.
Estilo encantador dá vida aos quadros,
Qu' extatico contemplo : em teus escritos
Sôa a voz, mas sem numeros, das Musas:
Eu sigo os passos teus no immenso estadio,
Que vou prestes correr, dos entes brutos
Eu vou mostrar a Scena immensa e vária,
Depois qu' á voz do Artifice Supremo
Sahio do Nada o Ceo, o Mar, e a Terra;
Depois qu' a eterna alampada do dia
Deu luz aos claros Ceos, e as agoas forão,
Em vapores imbriferos mudadas,
A filtrar-se no ar, descendo á terra,
Por ella os rios trémulos formando

Qu' a vida ás plantas deu, matiz ás flores;
Depois qu' as louras sasonadas messes
Ondas formárão na Campina extensa,
Então mandou qu' os animaes vivessem
O supremo Motor, surgem da terra
As animadas maquinas seguindo
Do natural instincto as leis severas;
Nos livres ares as voluveis aves
Soltão ao Canto a voz, ao vento as pennas:
Os humildes reptis seu corpo arrastrão,
Os diversos quadrupedes se lanção;
Na propria habitação, na inculta brenha
Se acouta, e se defende o bravo, o fero,
Sangue respira só, e a incauta preza
Busca onde empolgue as garras despiedadas,
E vem buscar o imperio, e a mão dos homens;
Os rebanhos pacificos, e doceis,
Ao Rei da Criação tributos prestão;
Aves, reptis, quadrupedes, insectos
Do Mestre universal recebem todos
Instincto animador, força motora,
Ella os conduz sómente, ella os anima,
Ella o sustento lhes procura; pronta
A' cilada os esquiva, ao damno, á morte,
E com ternura os prende á propria especie,
Da prole o doce amor sustenta, e nutre
Co' o ministerio dos Sentidos: nella
Move o gosto, o prazer, odio, e vingança,
Ella lhes firma as leis, o pacto escreve
D'hum divorcio eternal entre contrarios,
E a têa de subtis estratagemas
Com qu' as incautas prezas senhoreão
Do voraz inimigo, o ataque esquivão.

Em nós obra a razão, nellas o instincto,
Portentosa mecanica ignorada
Aos vãos esforços do Saber humano.
Dos ares Cidadãos, vinde a meus versos,
E os milagres mostrai da Natureza,
Qu' em vós thesouros mil prodiga emprega;
Da Providencia paternaes cuidados
Do taciturno Atheo aos olhos brilhão
Se alguma vez no ar contempla as Aves.
Que pandas azas arrogantes bate
A Ministra de Jove, Aguia sublime!
Que vista perspicaz, que vôo altivo
Lhe faz transpôr as nuvens enroladas!
Deixando embaixo o raio, a tempestade
Té onde os ares liquidos a soffrem
Vae devassar, subindo, o Sol ardente:
De lá não deslumbrada o Campo espia;
Impetuosa como os raios desce
Sobre o disperso, timido rebanho,
Do Pastor assustado á vista empolga
Aduncas presas no Cordeiro imbelle,
Leva pendente o Corpo atassalhado,
Mimoso pasto de cruentos filhos,
Que nas quebradas fragas da montanha
Implumes, sem vigor, soccorro aguardão.
Vassallos deste Rey n'aerea Scena
Começão d'assomar Falcões soberbos,
E o carniceiro voador Milhafre
De retorcida garra, e bico adunco;
Batendo as azas prateadas fogem
As Pafias Pombas do tiranno infesto,
O timido esquadrão nos doces Lares
Guarida vae buscar; impetuoso

Sobre elle desce o rábido assassino,
No palpitante seio a garra empolga,
E rubro sangue resaltando ensópa
A mui brilhante, morbida plumagem:
Assim mimosa flor, qu'o prado enfeita,
Do vento desabrido ao golpe expira;
Mas esta especie barbara, e sangrenta
Serve a nosso prazer, delicias nossas;
He feroz, mas he docil; amestrada
Do infatigavel caçador espera
Conhecido sinal; qual raio acceso
Sobre a timida presa se arremessa,
Com ella envolta em sangue á terra desce,
E aos pés do Caçador o premio espera
Do lacerado, misero despojo.
　Mas das Scenas da Morte a vista aparto,
A Innocencia, que soffre, obriga a pranto:
Nos brutos animaes a Natureza
Soffre ultrajes da industria, e força humana.
Em novos quadros, maravilhas novas
Pela scena vastissima das Aves
Vamos já contemplar; do Autor dos Entes
A grandeza, o poder nellas descubro;
Tu com vivo prazer detens teus olhos
Nessa Ave portentosa, em cujas pennas
O claro azul do Ceo s'engasta em ouro,
Sobre o vulgo das Aves se realça,
Ajunta em si riqueza, e formosura.
Quanto he grato observar-lhe o fluctuante
Nobre pennacho, que lhe assombra a frente!
Os olhos volve com soberba, e fasto,
E sente o preço da belleza propria,
Desprega ufana a cauda sumptuosa

Se de perto o Mortal a admira attento;
Com tal presente a Soberana Juno
A quiz enriquecer (s'eu devo em versos
Votados á Verdade, e á Natureza
Inda escutar as fabulas do Pindo,
Aos olhos do Filosofo não gratas).
Vê das Pombas domesticas o bando
Que pelo ar diafano revôa;
A Natureza liberal derrama
Sobr' elle a plenas mãos belleza, e graça,
Iris brilhante o collo representa
Ora qu' obliquo o Sol raios despede;
Os simbolos da paz, e da ternura
Nellas tu pódes vêr; constante chamma
Arde em seus corações, arde innocente,
D'hum doce amor fiel as prendas amão;
Amargo fel não rompe os tenros laços
Qu' a vontade tramou, qu' amor aperta:
Se humano Coração tomasse attento
Tão sublimes lições, nunca o sombrio
Cruel desgosto co' as Tartareas azas
Os puros leitos Nupciaes cobríra.
  Mas que magoado som, que novo encanto
Os ouvidos extaticos me fere!
Dá movimento, e vida ao bosque, aos troncos,
Bem como Orfeo do Rhodope aos rochedos;
Da flexivel garganta delicada
Quantas ondas entorna d'harmonia!
Modesto Rouxinol, tu lisonjeas
A suave metade, a tenra Esposa
Em quanto implumes, pequeninos filhos
Co' o calor natural fomenta, e nutre;
Como fallas d'amor, como expressivos

São teus magoados sons, se a ausencia choras!
Ouve-te a noite, as sombras s'enternecem,
Até parece que mais cedo a Aurora
Rompe só por te ouvir, e o Sol madruga:
Se a Primavera vio no berço o Mundo,
Foi do suave Rouxinol o canto
Quem primeiro rompeo silencio augusto,
Qu' á muda Natureza presidia,
E a taes accentos o Mortal primeiro,
Quando os olhos abrio, deu pronto ouvido,
E levantando a mão ao Throno Excelso,
Da vida a immensa dadiva agradece.
Porém qu' estranhas Aves já descubro
Nos apartados Climas, que separa
De nós o vasto mar! Olha a soberba
Ave qu' esmalta, enfeita, aformosea
D'America os vergeis, émula altiva
Dos vaidosos Pavões, nas ricas pennas
Se apura com esmero a Natureza,
A' extrema pequenhez novos encantos
A belleza lhe dá, brilhantes côres
As delicadas pennas lhe matizão,
O azul dos Ceos, a purpura das rosas
O torneado collo lhe guarnecem,
Verde esmalte do mar lhe cobre as azas,
Quasi parece aos olhos qu' a contemplão,
Se os ares rapidissima divide,
Huma brilhante flor, qu' ás plantas roubão
Os rorejantes Zefiros que brincão,
E o Tocano voraz della se teme
Se ousado (quanto póde a Natureza,
E quanto amor n'hum peito inerme e fraco!)
Os pequeninos filhos lhe acommette,

Qu' a desvelada Mãy no berço aguardão,
Contra a sanha do perfido inimigo
Lhe dá forças amor, quem mais valente
Qu' o soberano amor, qu' impera em tudo!
N'hum coração de Mãy, nem cede á morte.
Eis nova maravilha em novo objecto
Não só deviso, mas escuto; quantas
Varias côres gentis traja seu corpo!
Das faces virginaes vivo escarlate,
Do goivo a pallidez doce, e mimosa,
E aquelle umbroso azul, qu' inda nas folhas
Delicado Jacinto ostenta, e guarda,
O verde que no prado, ou na esmeralda
Tão grato á vista pinta a Natureza,
Lhe ensopa e tinge a lucida plumagem;
Hum dom dos racionaes conserva ufano,
Domina em a Republica das Aves,
He seu brazão sómente, he gloria sua
Usar da voz, das expressões humanas,
Mas são preço os grilhões da voz qu' imita,
Caro lhe escuta o merito, o talento,
E quando sente a asperrima cadeia
Debalde anhela a antiga Liberdade,
A antiga solidão, e os patrios bosques;
A tão formoso lisonjeiro quadro
Vão sombras succeder: medonha imagem,
Terror do Sertão vasto, e das Campinas
Te debuxa Buffon, delicias tuas
Apontando ás asperrimas montanhas
D'opulento Perú, das Aves todas
Descreve a mais cruel, flagello e susto
Do misero rebanho qu' atassalha;
Sobre hum Touro feroz dos ares desce,

Rasga-lhe as carnes, sofrego o devora,
Das agras serranias assomando
Co' as azas tapa o Sol, e immensa espalha
Do largo campo em torno infausta sombra,
Os ares rasga com ruido horrendo,
Mais d'huma vez se vio d'após o arado
Arrebatar o Lavrador, nas garras
Vão pendentes os membros palpitantes,
Corre o sangue nos asperos rochedos;
Monstro destruidor de catadura
Horrenda, e feia, ao corpo desmedido
Lhe ajunta igual vigor a Natureza:
Mas o Eterno Motor, he sabio, he justo,
Só dos Monstros carnivoros, ferozes
O terrivel Condor propaga menos.
  A mais vistosa Scena os olhos volve,
Verás dispersos os plumosos bandos,
Voluveis Cidadãos d'oppostos Climas.
Quem das margens do Tejo á Libia ardente
Os obriga a passar? D'Africa adusta
Quem de novo os conduz do Tejo ás margens?
Obras do instincto são, talvez do Eterno
Seja hum brado, huma lei por onde ordena
Qu' a providente Natureza ensine
Estas dispersas, vagabundas Tribus,
Que do frio e calor o extremo evitão.
Apenas finda o giro o pardo Outono,
Co' o derradeiro aceno annunciando
A rigida estação das tempestades,
Se do immenso horizonte o vasto seio
Por hum pouco conserva a luz, e a calma,
Das Andorinhas a Nação liberta
Sobre as rapidas azas balancêa,

O volante esquadão se fórma, e gira
Inda gozando da estação que foge,
Faz-lhe hum aceno a Natureza, e pronto,
Ou vae buscar as lobregas cavernas
Onde o fogo central do Inverno mofa,
Ou debaixo d'hum Ceo mais brando, e puro
Vae prudente aguardar, que volte a doce
Primavera fugaz, e apenas sente
Qu'o tepido Favonio as azas solta,
E com fecundo assopro o ar tempera,
E os campos de boninas alcatifa,
Contente vem buscar o antigo clima.
Mil vozes confundidas annuncião
O instante de partir, marca-se a estrada,
Já cada batalhão conhece hum chefe,
Com verniz mais luzente as azas brilhão,
Pelos ares vazios se arremessa
A volante Falange, afronta ousada,
Sobre as nuvens, o mar que freme, e espuma.
Quando me apraz então desde alta rocha
Vèr em bandos voar palreiras Gralhas!
A negra esquadra em angulo se fórma,
Qu' enfreia a furia de raivosos ventos;
Pelo espaço do ar já soa ao longe
O guincho atroador qu' o froxo apressa;
Activa, insomne sentinella guarda
O campo, os arraiaes, quando cansado
O volante esquadrão repousa, e dorme.
Debalde, explorador da Natureza,
Pesquizo occulta Lei, qu' as brandas aves
Faz desertar dos ninhos abrigados,
Das Estações o ponto, o prazo eterno
Já sabem presentir : rouca trombeta

Lhe ajunta os Esquadrões, a marcha intima
Prontos á interna voz; quem póde a estrada
Qu' elles devem seguir, marcar sem erro?
Que Bussola os conduz transpondo os mares?
Se a noite as azas lugubres estende,
Se os feros Aquilões... Oh Sapiencia
Do sempiterno Autor! quem não descobre
Que teu braço as conduz, qu' as vozes tuas,
Do instincto as vozes, são que lhes prescrevem
Da jornada annual o prazo, o dia?
  De mais perto te sigo, oh Providencia,
Nas Leis qu' os Animaes sempre constantes
Por mechanismo occulto abração, seguem
No doce amor da prole, e no cuidado
Com qu' o sustento próvidos procurão,
E a seus contrarios avidos s'esquivão.
Maravilhoso quadro de quem posso
Apenas desenhar grosseiro esboço,
Só nisto encontro pobre a voz das Musas.
Atrevidos pinceis qu' o Estro emprega,
Da magestosa Natureza oppressos,
Negão-se á obra, froxos esmorecem.
  Que ternura mostrais, mimosas Aves,
Co' os filhos que nutris! vós desveladas
No berço os defendeis, velais no berço,
Esquecida de si seus ovos choca
A carinhosa Mãy; o Sol que nasce
No mesmo ardor a encontra, nelle a deixa
Se os braços busca da cerulea Thetis;
Calor activo os orgãos desenvolve,
Eis se quebra a prisão, e á luz respirão;
O delirio amoroso então se aumenta;
Deixa hum momento o ninho, os ares corta,

O sustento solicita procura,
Contente ao ninho volta, alli do peito
Nos mal abertos pequeninos bicos,
O grão que traz, amante deposita:
E quando observa solidos os membros,
E já robustos musculos das azas,
Com presentida voz d'hum tronco os chama,
Adeja, e vôa hum pouco, e marca o trilho
Pelo espaço diafano dos ares,
Tanto amor maternal nas aves brilha!
Sympathica affeição, profundo impulso,
Qu'a sabia mão da Natureza imprime
Nos brutos animaes, pasmoso instincto,
Que de seres sem numero povôa
O ar, a terra, o mar, que o Globo abrange.
Só desta Lei se esquiva, e se desvia
Estupido Abestruz, surdo aos gemidos
Qu'exhala amor, a Natureza, o Sangue;
Sobre as areas torridas da Libia,
E solidões d'America abandona
Os ovos sem cuidado, e delles foge.
O paternal amor do Autor dos Entes,
Qual benefica Mãy, fecunda, e cobre
O miseravel germe alli deixado,
Ao fulgurante Sol manda qu'espalhe
Almo calor sympathico da Vida;
Sem Mãy, sem Pai, se anima, e desenvolve,
E vem gozar da luz no impreterivel
Termo, qu'a mão da Natureza escreve.
O Pai universal invoca, e chama
A tenra prole inerme, a mão profusa
O sustento lhe dá, desvia os males,
De que inexperta idade inda não foge.

Qu' aprazivel he vêr o amor, as ancias
Da singelá Gallinha cuidadosa!
Nunca a ternura maternal mais pronta
Nos outros Animaes soccorre os filhos,
Co' os incansaveis olhos vigilantes
A vida lhes escuda; se atrevido
Sem pejo os acommette o cão fagueiro,
Denodada se oppõe, nem sobresalto
Ao latido feroz mostra animosa;
Quanto he gostoso vêr, quando em sombrias
Nuvens s'envolve o Ceo no pardo Outono,
Qu' a prumo sobre a Aldeia peneirando
Anda o cruel carnivoro Milhano,
Os olhos fitos traz na incauta presa:
A satisfeita Mãy dada ao trabalho
Para nutrir os clamorosos filhos,
Entre as aereas nuvens o presente,
Lança assustada o grito conhecido,
Prestes se escondem timidos, e mudos;
O maternal amor dest' arte esquiva
A tenra prole aos golpes do inimigo.
A industria agora das ligeiras Aves
Attenta escuta. Simples, magestosa
Mais qu' as artes humanas, só com ella
A seu prazer, e precisões acodem.
Teu ninho excede, oh brando Melharuco,
Do braço dos mortaes a industria e força;
Com musgo aveludado envolve, e forra
Entrelaçados dobradiços juncos:
Da pensativa Aranha a fina têa
Todos enroupa, morbida plumagem
Serve d'encosto aos ovos delicados,
A entrada lhe franqueia estreita porta.

A vária fórma de abrigados ninhos
De cada especie ao genio, ás leis se amolda:
Olha a sagaz e rapida Andorinha
Que do lodo dos pantanos se serve;
A cauta Cotovia, que madruga,
Fórma seus lares dos torrões da terra;
A doce habitação sempre he diversa,
Nella he constante a ley d'architectura,
Nas compassadas proporções não serve
Outro instrumento mais, outra esquadria
Qu'o delicado bico, as tenras plantas;
No recatado berço industrioso
Dão maior extensão, mais vasto seio
Proporcional ao numero da prole;
A soberba razão se turva, e perde
Quando observa a mechanica pasmosa,
Ella he rasgo da Eterna Sapiencia
Qu'em tudo resplandece, e brada em tudo.
  Moradoras das ondas, e da terra
Não vês soberbas Aves magestosas,
Ora pastando n'aljofrada relva,
E do lago tranquillo ora nas agoas
A liquida planice dividindo?
Estes os Cisnes são, que nas Ribeiras
Do sereno Caistro, e manso Eurotas
Dos Vates erão simbolos, qu'hum tempo
Os agradaveis sonhos do Permesso
Em scintillantes Astros convertêrão,
Estes os Cisnes são, que a voz suave
Levantavão em lugubres accentos,
Presentindo chegar-se o praso extremo.
  Mas ah! qu'o manto lugubre da noite
Se desprega nos ares luctuosos,

Reina silencio universal no Mundo,
Porém d'espaço a espaço o horror das trevas
Com gritos melancolicos se rasga,
Surgem dos negros Carceres medonhos
As tristes Aves, producções da noite,
Rudes guinchos tristissimos são dellas
A funesta expressão. Eccos medonhos,
Qu'ao mortal assustado o peito esfrião,
Para mim não sois taes, n'horror da noite,
Quando aos ermos do espaço os olhos volvo,
E accesa fantasia os astros corre,
Os pesados sentidos me despertão,
O vigilante espirito devassa
Da Natureza os intimos arcanos.
Taes Aves melancolicas n'hum tempo
Athenas consagrou de Jove á filha;
O sabio ama o retiro, ama o silencio,
E concentrado nas profundas sombras
Vê da verdade a Luz ignota ao vulgo.
O fogo s'amortece, as forças mingoão
S'em meus versos intento expôr-te quantas
Hum, e outro Hemisferio Aves povoão.
Pelas Costas maritimas em bandos
As vê do largo mar o Nauta afouto;
Aos fatigados Lenhos quantas vezes
De terra a voz lhe dão, qu'anciosos buscão?
De mais lustrosas pennas se atavião
Nas regiões qu'a prumo o Sol visita;
Se a Natureza próvida lhes nega
O Canto, lho compensa em formosura;
S'equilibrado nas ferventes azas
Do estro que me inflamma, eu fôra agora
A's Ilhas remotissimas, que banha

Oceano pacifico, de quantas
Maravilhas insolitas teus olhos
Contente apascentára! Na opulenta
E fragante Tidore absorta víras
Aves, qu' ás leis universaes s'esquivão,
Vivem sempre no ar, só quando á morte
Pagão tambem seu misero tributo,
Livres da corrupção descem á terra.
E se aos sertões d'America alongára
A vista perspicaz, por entre os ramos
D'emmaranhadas arvores coévas
A' humana geração, quantas achára
No volatil Imperio estranhas Aves?
O mimoso Tocano, que se arrea
De pennas d'ouro fino; os Guararazes
Que parecem de purpura vestidos;
O Canidez, qual Iris reluzente,
Que tanto nelle a côr realça e brilha!
A tão vista entre nós formosa Arára.
Mas quem póde de todo a Natureza
Vasta, immensa abranger? Mais vistos quadros
Os insectos sem numero nos tração,
A terra, o mar, os ares dilatados
São patria sua, e conhecido imperio;
Huns bemfazejos são, danosos outros;
Aquelles pela terra o corpo arrastrão;
Outros aos ares liquidos se lanção;
Nelles o instincto he vario, a especie infinda.
  Venha primeiro ennobrecer o meu Canto
O que fabrica o lar, que desafia
Do Sabio Artista as mãos industriosas,
E que dos Reis a purpura, sem lucro,
Sem galardão, sem recompensa, fia.

Das aureas margens do fadado Ganges
Vencedor Europêo comsigo o trouxe,
Não pequeno thesouro entre as riquezas
Qu' a terra Oriental nos deu vencida;
De imperceptivel fio o alcaçar fórma,
A força se attenua, e desfallece
Em tal fadiga, languido s'abate,
Mas que milagre vejo, eis do sepulcro
Brilhante Globo d'ouro (transformado
Em berço agora) triunfante surge,
Goza de hum novo ser, e marchetada
Ligeira Borboleta os ares corta,
Insecto portentoso onde parece
Que novas Leis escuta a Natureza,
Digno emprego dos mellicos accentos
Do Vate qu' ao Permesso a estrada aponta,
E que das sombras Gothicas rompendo,
De Mantua reproduz a Musa antiga;
Se não vence o Rival, com elle hombrêa.
  Porém não menos próvidas Formigas
D'hum Vate dignas são, merecem versos.
A vista perspicaz põem no futuro,
Nos lares seus, no sinuoso asilo
O rijo vento, o frio, a neve affrontão.
Na escura habitação vedada a Febo,
Que prudencia, que leis observo, admiro!
Infatigaveis nos trabalhos, girão
Em longos esquadrões no campo extenso;
Ao peso não s'esquivão, dão contentes
Mutuos soccorros na tarefa immensa.
Amontoado o grão fórma o thesouro
De seus fartos Celleiros; quando torna,
Nas azas de Aquilão, medonho inverno,

Da pingue provisão se nutrem ledas;
Aos homens dão lições, nasce a abundancia
Da social fadiga, e mutuo esforço.
  Eis me recrea doce murmurio
Os avidos ouvidos, se descanso
A' sombra d'alta Faia, ou Freixo antigo,
Aureo enxame d'Abelhas susurrantes
Vão zumbindo no ar, e o campo ao longe
Procurão descobrir : mimosas flores,
Ao lisonjeiro furto exponde o seio;
Co'os despojos de Himéto carregadas
(D'humanas precisões remedio, e gosto)
O conhecido lar cuidosas buscão,
Em saborosos nectares os mudão.
Que profundo artificio empregão nelles!
A magestosa Soberana prestão
Vassallagem fiel, tributo humilde.
Do pacifico Imperio o Solio augusto
Entre fastosa Côrte se levanta :
Recompensa a virtude, os vicios pune,
Da malicia, e do engano horrendos filhos,
E quando a multidão de seus vassallos
Os limites do Imperio opprime, abafa,
Hum Edicto faz ouvir, do oppresso Estado
Começa de abalar, e em novos Campos
Prosperão, crescem próvidas Colonias.
Com ellas vôa amor, comsigo levão
Seus costumes, e leis, e industria, e artes;
Sublime instincto, qu'o Cantor de Mantua
Chamou d'Ether divino hum lume, hum raio.
Esfria o Estro fervido, e sem tino
Caem das mãos os pinceis s'ousado intento
No quadro proseguir, se os olhos volvo

Ao Cantor de Aristeo, do Sena ao Vate,
Qu' aos campos dictou leis em versos d'ouro.
Onde subo, e me perco, e me deslumbro
Se a Mente accesa em fogo, ás Musas dada,
Pelo Imperio vastissimo vaguêa
Dos Insectos qu' o ar, qu' a terra cobrem!
A vista ao menos vólto ao bello Insecto,
Entre as sombras fanal do Indio vagante;
Em quanto escura noite os véos desprega
Como vivente fósforo revôa
Pelas margens do Zaire, onde a Donzella
Africana se banha, onde reanima
Do murcho rosto os Ebanos luzentes;
Animado carbunculo derrama
Em torno a clara luz, qu' os passos guia,
E pelo mato espesso a estrada mostra.
Alli verás tambem daninho insecto,
Do sangue dos mortaes nunca abastado,
Munido vem de lança, e setta aguda,
Das azas o stridor declara a guerra,
Chega, acommette, fere, o sangue corre,
Deixa o veneno na ferida, e foge.
Debalde pinta o barbaro Tapuia
De suco vario a pelle verdenegra,
O estudado pavez não tolhe o golpe.
Olha a Aranha tristonha, qu' em cilada
Attenta sempre está, se incauta Mosca
Lhe toca os fios da engenhosa teia,
Corre, vôa, cruel a enreda, e mata:
Pasmoso mechanismo, quem pulsando
As aureas cordas da toante Lira
Cantará tuas Leis, e o sabio instincto
Que da humana razão confunde as luzes?

Eu deixo intacto o Campo dilatado,
Profundo Reaumur, tu só pudeste
Pelo Estudio correr, e as luzes tuas
(Sublime Indagador) a estrada abrírão,
D'antes fechada, incognita aos humanos;
Viste em quadro pequeno a Natureza,
Mas toda alli se mostra, e nelle brilha:
As maravilhas do Motor Supremo
Em teus doctos escritos se aclarárão,
E dos olhos do incredulo fugírão
As voluntarias sombras: mas de quantos
Estranhos Animaes povôa o Mundo
Fecunda a Natureza, e vária sempre!
Innumeravel turba serpeando
Vae pela terra lubrica (a meus olhos
Vilissimo esquadrão, se prevenidos
Correr os deixo após do vulgo insano),
Mas se a Lente anatomica os dirige,
Nelle, oh Supremo Artifice, deviso
Brilhar a tua Omnipotencia tanto
Quanto no Querubim, qu' alem do espaço
Com fulgurante luz cinge teu Solio.
  Oh simplices Pastores recostados
Sobre miuda relva ao tronco antigo,
Deixai o Cantico, e rustico Alaude,
Nas flores que pizais s'esconde e móra
Venenoso Reptil, qu' a morte apressa,
Disfarçado assassino, que distilla
Das entranhas pestiferas veneno,
Ferreo sono eternal vos fecha os olhos
Mal qu' a lingua cruel cospe a peçonha.
Oh soberba Cleopatra, teus dias
Assim forão cortados, quando altivo

Rival de Octavio, da belleza tua
Adorador idolatra, expirando
Diante de teus olhos, não quizeste
Sobreviver-lhe á morte infame, e triste.
Não foi o terno amor, não foi saudade
Quem te deu morte, oh barbara Rainha;
Não foi a mão de Amor, que a Serpe horrenda
No braço te enroscou envolta em rosas,
Foi orgulho na misera que foge
Das prisões ao labéo, do carro á affronta,
Em qu' arrastrada ao Capitolio excelso
Octavio, não magnanimo, a levasse.
  Da peçonhenta Vibora inimiga
De nosso fragil ser desvia os olhos;
Mas extrae della a mão da Medicina
Soccorro, com qu' a vida incerta escóra.
Ai do triste Pastor, qu' incauto a pisa!
O collo entona, da farpada lingoa
Sae negra morte em tóxicos envolta.
Terna Esposa de Orfeo, tal foi teu fado,
Tu do claro Peneo nas vitreas margens
Colhias flores, e enroscada nellas
D'huma sombra eternal cobrio teus olhos.
  Vê da Calabria nos ardentes Campos
Pavorosa Tarantula qu' infunde
Malfazeja virtude, qu' atormenta
A mente humana; as artes d'Epidauro.
O mesquinho infeliz della mordido
Sem termo dansa, e ri, sem termo espuma,
Ou furioso brame, ao longe os eccos
S'escutão dos tristissimos gemidos,
Incognitos symptomas, qu' hum suave
Harmonioso som subito acalma:

N'opposto Continente inda mais raros
Venenosos Reptis conserva a terra,
Deformes Cobras, que parecem troncos
De corpulentas arvores, prostradas
Por entre as brenhas horridas sibilão,
Ou na relva, qu'o fertil campo abafa,
Enroscada em si mesma aguarda as presas,
Dos orbes espiraes acima eleva
A venenosa frente, e espalha em torno
A luz ferrenha dos terriveis olhos;
Desgraça ao Gado misero, que pasta,
Se lhe aumenta o furor raivosa fome,
O sanhudo Dragão lh'enlaça o corpo,
Entre os famintos dentes venenosos
Exhala o Touro os ultimos arrancos:
Debalde a setta do feroz Caboco
Rasgando os ares na escamosa pelle
Se procura embeber, melhor varára
Refulgente pavez de bronze, ou ferro.
Quando estes monstros horridos contempla
Melancolico Atheo, mais s'embravece.
Se por suprema Intelligencia fòra
(Assim brada o blasfemo) acaso ordida
Esta imperfeita Maquina do Mundo,
Nunca chegára a povoar-se, nunca,
De tão crueis satelites da Morte.
Antes, oh cégo Incredulo, disseras
Que são nas mãos do Eterno a espada, o raio,
Qu'em nós castiga o crime hereditario.
Os venenosos Animaes devèrão
Respeitar-te, oh mortal, mas tu quebrantas
A sacrosanta Lei, e os Entes todos
Contra o Chefe sacrilego conspirão;

E o mesmo Insecto, o átomo se muda
Em terrivel flagello. Do Tiranno
D'antiga Menfis profanou teimoso
Opiparas viandas, e as campinas
Inficionou do vasto, e turvo Nilo;
Do vingativo Antioco roidos
Forão por elle os membros ulcerosos;
E para derramar o espanto, a morte
De orgulhosas Nações no vasto Imperio,
Ao sempiterno Vingador só basta
De pequenino Insecto o fragil dente.
Mas os tremendos, rigidos flagellos
Da Colera Divina tambem provão
A tutelar bondade, a providencia.
O veneno mortifero daquelle
Hediondo Reptil serve mil vezes,
Nas bemfazejas mãos da Medicina,
Para embotar da morte o fouce horrenda.
Assim montão de turbidos vapores,
Que no pejado seio o raio acolhe,
Co'a brava furia do raivoso vento
Mil vezes se transforma em ondas puras,
Qu'humedecendo as aridas Campinas
De Flora, e de Pomona os dons alentão,
Dão nova vida ás Messes encurvadas.
Mas no reino animal, que varia turba
De mil Entes organicos povôa
Do ar o espaço liquido, a planice,
E o fundo abismo dos ceruleos mares!
A extrema pequenhez os furta á vista,
Da clara, e vitrea lente soccorrida
Escassamente devisá-los pódes.
Mas no verme invisivel, que pisamos

Quantos prodigios, e milagres vivem!
A Fabrica subtil, nexo pasmoso
Dos delicados musculos, e fibras,
A progressão do movimento, os passos
Do sangue animador nas tenras veias,
A razão deixa extatica, e calada.
Nos grandes corpos o Motor Supremo
Seu eterno poder emprega, encontrão
Extenso campo as maravilhas suas,
Mas nos pequenos atomos, qu'apenas
Os sentidos descobrem, mais pasmosa
Sua profunda Sapiencia brilha!
Como as subtis Antennas lhe adelgaça
Como n'hum ponto indivisivel abre
Olhos que soffrão luz reverberante!
Como dispôz do ventre a cavidade,
E as veias em que humor vital s'agite!
Nós admiramos do Elefante enorme
A corpulenta espadoa, que sustenta
O grão peso d'armigeras falanges;
O largo collo, as pontas retorcidas
Do Touro agricultor; e as curvas prezas
Do mosqueado Tigre carniceiro.
Nas areas Numidicas nos pasma
O sanhudo Leão, que ao quente assopro
Do vento deixa fluctuar as clinas.
Em tão soberbos animaes palpamos
Da sabia Omnipotencia o sello impresso;
No desprezivel, no pequeno Insecto
Inda se mostra mais, toda se ajunta
A mesma Providencia, a força eterna.
Mas quão sublime, quanto portentoso
Vais novo quadro devisar! folhea

Desse profundo indagador o escrito!
Vê de immensos Quadrupedes a imagem,
Todos em fórma, em genio differentes,
Este s'apraz de sangue, aquelle o foge;
Hum sagaz, outro estupido se mostra;
A innumeravel multidão s'espalha
Pela face da Terra, e sempre o fraco
He do mais forte a victima, o sustento,
E só esta lição toma dos brutos
O Ente racional, nunca lh' estuda
O instincto, as propensões, qu'ao bem caminhão.
Olha o primeiro que domina os outros,
Pavoroso Monarcha a todos vence
Em braveza, em furor, em força, em brio;
He Rei duro, e cruel, seu sceptro, e throno
Se funda no terror. Dos bosques densos
Os habitantes timidos lhe fogem,
Seus rugidos horrisonos rebramão
Nas tristes solidões d'Africa ardente,
Onde de Zara os areaes refervem,
Bate co' a longa cauda hum lado, e outro,
No musculoso collo lhe fluctua
Emmaranhada juba, os vivos olhos
Despedem mil revérberos de fogo,
Sacode, erriça o pello, e na espantosa
Cova medita o crime, e sae rugindo,
E das fauces reconcavas derrama
Espuma em borbotões n'area adusta,
Ataca a presa timida que foge.
Foges debalde, oh victima, bramindo
No palpitante coração t'empolga
As encurvadas garras, e de hum golpe
Te sangra, e despedaça, e te devora.

Mas he nobre, e magnanimo, mil vezes
He simbolo d'Heróes, deixa o vencido,
E só contra o soberbo emprega a sanha;
He grato, he generoso: o triste Escravo
No Anfitheatro barbaro de Roma
Afaga carinhoso, e meigo abraça,
Do antigo beneficio inda lembrado.
Se pelas margens do espumante Zaire
O negro habitador da espessa brenha
Se lhe prostra rendido, ávante passa,
E apenas com desdem lhe lança os olhos.
Olha após elle o corpulento, o vasto,
O docil animal, que excede a todos
Nos membros colossaes, no engenho, e instincto;
A voz do conductor entende, e pronto
Aos acenos que vê, tudo executa;
Sente o preço da gloria, e dos louvores,
Tem modestia, justiça, e probidade,
Rarissima virtude entre os humanos.
Da enorme frente do animal á terra
Desce voluvel enroscada tromba,
Cruzão se os alvos dentes retorcidos
Qu'o negro Caçador da Nubia assustão.
O furor dos mortaes n'hum tempo á guerra
Comsigo os conduzio; robusta espadoa
D'huma torre era base, agudas lanças
Contra as hostes dalli se arremessavão,
Com ellas fez parar (mas não vencidas
O forte Pirrho as legiões Romanas),
E vio dest'arte a Ausonia a vez primeira
Em campo armado o bellico Elefante,
Qu'a tanto chega a raiva dos humanos!
Do solitario bosque as feras tira,

Dá-lhe furor, qu'a Natureza nega,
Instrumentos as faz de sangue e morte.
Porém entre os quadrupedes, quão bello
Pisa os campos o fervido Ginete!
Em brio, em formosura excede a todos,
Té consciencia tem do garbo, e força
Que liberal lhe dera a Natureza;
Fluctua pelo collo ao vento a clina,
Lança-lhe a bocca espuma, os olhos fogo;
Se ao longe sôa a tuba estrepitosa,
Se ás armas deu sinal, tremem-lhe os membros;
He docil, he fiel, marcha, e campèa
Entre os horrores da cruel Bellona.
Das reconcavas ventos exhalado
Vem fumo em turbilhões, e impaciente
Relincha, e bate a terra, e treme, e sua.
Comsigo atira rapido e fogoso
Por entre os esquadrões, nem teme a chamma
Que ressurte das laminas fulgentes
Da brava chuça, da fulminea espada.
Compraz-se da victoria, e se he vencido
Da morte se compraz; porém termine
O tosco esboço, qu'os meus versos tração,
Do mortal esse affavel companheiro,
Demonstração, victoriosa prova
Contra os delirios de sistema errante.
Entre os brutos domesticos dotado
De mais intelligencia, ou mais instincto,
Profunda reflexão seus passos guia;
Ao puro mechanismo o degradava
Dos turbilhões quimerico Architecto;
Mas eu vejo em seus trances ardilosos
Pasmosa ligação, pasmosa têa;

Mais d'huma acção seu nome escreve, e guarda
A Historia em seus annaes com justo assombro;
Quanto merece por amor sincero
Qu' ao Senhor conhecido intacto guarda!
Contra o fero agressor s'arma, e peleja,
He vigilante, activa sentinella,
A voz pronto conhece, á voz acode:
No espesso mato a caça lhe fareja;
E na lodosa, turbida alagoa,
Sentindo a presa, intrepido se afunda,
Co' a orelha fita, os olhos vigilantes
Põe no ferreo arcabuz estrepitoso,
Sente no ar zunindo a plumbea pella,
E já torna veloz com a presa, ovante,
E do Senhor aos pés contente a deixa.
  Agora a grato objecto os olhos volvo:
Pela hervosa campina derramados
Vejo girar pacificos rebanhos;
Quantos soccorros nos procurão, quantos
Bens na vida nos dão! Próvidos sempre
Fecundos animaes, d'agudas pontas
Alguns armados, revestidos outros
De brando, e crespo vello retorcido;
Gira docil Ovelha repastando
Na relva que florece, e logo expira.
Mugindo atrôa o campo, e o bosque o Touro,
Contra o tronco d'hum Freixo alto, e robusto
Vai primeiro ensaiar-se á lide horrenda,
Então bramindo furioso chama
Denodado rival: ambos a frente
Para a terra inclinando, a terra escavão;
Tolda-se o ar com sordida poeira,
O duro golpe sôa, o sangue corre,

Ao longe d'assustada o pasto esquiva
A timorata candida Novilha,
Do vencedor soberbo o premio, a palma.
 No pico de escarpada penedia
A petulante Cabra se pendura,
Não teme o precipicio, e busca anciosa
Amargas folhas do pendente arbusto.
O Boi tardio com profundos sulcos
De Ceres ao favor prepara a terra.
Das apojadas tetas nos derrama
A bemfazeja Vaca hum Nectar doce.
O simbolo da paz, e da innocencia,
Docil, brando Cordeiro, nos prepara
Contra o frio invernal tepido escudo.
Terrestes Animaes o Autor Supremo
Aos homens sujeitou, nelles dominão,
Dados á precisão, mas nunca ao crime,
Humilhados vassallos, menos qu' elles
Feros, ingratos, perfidos, e duros.
A scena portentosa inda não pára,
Nunca s'estanca a sabia Natureza.
De tantos animaes, na especie varia,
Fecunda copia habita alternativa
Agora a dura terra, agora as ondas.
Remoto Canadá nas ferteis margens
Vê pascer o Castor, tranquillo, e ledo,
Architecto dos Lares engenhosos,
Muda de habitação, se muda o tempo.
O Hipopótamo das profundas grutas
Vem vezes mil espairecer n'arêa,
Com a reforçada pata a presa esmaga,
Quasi d'hum golpe só no ventre a sóme.
Furioso Dragão, absorto o Nilo

De si o vê surgir; o aspecto horrendo
Espanta os olhos meus; famoso rio,
Em teus lodosos vortices não volves
Outro monstro mais avido de sangue;
De ferreas conchas solidas forrado
Zomba dos gumes da talhante espada,
As negras fauces sofregas alarga,
E semiviva, palpitante engole
A miseranda presa, qu'arrebata
Com meditado ardil; quasi envolvido
Nas buliçosas cannas se lastima
Com dolorosos ais, tristes gemidos,
Que enternecendo incauto Caminhante
Chega ao lugar da perfida cilada,
Nas duras garras do aggressor expira.
Mas o Supremo Artifice do Mundo
Do Nilo ao Dragão féro oppôz contrarios;
Invencivel rancor! Pelas patentes
Fauces da Fera adormecida entrando,
Os intestinos fervidos lhe rasga
Mui pequeno animal: outro mais forte
Pelas escamas solidas penetra.
Este Dragão voraz (fraqueza humana)
Nume já foi no Egipto, e teve Altares
E sacerdote, adorações, e culto!
Mas se de novo a vista aos bosques lanço,
De novos animaes o quadro observo;
Cerdoso Javali, qu'os lisos dentes,
Curva fouce, d'hum lado, e d'outro vibra,
Erriça o pello, conglobada espuma
Da bocca ferocissima derrama,
Derruba na carreira impetuosa
Os duros troncos das cerradas brenhas

Pelos bosques d'America bramindo
Busca esfaimado Tigre o pasto, o sangue,
De que jámais se abasta, e nunca o braço
Do Rei da creação póde amansá-lo;
Na carreira he veloz, nem se lhe esquiva
Entre os ramos das arvores a presa,
D'hum salto a cativou, d'hum salto a come;
Só lhes excede o Leão na audacia, e fogo,
Sempre faminto está de sangue, e morte,
Até sem fome os crimes multiplica,
De seu furor as victimas degolla,
De vêr se apraz as carnes palpitantes,
As contorsões fataes, e a luz extincta
Dos olhos onde pousa a noite eterna,
Contente vê seus crimes, só lhe peza
Que tão depressa se lhe acabe a fome.
De perto o segue o Lobo sanguinario,
Do manso gado horror, e horror do bosque,
Que ceva a já não fome inda em mais sangue,
Sobre os sangrados miseros Cordeiros
Se apraz de caminhar, pascendo os olhos
No medonho espectaculo da morte.
Pelos sertões da Libia o Rango observo
Que n'outro tempo o credulo gentio
Talvez que Fauno, ou Satiro chamasse.
Da inculta Arabia na deserta arêa
O infatigavel Dromedario vejo,
Da fome soffredor, do peso, e sede,
Nas espantosas solidões caminha
Qual Náo no vasto mar, qu'a Estrella guia.
Confunde-se a razão, perde-se a vista
Em tanta especie, e generos diversos.
Do entendimento os calculos excede

A multidão sem numero; só fica
Lugar d'erguer as mãos, e a mente aos astros,
De adorar, de sentir o Autor de tudo,
Creador infinito qu'os conserva,
Qu'a todos, liberal, deu força e arte
De evitar do inimigo o laço, a trama;
Deu-lhes amor da vida, as doces ancias
De procurar sustento á tenra próle:
Os indeleveis attributos nelles
Devem sempre existir, sem que se apague
Pelos ligeiros seculos o cunho,
Qu'huma vez lhe imprimio do Eterno a dextra.
Co'os semelhantes seus a paz conservão,
Vive o Tigre co'o Tigre em laço eterno;
Em convenção pasmosa os Ursos vivem;
Getulico Leão jámais derrama
O sangue d'hum Leão; vivem nos ares
Sem guerra, sem rancor, volantes Aguias:
Até no seio incognito dos mares
Os monstros d'huma especie em paz existem:
O Lobo insocial vive com o Lobo,
Juntos ao pasto vão, juntos dividem
Despojos tristes do nocturno roubo.
A humana Geração tumultuosa
Em contínua discordia, em guerra vive,
Nações contra Nações em campo armadas
Não se fartão de sangue, e chamão gloria
Ao cruel exterminio, á cinza, ao luto.
Muito poucos mortaes no Mundo estavão,
Irmãos erão só dous, e o braço impio
A victima primeira á morte entrega.
Dos vindouros mortaes foi esta a herança,
Já tem corrido seculos, intacta

Se conserva entre os miseros humanos.
Escutaste o fragor d'eccos medonhos
Que chegárão do Nilo ao Tejo undoso;
No Tejo viste os Lenhos fluctuantes
Que mil trofeos da morte impressos tinhão;
Forão theatros de sangrenta guerra,
E as praias d'Abukir, do Faro os restos,
De Cesar, de Pompeo vírão de novo
Os raios, o furor, e o disputado,
N'huma batalha só, do Mundo Imperio;
As labaredas rubidas rompêrão
Da noite a treva espessa, o negro fumo
Toldou por dias tres ao Sol o rosto
Sem que parasse a rabida carnagem.
Cansado o fero, truculento Marte,
Disse dos ares aos Guerreiros, basta.
Sobre frios cadaveres a Morte,
Sobre hum montão d'espadas, e d'estalados
Horrisonos Canhões, alça do estrago
E do triunfo o pendão; nelle ondeante
O Leopardo Britanico se ostenta.
Entre as garras sustem truncada, e rota
Bandeira tricolor. Raios da guerra,
Cessai já de ferir : vale huma vida
Mais qu' illustres trofeos, qu' as palmas todas;
Vède qu' hum louro que desfolha o tempo,
Do sangue dos mortaes não vale a perda,
O verdadeiro Heróe dá paz ao Mundo,
Inda a memoria posthuma abençoa
De Tito o coração guerreiro e justo,
Elle anhelava a paz, entre os combates
Vírão seus olhos arrazados d'agoa.
Os povos que venceo, não era Tito

Então triünfador, só Roma o era;
He mais Herói qu'o vencedor d'Arbella
O que converte a lança em liso arado,
Este conserva o jus á fama, á gloria,
Seu nome chega aos angulos da Terra;
A' triste viuvez lagrimas poupa,
Da misera orfandade o pranto enxuga,
O culto ás aras dá, e ao campo os braços.
A carinhosa Mãy tranquilla, e leda
Os penhores d'amor conserva intactos,
Nem faz soar aos timidos ouvidos
O horrisono tambor qu'ellas detestão.
Quando á sombra da paz tudo repousa
Surge o genio do estudo, as artes vivem,
Docto sinzel os marmores anima,
A muda Poesia imita, ou vence
(Portentosa rival) a Natureza.
A voz dos Vates, que supplanta os évos,
Canta as artes da paz, e a gloria dellas;
As atrevidas Náos tirão contentes
As encurvadas ancoras do fundo,
Só receião, no mar, do mar os transes,
Não o braço mortal mais fero, e duro
Qu'a solta tempestade, as vagas negras,
Nem os ferreos canhões, qu'os raios mandão
Mais terriveis, qu'o lume, qu'o ruido
Qu'o Ceo toldado e feio atrôa e rasga.
Oh Furia insocial, filha do Inferno,
Torna de todo ás lobregas entranhas,
Onde morada tens, do negro abismo,
Leva comtigo a gloria que promettes,
Lisonja d'ambição, pasto d'orgulho,
Deixa qu'o laço fraternal se aperte

Entre os homens iguaes no amor, na vida,
Torna ao Tartareo horror, deixa, que brilhem
No regaço da Paz serenos dias.

FIM DO CANTO QUINTO.

A NATUREZA.

CANTO SEXTO.

Sinto avivar-se o fogo, as froxas azas
Do fatigado Enthusiasmo sinto
Encher-se de vigor; Pieria chamma
Ao centro de minh'alma, eis desce, eis ferve.
Pelo assombroso quadro d'Universo
Vòou não tarda a livre fantasia,
Girei de Sol em Sol, Icaro ousado,
Nos vastos mares entranhar-me pude,
O abismo contemplei, surgi de novo,
Vi dos Ceos o clarão, e o terreo Globo
Foi de sublimes extasis objecto:
Ao centro penetrei, seus véos rasgando,
De seus fructos, seus dons te expuz o quadro,
Segui do bosque os incolas ferozes,
E do prado os pacificos rebanhos,
Girei nos ares liquidos co'as Aves;
Mas quanto ainda me resta! A mais perfeita

Producção do Immortal . . . onde me engolfo,
Que sombras vou romper, qu' abismo encaro?
Mas occulta impulsão meus passos guia:
Occulta voz me brada, he sombra, he nada
Sem fadiga a virtude, e da Memoria
Sobre escarpadas rochas s'ergue o Templo
Ao Vulgo ferrolhado, aberto aos Vates.
O Eterno vae fallar, silencio, oh Terra,
Astros, brilhantes Sóes, parai no espaço.
Façamos o Mortal, sobre seu rosto
A nossa Semelhança, e Imagem brilhe,
Subordinados animaes lhe escutem
A voz, o imperio, a lei, chegue seu brado
Até do vasto mar ao seio, ao fundo,
Pelos ares diafanos voando,
Por Soberano as Aves o conheção.
Fallou dest' arte o Creador, e amolda
O fragil barro com feições humanas,
Dá movimento á terra organisada,
Na fraca habitação substancia eterna,
Alma, imagem de hum Deos, já vive, e pensa.
Quão curto espaço a culpa te consente
No Edem viçoso, oh chefe, oh maravilha
De toda a Creação, do Excelso imagem!
Mas o canóro Cisne, a cujo accento
Parára absorto, extatico o Tamisa,
Te cante a creação, te cante o Imperio,
O triste precipicio, a quéda infausta.
Elle rompa do abismo as ferreas portas,
E siga o vôo ao Déspota do Inferno,
De tua Esposa pinte a formosura,
E teu fatal amor, teus ferros chore;
Só depois da ruina, e quéda infausta

Te sigo passo a passo, e os transes canto.
Oh terra organisada, oh domicilio
Do eterno assópro, que morrer não sabe,
Quanto me assombrão scintillantes Astros,
Qu'em teu rosto, quaes Sóes, despedem luzes!
Interpretes são d'Alma, e della espelhos,
Quadros onde as paixões se pintão vivas;
Torvos, se o odio, ou raiva o peito inflamma,
Serenos, se o prazer meigo os bafeja;
Por vós s'explica amor, por vós s'entende;
Se teme o Coração, temeis com elle,
A tristeza, o pezar vos turva e vexa.
Que tecido de tunicas pasmoso!
Que lentes subtilissimas, por onde
De tudo a imagem passa ao centro d'alma!
Que pinceis dignos são do rosto e faces,
Onde o pejo de purpura se tinge,
O grito da virtude, e da innocencia!
A cartilagem branda, que no centro
Do rosto se devisa, ao fundo peito
Por ella aura vital se absorve, e expelle.
E quem do tronco dos torosos braços,
E das flexiveis mãos industriosas,
Póde contar as maravilhas todas?
O teu soberbo porte contemplando,
Teu magestoso andar, teu rosto altivo,
Voltados para os Ceos teus claros olhos,
O Rey da Creação, da Terra o chefe
Té no Tapuia barbaro deviso.
O fogo Ascreo, qu'a mente me transporta,
Hum recondito abismo aos olhos abre,
Na maquina subtil do Corpo humano
Que pasmosa mechanica de molas,

Qu' os pontos marcão da existencia sua!
Os elementos em concordes laços
Justo, eterno equilibrio oppostos guardão,
Agrilhoa-os a mão da Natureza,
Da pasmosa harmonia a paz procede
Qu' a saude produz, qu' a vida alonga.
Que móto, ou fogo os alimentos coze?
Delles produz o Chilo nutritivo,
Donde a vital substancia as forças tira,
Nas fatigadas azas do trabalho
Almo vigor decresce, e se dissipa,
Torna a força, e vigor por elle aos membros.
Mas que espumante fluido vaguêa
Pelos canaes subtis! com menos voltas
Corta o Meandro as veigas dilatadas,
Eu lhe sinto a carreira compassada,
Hum golpe regular marca os instantes
Do muito breve circulo da Vida,
Do Coração na elastica substancia
Se embebe, e resaltando inunda as veias,
Gira com elle a vida. Assim rompendo
Rios caudaes dos montes cavernosos,
Girão nos poros da fecunda Terra,
A força vegetal nas plantas nutrem;
Massa subtil, elastica, esponjosa,
Do ar que se introduz, s'enche, e dilata,
E comprimida logo o ar transmitte:
Contínua undulação, moto pasmoso,
Quando tu páras, Atropos de todo
Corta o precario, miseravel fio.
A mais nobre porção no corpo humano
He d'alma o solio excelso, he d'alma o throno,
De sublimes funcções orgão pasmoso,

De suas fibras o subtil composto
Do incansavel Harvey s'esconde á vista,
Willis, nada pudeste, e ignota a deixa
Haller, qu'ao Pindo sobe, Haller que rasga
Da recatada Natureza as sombras;
Em tenebroso véo se occulta, e esconde,
Que a força dos mortaes romper não póde,
Della em ramos subtis se alonga, e espalha
A longa têa dos sensiveis nervos,
Que mensageiros rapidos n'hum ponto
Levão ao centro d'alma a idéa, a imagem
Dos externos objectos, fundo abismo,
Metafisicas sombras, de quem foge
O dom da Poesia, o dom das Graças;
Debaixo de seus pés só brotão flores,
E de varedas aridas se enjoa.
Dentro do Corpo férvidos combatem
Inimigos crueis em guerra horrenda,
Os alimentos armas lhe ministrão,
E por fim da peleja a morte anhelão.
Podem no meio do feroz assalto
Os fugitivos apressados dias
Descrever longo circulo evitando
Cachopos, e parceis, qu'as ondas bordão
Do procèlloso mar da humana vida?
Sómente o Braço do Motor Supremo
Sustenta o fragil barro organisado,
Reproduzindo a grande maravilha
Qu'o Divinal Assopro organisára
Huma só vez no Edem, quando ao primeiro
Mortal a vida, o pensamento dera.
E nesta humilde habitação reside
Indestructivel, simplice substancia,

Incorporea, immortal : assim do Eterno
O quiz a immobil Lei. Silencio, oh Musa,
Tu não penetras a enrolada sombra,
A occulta ligação, que prende occulta
A simplice substancia á terrea massa,
D'huma, e outra a reciproca harmonia,
Mistura de concordia, e de tumulto,
Abismo, onde a razão se perde, e afoga,
Lei que se sente, Lei não conhecida.
Mas desta ligação se fórma o todo
Admiravel, harmonico, perfeito,
As sensações reciprocas se passão
D'huma em outra substancia, e sempre ignoto
Fica o Canal. Qu'hypotheses agudas
A clamorosa Escola inventa, e fórma!
Mas nunca sua Luz de todo aclara
A densa treva, que lhe tapa os olhos
Soltar não devo temerarias azas
Na indagação do arcano impenetravel,
Sómente o seu Autor do alto misterio
Póde aclarár a augusta obscuridade;
Não he dado ao mortal voar tão alto,
Errar he seu destino, he sua herança;
D'hum pai cruel foi este o testamento,
O crime apaga a luz, traz a ignorancia;
Vemos n'hum baço espelho ao longe o objecto,
Fitão-se olhos no Sol se a nevoa o cobre,
Nossa fraca razão devisa apenas
Substancia immaterial, que vive e pensa,
Que se annuncia em nós; sempre debalde
Fragil mortal lh'encara a natureza;
He simples, immortal; negra cortina
Ou tenebroso véo lh'envolve o resto,

Taes limites prescreve a mão do Eterno
D'humano entendimento á força, ás luzes,
Bem como á furia d'encrespadas ondas
Quiz lançar os grilhões na molle arêa.
Mas esta sobrehumana, etherea parte
Do corpo sente as rispidas cadeias,
O ferreo imperio dos sentidos soffre;
Assim o quiz o Eterno, em quanto unida
A incorporea Substancia ao corpo vive
Liga-se ao jugo, ás Leis do sentimento,
Soffre o prazer, e a dôr, soffre a tristeza;
Imperio indispensavel, e sem elle
Com que indolencia arruinar veria
O muito fragil carcere do corpo?
Soffre a pungente dôr, e então cuidosa
O busca conservar, e á dôr s'esquiva;
Eis após o prazer corre anhelante,
Qu'o tedio adoça da prisão suturna:
S'ella sente do corpo o ferreo jugo,
Tambem lhe dicta as leis: livre vontade
No fragil corpo obstaculos não sente,
Modera, se lhe apraz, seus movimentos,
Dos precipicios, se lhe apraz, o tira,
Evita a tempestade, evita escolhos,
Qual sobre o mar azul sabio Piloto,
Qu'os olhos fita nos fulgentes astros,
E dirige o timão com braço experto,
Assim ligeira Náo conduz nas ondas,
Assopre embora o vento, e tolde os ares,
Das nuvens desça o raio estrepitoso,
Toquem n'Olimpo as vagas espumantes,
Descubra o mar aberto o fundo abismo;
De amotinados furacões affronta

As iras, o furor, nas praias vara
Por entre os escarceos o lenho ovante.
Tal foi d'alma o poder, tal foi seu throno,
Assim da eterna Mão surgio perfeito
O primeiro Mortal; seu throno, e sceptro
Que momentanea duração tiverão!
Alçou sem pejo o braço rebellado,
Para seu mal e nosso, ao pomo infausto,
Colheo, tragou, e subito de bronze
Se fez o claro Ceo, se armou de raios:
A terra foi de ferro, apenas paga
Com forçada escassez trabalho, e lida,
Dos elementos s'espedaça o laço,
O raio então formado, a vez primeira
Dos estranhados Ceos cahio na terra,
Sahio dos fundos carceres a morte,
Quebrou da ferrea porta os ferreos gonzos,
E pavoroso Espectro assusta o Mundo;
Foi dos Mortaes a herança, e foi castigo,
Marca-lhe o crime a estrada; espavorida
A' vista delle a timida innocencia
Co' a justiça incorrupta aos Astros foge.
Cohorte horrenda de remorsos rompe;
De par em par se abrio do inferno a porta,
Sanguineo açoute, sibillantes cobras
Nas frentes, e nas mãos d'horrendas Furias
Pelo assustado Mundo estála, e silvão;
Do proprio crime a victima primeira
Foi o primeiro Adão, desatinado
D'hum delicto cahio n'outro delicto;
Qual do cume do monte vem rodando
Precipitada pedra, e cae no abismo,
Vio eclipsada a antiga formosura,

Da Natureza no risonho aspecto
Vio apagar-se a luz, morrer a chamma
Da sublime razão, sentio no peito
Das paixões o tumulto, a guerra insana;
Cerca-lhe o coração falange horrenda,
E cede sem combate aos vencedores;
Da servidão se apraz, seus ferros beija;
Domina o proprio amor desordenado,
O pai universal dos males todos,
A multidão de indomitos caprichos
Do subtil impostor fórma a cohorte,
Vão seguindo seus passos, e com elles
Os sentidos fascina, occulta, e rouba
O mortal ao mortal; ora lhe mostra
A' vista allucinada a imagem triste
De militares feitos, e excitando
O cégo peito á rabida carnagem,
De Cesar fórma o raio d'Universo,
E com elle Alexandre estreitos julga
Os limites do Mundo, e lhe parece
Muito apertado o circulo da Terra,
E dos Mortaes o numero pequeno,
Para contar escravos, e vencidos,
Co'a fraqueza mortal aumenta as forças,
E lisonjeiro, e perfido derrama
No peito a embriaguez de gloria, e nome;
Domina o fero amor, empunha o sceptro,
Avassalla a razão, manda o ciume
Que surja triste, trémulo, inquieto,
Dos afumados carceres do Inferno
Sae venenosa vibora, e retalha
O Peito, qu'a sustenta, ahi se nutre
De suspeitas fantasticas, que fórma,

Rompem do abismo escuro as Furias todas,
A vil cobiça, o sordido interesse,
Dos vicios o mais feio, a torpe inveja,
Que amargo fel no coração vomita,
De amargura se nutre, e de peçonha,
Por entre nuvens luminosas sempre
Lhe faz vêr seus rivaes qu' ao Templo voão
Da fama, e da memoria; d'outro lado
Faz lampejar a espada sanguinaria,
Diz-lhe qu' he lei vingar-se, qu' he virtude
Das almas nobres a vingança, seja
Embora a affronta vãa, supposto o ultraje;
Foi destes feros, horridos, e contrarios
Ludibrio o Coração, mesquinho escravo,
O duro Imperio soffre, o Sceptro beija,
Da guerra infausta he victima, e theatro,
Comsigo entra em combate; se pertende
O jugo sacudir, eis se amontoão
Mais do que á voz d'Eolo as turvas ondas,
Quando oppostos tufões no mar pelejão;
He delles a victoria, o louro he delles,
O mesmo escravo então seus duros ferros
Por cumulo d'horror tranquillo abraça;
Só da mão do mortal são obras os males,
A que ficou, qual victima, sujeito,
Qual miseravel reo depois do crime,
Da razão os reverberos brilhantes
Voluntario apagou: delle nascêrão,
Sómente delle as sombras carregadas,
Qu' os claros horizontes lhe enlutárão
Da illustrada até alli razão sublime,
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Escura exhalação qu' a esfera abafa,

Qu' a luz do Sol benefica embacia;
Voluntario cahio do Throno excelso,
Em tenebroso carcere se lança;
A doce habitação do Edem viçoso
Para sempre perdeo, disperso, e triste
Veio habitar nos solitarios bosques,
Das estações ludibrio, horror da terra,
Qu' achou de abrolhos semeada, e cheia;
Foi sua dita efemera sómente,
Qual costuma nascer na Primavera
Resplandecente o Sol, brilhante o dia,
Que subito negrume em nuvem densa
Rouba ao Sol o clarão, e a paz aos ares:
Tal o destino do mortal primeiro;
Nascendo vio a luz serena, e pura,
Vio-a no berço, e tumulo n'hum ponto,
Tanto pòde seu crime, e desgraçado
O Mundo encheo de filhos, e pezares.
A hum dia d'ouro seculos de ferro
Se vírão succeder, fechada noite,
Profunda escuridão pousou na terra,
De mistura entre as feras, quasi fera
O Rei da Creação nos bosques vive,
Tal foi do crime a pena, e tal o effeito.
Estado insocial, embora acclame
Teus quimericos dons, teus privilegios
O Sabio hypocondriaco insofrido,
Elle nas brenhas horridas não soube
Contemplar o mortal sem lei, sem culto,
Pesada liberdade, ainda mais dura,
Mais ingrata, qu' o carcere, qu' os ferros.
Gira em vasto sertão, sem patria, e lares,
Qual vagabunda fera attenta ao pasto,

Nos lacerados membros palpitantes
De seu igual (gemendo a Natureza
De dar baldado grito ao peito humano)
A devorante gula a farta, e céva.
Amortecida luz, froxo vislumbre
De instincto, e da razão nelle confusa,
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas
A revestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes extinctos,
Sem ter doce pendor, e apego áquelle
Terreno, onde nasceo, repousa, e dorme,
Onde a seus olhos s'esvaece o dia,
E quasi hum tronco a tronco o corpo encosta.
Ora hum Tigre veloz o despedaça,
Ora elle, se mais póde, afoga hum Tigre;
Não se ouve hum pranto, lagrimas não correm
(Feudo qu'á morte, á dôr paga a ternura)
Quando a Parca lhe corta o fio extremo,
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre de esfaimado Abutre,
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma bocca os ultimos suspiros
Lhe toma, lhe conserva. Assim nos bosques
O humano insocial viveo primeiro.
Vós sois polidos, barbaros Tapuias,
Se em tão medonho quadro vos contemplo,
Do estado natural á sociedade
Déstes hum passo, barbaras usanças
Inda deviso em vós, mas palpo, e vejo
Laço com que a Moral vos prende, e liga.
Vós sentis precisões, e a força unida
Do inimigo voraz rebate os golpes;
He vosso estado original ensaio

Dos homens Cidadãos nas Leis seguros:
Foi obra só dos seculos, e tanto,
Tanto houveste mister para qu' as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem,
N'alma fechadas pelas mãos do crime.
Bem como o fogo ardente, a chamma activa
Jaz nas entranhas d'insensivel pedra
Té qu' o choque do ferro o excite, e mova,
O imperio da razão viveo sem força;
Mas era emfim razão, bem como he fogo
O Sol, inda qu' envolto em pardas nuvens.
A successão dos seculos de todo
As sombras desterrou, e a Natureza
O grande esforço fez, quebrou seus ferros,
A mutua precisão bradou soccorro,
Conheceo-se o mortal, occulta força,
Irresistivel sympathia os laços
Do estado social com leis aperta:
Os entes racionaes as brenhas deixão,
Onde entre as feras, barbaros como ellas,
Surdos á voz da Natureza estavão.
  O indomado mortal disperso, inerte,
Nem do paterno imperio a lei, e o jugo
Sabia conhecer; quando dos peitos
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, amor findava,
Hia longe buscar pasto, e guarida;
Do lethargo a razão desperta, e brada,
A voz se lhe escutou, e a Lei se segue,
Debaixo da mesma Arvore s'ajunta,
Ou na mesma Caverna o Pai, e os filhos,
As mutuas precisões, e amor os une.
A industria natural se desenvolve,

De secas folhas, de quebrados troncos
Miseravel tugurio se levanta,
Das ferteis plantas espontaneo fructo
N'hum celleiro commum s'ajunta, e guarda.
Salve, primeiro braço, qu' intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra!
Obedeceo-te a Natureza, e vesto
A teu aceno formosura estranha,
A teu nobre suor agradecida
Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos, e seus dons, qu'os votos enchem
Dos já não feros próvidos Colonos.
Por degráos mais, e mais a industria cresce.
A sebe fecha os Campos defendidos
(Só das feras então; depois dos homens
Quando avareza vil, cobiça insana
Deu jus á propriedade, ou jus á força),
Das varias estações conhece a volta,
Já não rude cultor, segue co' a vista
O passo sempre igual da Natureza;
As plantas vè brotar, e ajuda as plantas,
E co' a cultura os fructos lhe amacia.
As novas precisões de novas luzes
Abrem o campo mais; talvez qu' os rudes
E brutos animaes dessem primeiro
De meiga habitação modelo aos homens.
Dos claros rios o Castor nas margens
Ergue, edifica rustica pousada,
E muda de lugar, mudando a quadra.
A doce agricultura foi primeiro
Emprego dos mortaes, seguio-se pronto
O mister de assentar commodos lares.
Grande, mas triste Sabio, embora clame

Aos Britanos magnanimos, que fôra
Só dos mortaes o primitivo estado
A guerra, a dura guerra, o roubo, a morte;
Onde tudo he commum foge a discordia,
De todos era a terra, e o fructo della;
Primeiras precisões o luxo ignorão.
Depois de quantos seculos no Mundo
Este monstro surgio! Depois de quantos
Desmedida ambição sem pejo o rosto
Alçou no Mundo attonito, e confuso!
Pequena sociedade em vasto campo
(Como em vastos sertões n'opposto Mundo)
Fez erguer, fez unir pequena Aldêa,
Inventa a precisão grosseiras artes,
O Acaso d'hum Volcão no extincto seio
(Em cuja bocca seculos cahissem
Para apagar de todo o vasto incendio)
Foi encontrar metaes, funesto encontro!
D'outro accêso Volcão roubando o fogo
Sobre alizada pedra o ferro estende;
Não foi a espada, não, foi lizo arado,
E agudos dentes da pesada grade,
Ou quando muito rigida bipenne,
A primeira invenção; rompeo-se a terra,
O louro trigo sazonado ondêa.
Pela encosta do monte roteado,
Onde o ledo cultor transplanta a vide,
S'enlação verdes pampanos ditosos.
Estas da idade d'ouro as Artes forão,
Nunca os humanos outras estudassem!
A Natureza então de seus thesouros
Ufana pompa fez, trasborda toda
Em bens com profusão, prazer sincero

As iguarias tem qu'a terra apronta
Nos saborosos fructos e nas plantas,
Sem que manche o mortal profana dextra
Dos animaes pacificos no sangue,
Soberbo luxo de soberbas mezas.
Não foi por certo do nascente Mundo
Outro o frugal sustento, e só com elle
Dias puros dos homens se volvião
Antes que irada Thetis s'arrojasse
Por cima das inhospitas montanhas,
E horrisonos chuveiros desatados
Ao mar, sem freio já, dobrassem furias.
Com ligeira cultura a terra dava
Seus espontaneos dons em copia ingente;
Corria a longa idade alheia aos males
Qu'ora o circulo seu tão breve tornão,
E vagarosamente as Parcas duras
Hião fiando seculos Tithonios,
Chamados immortaes na Idade d'ouro;
Agora apenas saciada a fome
Dos elementos co' o despojo, apressa
O fado, então tardio, e a morte chama.
  Mas rapida fugio do Mundo a scena
D'huma vida frugal, risonha, ingenua;
Não muro debil d'enlaçados troncos
Fecha tranquilla Aldèa; da montanha
Sobre sonoros eixos se acarretão
As niveladas pedras. Foi vaidade,
Não foi a lira d'Anfião, qu' os montes
Mandou chegar á fundação de Thebas.
Então genio inventor soberbas torres
Ergueo ao ar, e porticos sublimes.
A vil lisonja aos Déspotas da Terra,

Aos homicidas da igualdade, eleva
As immortaes Piramides, qu' affrontão
Inda do tempo estragador a força;
Pelas margens do Nilo onde transpondo
O leito natural o campo alaga,
E em constante periodo fecunda
A desejada messe, inuteis restos
O viandante attonito descobre
Dos troféos da vaidade, onde o tiranno
Poder de Monstros consumio thesouros,
E degolladas á ambição se vírão
Mil innocentes victimas oppressas
Sob hum jugo de ferro, a cujo aspecto
Vencida a humanidade inda se assusta.
Sobre as Azas dos Seculos, as Artes
Como hum rio caudal, qu' o peso aumenta
Quanto mais foge da materna fonte,
E se engrossa, se espraia, se entumece,
Ajudadas do Genio se apurárão,
E primeiro os Fenicios se atrevêrão
A debuxar aos olhos a palavra,
E com sinaes pasmosos a deixárão
Eterna em a memoria, eterna á vista.
Pelas sombras dos seculos não posso
Justas marcar-te as Epochas brilhantes
Da fatal invenção, que bens, e males
Alternativa pelo Mundo entorna.
Mas já se havião miseras choupanas
Transformado em dourados alizares,
Da terra Oriental Déspotas cento
Tinhão sobre oppressão fundado Imperios,
Cujo nome na Historia existe apenas,
E tanto, e tanto propagado havia

A humana geração! Das roxas portas
Onde nos surge o Sol, té onde o Nilo
Por septemplice foz no mar se perde,
O Viajante attonito descobre,
E mostra ao dedo as immortaes ruinas,
Que de tantas Metropolis existem.
O laço social rompe as barreiras,
Do genio audaz, e concentrado em sombras,
Vê quanta tentativa, ensaios quantos,
E estudo houve mister para que a industria
Chegar pudesse da Cabana humilde
Em progressões sem numero ás soberbas
Muralhas de Babel, de Tiro ao fasto,
E sumptuosas maquinas qu'assombrão
Incultas solidões do inculto Egipto!
Tanto a ligada força, e os braços podem!
Hum mal origem foi de bens tamanhos!
Monstros se chamão Reis, e usurpão tudo;
Nas mãos thesouros tem, tem premio e gloria;
Degradou-se o mortal, e o jus ignora
Qu'a Natureza igual reparte a todos,
(Sem dependencia vil) de nome e fama,
E só das mãos dos Déspotas a espera,
E a seus caprichos sacrifica o genio;
E desta escravidão nascêrão tantos
Monumentos das Artes, e prodigios
Do Genio Creador dado á Sciencia.
Semiramis empunha o Sceptro, e manda
Desenvolver o genio; eis nova fórma
Ou nova formosura a Terra adquire,
Aproximou-se o Ceo, contárão-se Astros,
Do indagador á vista a Natureza
Começou de amostrar o seio immenso;

Basta o terreno só qu' o Nilo alaga,
Nelle estudo o mortal na origem sua,
No seu progresso, e cumulo perfeito,
Agricultor, e rude, alli o encontro;
Ouvindo a voz da Natureza o vejo,
E nella estuda as Leis que s'encaminhão
A' dita universal; que o vicio punem,
Qu' a virtude, qu'o merito premeião,
Qu' o privado interesse ao bem do todo
Mandão sacrificar. Alli das Artes
Ao Templo augusto as bases se lançárão,
Alli forão subindo, alli de todo
No maior lustre os seculos as vírão,
Alli do fogo adorador o Persa,
O Astronomo Caldeo luzes bebêrão,
Dalli co' as armas de Sesostris forão
Alem do Tauro, e Gate á culta China.
Então se descobrio quanto podia
Vasta Imaginação. Thebas cem portas,
Qu' aguerridos Exercitos vomitão,
Ao ar ergueo, e pedestaes soberbos
Qu' até as nuvens solidos sustentão
Esfinges, Bustos, respirantes Bronzes;
Aqui foi mar hum lago, inda hoje existe
Espantoso recinto, o resto enorme,
No meio delle hum vasto Labirintho
N'outro tempo existio, onde s'erguião
Estatuas colossaes, que não dos homens,
Da Natureza só parecem obras.
A ferrea mão dos seculos vorazes
Não pôde inda, qu' injuria! a massa eterna
Desfazer das Piramides soberbas.
Jaz Memfis, Thebas, Templos, e Palacios,

Truncada Esfinge se nos mostra apenas;
Jaz sobre o culto Egipto agreste Egipto.
E do sabio antiquario a mão teimosa
Das incultas areias desenterra
Restos de antigos Porticos, hum delles
Vale, oh Roma immortal, tudo o qu'a furia
Do Godo assolador em ti deixára,
Montão d'estragos, Templos sobre Templos,
De teus Monstros, teus Reis vaidade, e luxo;
Voluveis grãos de torridas areias
De Amázis, Méris, Amenofis cobrem
Os aureos Paços, Aqueductos, tudo;
E as immortaes Piramides disputão
Ao Mundo a duração, fanaes eternos
Pelas sombras dos seculos brilhando.
No Egipto, o berço, a perfeição tiverão
As doctas Artes, as Sciencias todas,
Morrem as Artes, as Sciencias ficão.
Da gigantesca Architectura apenas
Se desenterrão miseraveis restos;
Sómente a Luz sem mancha intacta brilha
Da perennal Sciencia; alli se observa
Da Geometria o Templo, e nelle guarda
A chave d'ouro que abre a Natureza,
Nelle se guarda o divinal Compasso
Que mede o globo ao Sol, o curso aos Astros,
E sae das portas do soberbo Templo
Contempladora Lente, qu'examina
Do humano Corpo a fabrica pasmosa,
Util sciencia, que suspende á morte
O passo accelerado, e que dilata
Da fragil vida a têa quebradiça.
Chega onde póde a Luz do Entendimento;

Porém mais util derramar-se vejo
No portentoso Egipto illustre chamma,
Conheceo-se o mortal, leo da Justiça
A sempiterna Lei, qu'a voz do Eterno
Huma só vez aos Corações dictára,
Lei qu'as paixões, indomitos tirannos,
Em com grilhões de bronze enfrea, e prende;
Nos véos de augustos simbolos envolvem
A sublime moral, qu'o Ceo nos dicta,
Digna Sciencia só do estudo nosso,
Que aos Numes immortaes levanta os homens,
Qu'evidencia só tem, principio eterno.
 Quanto cabe de luz no peito humano,
Quando o clamor da Natureza escuta,
Os Egipcios pacificos tiverão.
Maldito o duro, barbaro Tiranno
Qu'os ferros lhe lançou! Dalli surgírão
As doctas gerações, que a Grecia docta
Abrilhantárão com saber profundo:
Pithagoras, Platão dalli trouxerão
Tudo o que honrára os Porticos d'Athenas,
De Epicuro os Jardins, de Estóa as Salas.
Bias, Solon, Ferecides, e Thales,
Bem como nós agora ao Mundo opposto
Vamos buscar as radiantes pedras,
E pallido metal, forão no Egipto
Beber a immortal luz, qu'a Grecia illustra,
Dalli doctos sinzeis trouxe Corintho,
Qu'aos eneos vasos os lavores derão,
Vasos, Estatuas, qu'o Guerreiro indocto
A cinzas reduzio. Zeuxis, Apelles
Dos quadros immortaes quadros tirárão,
Qu'a fera sanha de Alexandre poupa.

E tu das Musas magestoso Alumno,
Tu Pai, tu Creador de eternos versos,
Homero, foste aos Augures Egipcios,
Da Sapiencia o Templo te franqueião,
Delle extrahiste os inclitos Thesouros,
Que teu sonoro canto immortalizão;
Mas quanto, quanto a Grecia fabulosa
A herança opulentissima enriquece!
Das Sciencias aos terminos se lança
Profundo indagador, e o Grego sabe
Quanto he dado aos mortaes, na Grecia vejo
Do espirito humano os vastos horizontes:
Chega ao ponto onde o mais he cégo abismo,
Só se suspende lá. Cook atrevido
Assim do Clima Austral rompendo o seio,
Só pára, e torna atraz co'o lenho ovante
Quando d'eterno gelo, e sombra eterna
Barreira insuperavel se lhe antolha.
Dos Mundos ideaes a Esfera abrange
Platão, d'alma o sacrario ousado encára,
Chega dos Entes á fecunda origem,
Rasteja a essencia do Motor Supremo;
De par em par a Natureza toda
Abre ao grande Aristoteles as portas,
Porém passar dos Porticos não póde,
Que só foi dado a ti, Britano, ou Anjo,
E passo a passo o humano entendimento
Em seus occultos Labirinthos segue,
Conta dos Ceos brilhantes meteóros,
Volve, analiza os Elementos todos;
Dos rudes animaes no imperio gira,
Dá leis aos vates, leis aos Oradores,
Desenvolve a moral, fórma os Monarchas;

Por mais de vinte seculos occupa,
E já não vivo, da Sciencia o Throno.
O moto vario dos rotantes globos
Encontra Filolau, e o Sol no centro
Immobil deixa no Sistema nosso.
Zeno, Cleantes da virtude austera
Dão austeras lições : Socrates leva
Da Sapiencia ao Templo verdadeiro
Os homens pela mão; este o mais Sabio,
Este o mais justo dos Argivos todos.
E destes troncos magestosos ramos
Inda vejo brotar, qu'immortalizão
As já ruinas da fadada Athenas,
E no Pindo onde existe excelso Templo
Da Fama, e da Memoria, quantos nomes
Que durão entre nós esculpe a Grecia!
Da Natureza os émulos, Apelles,
Zeuxis, Leucipo, Fidias, e Timantes.
Alli preside n'hum dourado Throno
O magestoso Homero, alli parece
Qu'as grandes azas pelo ethereo espaço
Altisonante Pindaro sacode.
Não voão longe do sublime Vate
De Mitilene os inclitos alumnos,
Alcêo, a terna Safo, o amor das Musas,
Victima triste do menino Idalio.
Com fluctuantes roupas magestosas,
Com torvo aspecto na sanguinea dextra,
Com buido punhal, sombria, e triste
Levanta a voz de Euripides a Musa.
Festival Aristofanes, Menandro,
Rindo a verdade aos homens annuncião.
Luzes, trovões, relampagos, coriscos,

Inda desfecha da facunda bocca
Assustador Demosthenes, e corre
Em larga copia a mellica eloquencia,
Qu'o peito esfria aos pallidos Tirannos.
Tanta força a Cultura, o estudo pôde
Ao Grego Genio dar! Como em polido
Magico espelho reverbéra o lume
Mais claro, forte, activo, dissolvente,
Assim derrama a Grecia avassallada
No eterno Imperio da potente Roma
Mais clara luz, revérberos mais vivos,
E nas armas cedendo, em letras cede.
Se o Capitolio nos confins da terra
A's Aguias manda desfechar seus raios,
Tambem derrama da Sciencia as luzes;
Alli do Genio indagador estende
A esfera muito mais; rival da gloria
Do impetuoso Isseo, soberbo Tullio
Nas mãos de Themis encadeia os raios;
Contra a furia d'hum déspota sustenta
Da vacillante Patria a Liberdade,
Da Republica Pai. Salve mil vezes
Do maior Orador sagradas cinzas!
He teu mais santo emprego, he gloria tua
D'hum Tiranno abater o horrendo imperio!
Nos labios de Platão tinhão deposto
Seus doces favos Atticas Abelhas,
Mas de seus labios Cicero derrama
Mais doce nectar. Do medonho Nero
O generoso Mestre, o sabio, o forte
De Xenócrates, Zeno, e de Cleantes
Alumno, e vencedor, rival de Tullio,
Oh doce emprego das vigilias minhas,

Tudo o que sou te devo! E se a Fortuna
Avára para mim, risonho encáro,
Se co' o mesmo desdem seus bens, seus males
Posso afouto pisar, se a ardente arêa
Das Solidões da Libia, e o Tejo ameno
Indifferentes lares se me antolhão,
E igual habitação, dadiva he tua.
Os teus escritos immortaes me cercão
A mente d'alma luz, de bronze o peito.
Inda mais que Theofrasto, e mais qu' o Mestre
Do injusto vencedor da Persia, e Tiro,
O maior genio da Soberba Roma
Da Natureza descortina o seio.
As Artes são da Paz mimosas filhas;
Quando impera Trajano existe Plinio,
O mais nobre brazão de Roma he este;
Inda por entre as nuvens conglobadas
Qu' exhala do Vesuvio a horrenda bocca
A magestosa Sombra se me antolha,
Inda do grande Plinio a imagem vejo,
Traz sobraçado o inclito volume,
Co' a dextra aponta a torrida garganta,
Donde rompe ondeante labareda.
Eu fui, lhe ouço bradar, da Natureza
Incansavel Interprete, e Ministro,
E a victima tambem, e a seu Sacrario
Abri a estrada aos Seculos futuros.
Não me assombro de vêr em Roma tantos
Arcos, Templos, Piramides, Columnas,
Não prende a vista ao Sabio a pompa, o luxo,
Só pasmo a contemplar o ambito immenso
Da vasta esfera das Sciencias todas
Cultivadas alli, e alli perfeitas;

Os dons da Poesia, eternos louros
Em quantas frentes se honrão, s'ennobrecem!
Cégo Cantor do Acaso, Amor te céga!
E's sublime no abismo em que t'engolfas.
Já novo Cisne remontado vôa,
Enche Roma co'a voz, co'a fama o Mundo,
Té quando imita a Homero, a Homero vence.
O doce acorde da toante Lira
Sôa em todos os Seculos, e vive:
De-Libitina á Lei se esquiva Horacio.
Pintor da Natureza, oh terno Ovidio,
Rio caudal, fecundo, immenso, e claro,
Serás estudo meu em quanto os olhos
Não fechar ferreo somno em sombra eterna.
E tu, Cisne immortal, qu'excedes todos
Em cuja mente excelsa a Natureza
Todo o thesouro derramou das Musas,
Encobrem tuas magestosas nuvens
Hum luminoso Ceo, rasgão-se as sombras,
E mil astros, mil sóes subito brilhão.
A densa escuridão realça as luzes,
Os tristes sons da lugubre trombeta,
A magestosa dôr, a Morte, o Averno,
As Furias, os punhaes, Jocasta, Edipo,
Na Pira fraternal as discordantes
Chammas em sedição, de Jove os raios
Qu'abrazão o mortal, qu'ousa a combate
Os Numes provocar, aos Ceos te elevão,
Oh portentoso Estacio, e te merecem
A ti só de Poeta o nome, a gloria.
Taes são as progressões do Espirito, e Genio,
Grande no Egipto, e Grecia, em Roma he tudo.
Não só nas urnas do Motor Supremo.... ..)

Dos Imperios, dos Reis s'encerra o fado,
Não só braço escondido ás Monarquias
Da Gloria, e decadencia o ponto escreve;
Tambem ás forças do saber humano
Os progressos, a luz, o occaso assigna.
Morrem as Artes co'o poder de Roma,
Dos Successores de Pompeo, de Tullio
He froxo o braço, a mente entorpecida;
Do solitario Volga, eis vem surgindo
De Marte os raios, da ignorancia as sombras;
O mesmo braço, que mutila os Bustos,
E que abate as Piramides, sem medo
Chega a tocha cruel, reduz a cinzas
Do Pindo as producções, do Mundo os Mestres.
Céga a razão retrógrada caminha,
Quasi no berço a Natureza humana
Parece inda existir; tal sombra a opprime,
Sombra, que muitos seculos não rompem.
Porém qual vemos, que de pardas nuvens
Rompe o Sol mais brilhante, e aclara o dia,
E qual s'observa de abafado incendio
Romper mais forte, e viva a labareda,
Assim rompe dos carceres profundos
Da ignorancia a razão, e as nuvens rasga,
E os ferros quebra, e luminosa brilha;
Os immortaes revérberos, que lança,
Bem como offusca o Sol vulgares astros,
Da Grecia, e Roma o resplendor excede.
A hum Vate dado foi, sómente a hum Vate,
A Petrarcha immortal, do pó, das sombras
Tirar os restos dos Volumes doctos,
Sacrosantos depositos das Artes,
Hesperia vio no tumulo a Sciencia,

No berço Hesperia a vio surgir de novo.
Profundo Galileo, robusto Atlante,
Sustentas novos Ceos, mostras mais Astros,
Da Natureza nos abismos plantas
Luminoso Fanal : segue teus vôos
O docto filho da Celeste Urania,
Qu' á feroz Albion deu nome, e gloria.
Tudo rompeo n'hum ponto, a luz s'espalha
Na esfera das Sciencias, e das Artes,
De Egipcios, Gregos, e Romanos surgem
Os sublimes rivaes. D'Urbino o Genio
Vê dentro d'alma a Natureza inteira;
Em seus quadros a exprime inda mais nobre,
Sentio-se a Natureza, e a Morte invoca
Que ao rival innocente a vida estanque.
Lastimoso troféo, mas vive eterno
Entre os raios da Luz, qu' hum Nume esparge
No cume do Tabor, e hum Deos se mostra.
Praxiteles, Miron, Fidias renascem,
Das ruinas dos tumulos d'Athenas
Caladas sombras com ciume observão
Das mãos de Girardon sahir com vida
Os insensiveis marmores, os bronzes;
Tanto póde o Cinzel. Do manso armento
As finas lãas, e do pasmoso Insecto
A delicada sepultura, quantas
Pomposas vestes, fluctuantes roupas,
Dos Reis ornato, e da belleza, fórma
Incansavel industria! Os caracteres,
Brazão de engenho humano, eternas deixão
Inda a pezar dos seculos as vozes.
De polidos christaes em tubo escuro
Feliz disposição rasga as cortinas,

Em que por tantos seculos esteve
Envolta a Natureza. O immenso espaço
Se mostra cheio de rotantes globos,
E do mundo os confins mais se dilatão;
A despeito dos ventos, e das ondas
Afrontadas do peso, e da ousadia,
Correm cavadas faias, e rodeão
D'hum lado, e d'outro lado o mar, e o globo;
De immenso Continente as praias toca
Resoluto Colombo; Heróes, ou Tigres
Sobre armigeros lenhos esquipados
Vão cevar-se apoz elle em ouro, e sangue;
Deixão sem magoa ingenuos habitantes
Nas mãos do vencedor ricos thesouros;
Rubins accesos, pallidos Topasios
São pedras no Peru, na Europa Numes,
E aquelles sabios naturaes nos davão
Por hum só Alvião quantos esconde
Metaes o Potosi. Mas destes males
Maiores bens a Providencia tira,
Hum só laço prendeo dous Hemisferios,
E são communs os bens d'ambos os Mundos.
O Genio creador se desenvolve
Com maior progressão. A Esfera passa
Onde preside o Sol, e os Astros mede,
Da compassada marcha d'Universo
Observa a Lei, calcula o movimento,
E os pasmosos fenomenos penetra,
Qu'ostenta em vasto quadro a Natureza,
Vence Archimedes, Apollonio, Architas
Em calculos subtis; mostra a virtude,
Mostra o poder dos simplices, qu'applica
Ao Corpo enfermo a mão da Medicina,

E pelo fogo ardente as qualidades,
Os elementos decompõe dos Corpos;
E das humanas maquinas os orgãos
Complicados em si, nos conta, e mostra.
N'hum só raio de luz encontra as côres,
Do ar o peso, incognito segredo
No Licêo de Academo, e d'Estagira,
Mostra principio de milagres tantos,
Qu' a Natureza aos olhos amostrava
Guardando sempre a causa. Inda mais ousa
Descortinar o Genio; os Ceos transpondo
Contempla a immensidade, observa o Todo,
E no profundo deste abismo augusto
Profundo explorador seus olhos fita;
Mas sempiterna luz lhe offusca a vista,
Os vôos lhe reprime, as azas corta,
Conhece Eterno Autor qu' adora humilde;
Mas não penetra mais, caliginosas
Espessas trevas rodeando occultão
O Ente qu' he principio, he fim do Todo.
Este Genio inventor rompe os limites
Onde parára a docta antiguidade,
Mores trovões, e raios d'Eloquencia
Qu' Athenas escutou, que Roma ouvíra,
Do decimo Leão a idade escuta,
E do grande Luiz á voz e aceno
Surgem novos Demosthenes, e Tullios,
Surgem Virgilios, Pindaros, Horacios;
Tambem no Tejo a mão da Natureza,
No Tejo os fórma, só nelle os premeia:
Tu vês tambem no Seculo das Letras
Quanto escaldada fantasia excede
A de antigos mortaes, mores thesouros

As doctas Musas do Sacrario tirão
Disputando os laureis ao grande Homero.
Entre as sombras dos seculos só fica
Intacta a luz, intacta a magestade
Do portentoso Estacio; inda qu'avultem
Grandes Genios em Estro, a par d'antigos,
São quaes se observão ingremes montanhas
A par do Atlante, que nos Ceos s'esconde;
Livre imaginação, fecunda origem
Dos Entes ideaes, com força tira
Do tenebroso Nada augustos quadros,
Qu'em valentia, em colorido, em graças,
Da Grecia, e Lacio antigo a gloria excedem.
Mil vezes eu notei teus claros olhos
De cristallinas lagrimas turvados
Ao lêr d'Erminia triste o amor, os transes,
Vi derramar-se pallidez, e susto
(Cedendo seu lugar lirios e rosas)
Nas tuas faces trémulas ouvindo
De Olindo, e de Sofronia a magoa, o fado.
Pulsa d'outr'arte o coração no peito,
D'outr'arte se respira, ouvindo os écos
Qu'o Rei nos pintão das tartareas sombras
Alevantando o Corpo do sombrio
Pelago horrendo d'abrazado enxofre:
Qual bronca penedia, ou calvo monte
S'ergue do seio do profundo Oceano,
O Corpo treme, o pello se arripia
Se escuta o silvo á serpe desmedida,
Qu'afogueada mão por Sceptro empunha,
Se vê sahir da cavernosa bocca
Horrendos turbilhões de fumo, e fogo,
Quaes d'Hecla, ou do Vesuvio exhala o seio.

Maravilhoso quadro, e quanto excedes
Os do Vate Smirneo! Mas quanto póde
A creadora Fantasia, o Genio,
No grão Cisne do Tejo absorto admiro,
Segue co' a vista os lenhos atrevidos
Que vão d'Aurora devassar o Imperio;
Ferventes mares, soltas tempestades,
Mais do que he dado á humana valentia,
Já tem vencido; a meta se descobre
Qu' a nosso esforço oppunha a Natureza,
O ar se turva, e fecha, e foge o dia
Sobre as azas da noite horrenda, e feia,
Recresce o vento, as nuvens se amontoão,
Rasga-se o mar bramindo, em flor rebenta,
Só deixão vêr os subitos relampagos
A triste escuridão, quebradas nuvens
Mostrão no seio hum pallido fantasma,
Tem firme os pés no fundo do Oceano,
E alça no Imperio dos trovões a frente,
Cae-lhe na espadua a grenha emmaranhada
Como os bosques no Caucaso, ou no Tauro;
De aterrador Cometa a luz medonha
Dos encovados olhos lhe resurte;
Da hirsuta barba as ondas empeçadas
Lhe cahem no peito; e levantando fero
O dextro braço, do vedado Oriente
As chaves eternaes mostra suspensas,
O denodado Gama as mãos triunfantes
A's chaves lança, o monstro em fim vencido
Abaixa o braço, que lho manda o Fado,
O mar quedo ficou, e o Gama a prôa
Poz no acceso Oriente, as portas abre,
Dá thesouros ao Mundo, a Lisia Imperios.

Brame vencido o monstro, inutil guarda
Do já sulcado mar; co' a mente accesa
Dos futuros arcanos do Destino
Expõe tristes desastres, qu' inda esperão
Os Heróes immortaes, qu' as Lusas Quinas
Nas margens hão de erguer do Hidaspe, e Ganges.
Porém debalde exclama, as Náos triunfantes
Engolfadas no mar, já tocão perto
Praias não vistas das Romanas Aguias.
Ultimo esforço, derradeiro excesso
Da humana fantasia inda de todo
Tocar não póde extremos horizontes;
Proxima ao termo vae, quando alto canto
Do Britanico Homero aos astros vôa;
Quando do fundo pelago abrazado
Fez sair Satanaz, e os gonzos quebra
Da grão porta do abismo, e opposto aos monstros
Que o medonho vestibulo guardavão,
Das sombras infernaes, já livre, os vôos
Solta por entre as orbitas dos globos
E junto ao Sol passando, o Sol enluta.
Mas da etherea porção, qu' anima, e rege
A muito fragil maquina, bastante
Hoje escutado tens; comigo agora
A novo, e cégo abismo alonga os olhos.
Coração do mortal, pesadas sombras,
E triplicados véos te envolvem sempre;
Tu, das paixões indomitas alcaçar,
E theatro da guerra, e da discordia,
Tumultuoso mar, qu' apenas gozas
De momentanea calma, os furiosos
Assopros das paixões teu centro agitão,
Encapelladas ondas se levantão,

Roucos bramidos dos Tufões rebramão.
Rompe do coração, medonho, e fero
O descórado crime, em vão punido,
Qual septifrente monstro, que renasce
Inda qu'o duro ferro embeba Alcides
Nas lividas gargantas; céga audacia
Destemida, e cruel, insulta, e piza
O pudor innocente, qu'outras armas
Não veste mais que lagrimas, e gritos.
O cubiçoso usurpador devora
A substancia do misero pupillo,
Nem s'enternece o sordido avarento
Da triste viuvez envolta em lutos.
Refalsado mortal o estoque embebe
No seio incauto de inimigo inerme.
A sombria calumnia envolta em nuvens,
Seus venenosos toxicos vomita,
Urde negras traições, falsa amizade.
Dissimulado artifice d'enganos,
Nas Côrtes tão communs, sobre ruinas
Levanta o busto da fortuna propria,
Da triste humanidade ultraje eterno.
Quantas vezes revolve o terreo globo
Nunca farta ambição! Palmas e louros
Já pesavão na frente a Cesar, tinha
Co'a fama de seu nome, e seus estragos,
Qual raio universal, enchido o Mundo,
Tinha a França em grilhões, a Hespanha em susto:
E aos Britanos do Mundo divididos
Tentou impôr grilhões Soou no Eufrates
O espantoso trovão do Calpe ao Nilo,
Temido era seu nome, estreito julga
Tão dilatado Imperio, se as cadeias

De humilde escravidão não lança a Roma,
No generoso seio o ferro encrava
Da Patria infelicissima, já corre
O sangue de Pompeo. Utica encerra
As cinzas de Catão, nas mesmas cinzas
Fica de todo a liberdade envolta,
Tanto a céga ambição d'hum Monstro póde!
Elle mesmo cahio, banhou co'o sangue
Os ferros que lançou nas mãos de Roma.
Se o mortal das paixões domasse a força
Ditoso, livre, socegado, e puro
Pelas sombras do tumulo entraria.
Oh triste sociedade, oh lei sem força,
A ambição te supplanta, e della nasce
A dura alluvião dos males todos,
Que pesa sobre nós! Porém suspendo
As austeras lições; debalde intento
A's fogosas paixões pôr jugo, e freio,
Amotinado imperio! A' Patria, ao Mundo,
Bem reguladas, vantajosas forão!
Tal de peçonha de reptis impuros
Sabe tirar a mão da Medicina
Remedios com que escora a fragil vida.
Extinctas as paixões, profundo sono
Dos membros sociaes eis se apodéra;
Em vapores lethargicos se enerva
Força, virtude, industria, actividade;
Tal ondeante labareda sobe
Em quanto na materia o fogo prende,
E se acaba a materia, o fogo expira.
Sabio dominio das paixões ministra
Calor ao coração, luzes á mente.
Por fixo, immobil pólo então se julga

O bem da Sociedade, o bem da Patria;
Contra os Tirannos vís a gloria leva
Denodado Guerreiro, e d'ouro o preço
Faz afrontar os ventos, e as borrascas;
Une com laço estreito o Hidaspe, o Tejo,
Das riquezas o amor; e o moderado
Desejo de saber levanta o Sabio;
Amor da fama os Vates esporêa
Por ingremes atalhos, que conduzem
Ao mais alto do Pindo. E quanto estudo,
Oh versos, me custais! Comvosco o dia
Me encontra quando nasce, e quando morre;
E roubo á noite ás horas do repouso,
Apraz-me a solidão, julgo-me estranho
Do Mundo habitador. Comvosco vivo,
Fôra imperfeita morte esta existencia,
Se eu vivêra sem vós, sepulcro fôra.
Quem me anima, e transporta? hum nome, hum brado
Que sôa sobre o tumulo, que a cinza
Dentro da cova lugubre não ouve.
Assim póde a razão fazer d'huns monstros
Origens da abundancia, e da ventura,
A sua voz de longe á gloria chama,
Ao suave clamor sae do lethargo
A Alma excitada, e vivo sentimento
Lhe dá força e calor; he sombra, he morte
A frigida inacção; deixa o repouso
E denodado emprende. Este almo fogo
He das paixões a dadiva prestante,
Mas cumpre qu'a razão lhe ponha hum freio,
Que os atrevidos impetos modere;
A sua embriaguez amortecida
Nos traz então mais bens. Tal o ginete

Inquieto, indomavel, buliçoso,
Subjugado do freio então se torna
Mais util aos mortaes. Quando conservão
As fervidas paixões justo equilibrio,
A Alma tranquilla, socegada, goza
Da liberdade, e paz. Existe hum ponto,
Hum termo fixo na moral esfera;
Se acaso transgredio, sobre si mesmo
O infeliz coração desfecha raios;
Se a meta não transpõe vive ditoso,
Entre extremos iguaes móra a virtude.
Tal sobre o Coração seu jus conservão
Nossas mesmas paixões; eia busquemos
Seu fogo reprimir, seremos livres,
Volver-se-hão para nós serenos dias,
O Mundo terá paz, sabor a vida.
Se dest' arte o Mortal não doma a força
Das turbidas paixões, nunca ao supremo
Nobre gráo da ventura se aproxima.
Sómente na virtude existe, e móra
A verdadeira paz, e na virtude
Consiste, e vive o merito, a nobreza,
São labéos os brazões s'ella os não fórma.
A voz da consciencia, a voz do Eterno
Escutada, e seguida, eis a virtude
No estado social mil bens derrama,
S'ella envolta na purpura subisse
Ao Solio huma só vez, ditosos Povos!
Nunca deste espectaculo gozárão
Os miseros mortaes; quando no Throno
Triste Roma hum só vio, ao Mundo inteiro
Dictava o crime as leis, lançava os ferros;
Se teve dias d'ouro, os dias forão

Em que Fabricio, Cincinnato, e Curio
O Timão da Republica sustinhão,
E passavão da purpura á charrua!
Ditoso o Cidadão docil aos brados
Que a virtude lhe dá! Vive sem crimes,
Com pouco se contenta, e seus desejos
Aos decretos do Ceo contente ajusta,
Sua alma fera e nobre o trato ignora
Com qu'o vil lisonjeiro o Grande incensa,
Em hum Nume o transforma, e não se lembra
Que homens nascem iguaes, e iguaes expirão;
Nelle a ventura e paz junta ao repouso
Só se póde encontrar. Feita em pedaços
Se precipite a Maquina do Mundo,
Não treme, não se assusta, inaccessivel
Aos duros golpes da Fortuna existe,
Mas fica immobil na raiz firmado,
A virtude o sustem; carvalho altivo
Das soltas tempestades açoutado,
D'hum lado, e d'outro lado inclina a frente,
Mas nunca desarraiga o tronco annoso;
Sobre as ruinas das paixões vencidas
Os mais nobres troféos ergue á virtude.
O zelo da virtude arde em seu peito,
Da sociedade a gloria he gloria sua.
Neste feliz mortal vejo dos homens
O Pai, o amigo bemfazejo, e justo,
Por todos os estados se derrama
De beneficios a torrente immensa
Que sae das suas mãos, o laço aperta
Da humana Sociedade, e salva o pobre
Da vil calumnia d'oppressor soberbo,
Extingue n'outros da vingança a sede,

Dos mortaes he brazão, e apoio, e gloria,
E contempla no misero indigente
Hum semelhante seu, que a má Fortuna
Só lhe fez desigual. Quando a Piedade
O obriga a consolar o afflicto, o triste,
Contempla seus Irmãos nos desgraçados;
O premio que procura, e que deseja
He só doce prazer, que gostão poucos,
De haver feito hum feliz. Quando derrama
Seus thesouros, seus dons, de si s'esconde,
Seus dons segredos são sempre ignorados,
Embora faça ingratos, e perversos
Seu generoso coração não cansa,
Ama os injustos, ama os inimigos
Qu' á sombra da calumnia, e da mentira
Lhe maquinão traições á fama, á vida.
No Coração do Sabio só virtude
Merece adorações, conserva altares.
Mas do vicio opprimida, escrava a Terra,
Não nos mostra até agora imagens destas,
Vio hum esboço em Socrates Athenas.
Entre o malvado, horrisono estampido
Da guerra, hum só Themistocles se amolda
A' que fugio da Terra alma Justiça.
A Patria da virtude, Sparta austera,
Agesiláo, Epaminondas mostra.
E tu, soberba Roma, apenas viste
Entre immortaes Democratas, os poucos
Qu' a pasmosa Republica illustrárão.
Regulo vejo prodigo da vida;
O inflexivel Catão, e a Lellio ingenuo;
Marcello igual na Patria, e no desterro,
E o derradeiro dos Romanos todos,

Em qu' Eloquencia, e Roma se acabárão,
E cuja sombra os Seculos admirão
Entre o Senado de Albion triunfante.
A posse da ventura os homens todos,
Ou falsa, ou verdadeira, anhelão sempre,
Dos projectos mortaes o escopo he este,
He sempre em nós estimulo potente
Que nos faz afrontar trabalho, e morte;
Mas este objecto dos desejos nossos
Acaso he fantasia, acaso he sombra?
Dos prazeres na posse acaso existe?
Ou na victoria das paixões s'encontra,
Qual Zeno o quiz, ou rigido Cleantes?
Na privação do mal ventura existe,
Porém do mal moral, quem vive isento?
Ou nasça da corrupta Natureza,
Ou só da humana sociedade venha:
Nem bons, nem máos os homens se me antólhão
Antes que voz fatal de antigos bosques
A' sociedade misera os chamasse.
Talvez seja hum delirio, ou seja hum erro
Esta qu' eu só paradoxal abraço
Estranha opinião, e hum parto seja
De huma tristeza atroz, pesada nuvem
Que sempre, sempre o Coração me abafa.
Não fórma a essencia da ventura hum nome
Esculpido no Templo da Memoria
Pelas mãos da lisonja, ou da vaidade:
Não o fórma o prazer, o fasto, a pompa,
Soberbo jugo, rispidas cadeias,
Fantasma aereo da ventura apenas!
E sem calor são fósforos brilhantes
Qu' apenas vastos precipicios mostrão,

Onde incauto mortal s'abisma, e perde.
Vós, Arbitros da Paz, raios da guerra,
Valentes Scipiões, sereis aquelles
Mimosos filhos da Ventura amiga?
Vossos desejos a Ventura cumpre;
Sois idolos de Roma, ella tributa
Templos a vosso nome, altar, e culto;
A victoria, o prazer, estas as Parcas
Que tecem vossa vida; mas debaixo
Desse louro, qu'a frente vos enrama,
A lugubre tristeza, o tedio existem,
Em vosso seio turbido, agitado,
Dos remorsos a Vibora s'enrosca.
Tantas Nações, que gemem, tantos Povos,
Qu' apoz o vosso carro arrastrão ferros,
O vosso coração d'afronta os vinga,
De receios sem numero ralado.
A subita mudança, o vario aspecto
Da caprichosa lubrica Fortuna
Vos faz cahir do cumulo da gloria,
O baque estrepitoso espanta o Mundo.
Vive Mario escondido entre as ruinas,
E seus proprios troféos, d'alta Cartago.
Se insolente abandona o gráo supremo,
Sylla comsigo leva os vicios todos;
Algoz no coração, n'alma tiranno,
Inda degolla co' a vontade a Roma;
Volteão-lhe ante os olhos Sombras tristes
Das miseraveis victimas da Morte,
Seu ferro as degollou, e inda o não deixão,
E vão turbar-lhe a paz n'ocio, e retiro.
Cesar co' o proprio sangue a estatua inunda
Do vencido Pompeo. De Cáprea veio

Longa, verbosa epistola, Sejano
He deploravel victima da plebe,
Que já lhe insulta o pallido cadaver;
Não he ditoso o Potentado, o Grande,
Sejano o diz, qu'ao Throno se aproxima;
Turba de escravos o rodêa, e segue,
Aduladores vís lhe chamão Nume;
Contínuo Abutre deshumano, e fero,
Lhe despedaça o coração no peito;
Doce sono dos olhos lhe deserta;
Honra, gloria, prazer, tudo he veneno.
Não mora, e vive a solida ventura,
A' sombra d'altos Porticos soberbos,
Nem debaixo de Cupulas douradas
Que mil sustentão Doricas Pilastras,
Cujo alicerce em lagrimas se funda
Da triste viuvez, triste orfandade,
Não vive entre as conquistas da Avareza.
De infausto Usurpador morão no seio
A injustiça cruel, e a sede d'ouro,
E sanguinosas furias, e remorsos;
Ao silvo horrendo das malignas serpes
Foge espantada a paz, foge o repouso;
Nos soberbos do Mundo, e delle os Numes,
Eu só descubro illustres desgraçados:
He lisonjeira superfice, e dentro
Os devora a tristeza, os segue o luto.
  Acaso deste bem, que he dos humanos
O iman qu'os attrae, sempre distantes
Na vida social viver devemos?
Nem ao menos a imagem da ventura
Nos foi dado gozar? He só ditoso
Entre os males fataes, que a todos cercão,

Quem bem sabe esconder-se, e ser obscuro,
A quem nenhuma culpa, e nenhum crime
Torna pallido o rosto, o peito ancioso;
Que na virtude, da virtude o premio
Só procura encontrar, que só se julga
Nascido Cidadão do Mundo inteiro,
Que derrama no seio do indigente
O sustento, a riqueza, a paz, a vida;
A quem da interna consciencia hum brado
As acções, a conducta, a vida approva,
Qu'a fria morte divida contempla
Qu'he preciso pagar á Natureza.
O sabio he só ditoso quando emprega
O porfiado estudo em bem da Patria,
Só estas almas virtuosas achão
A imagem da ventura, almo thesouro
De poucos conhecido, a poucos dado;
S'esta imagem nos foge, os nossos votos,
Transpondo sempre os terminos prescriptos,
Nos roubão este bem; cégos, confusos,
De projecto em projecto nos lançamos
Sem nos fixar jámais. Nada tem força
Qu'estanque a sede, qu'as entranhas torra,
Hum desejo cumprido excita os outros.
Não póde a paz seus nectares suaves
Sobre nós derramar, sem que se aplainem
Entumecidas vagas dos desejos,
Quem se basta a si mesmo, quem só póde
Co'a propria condição viver contente,
He este o novo Socrates, que goza
Do sincero prazer qu'o Mundo ignora,
Invencivel constancia, que não podem
Abalar as desgraças, e os caprichos.

São estes os bens solidos, só dignos
Dos nossos votos, das fadigas nossas,
Este o louro sublime que corôa
Sabio contemplador da Natureza.
Hoje findou meu Canto, hoje qu' ao Tejo
Da victoria o clamor, da morte o brado
Chegou, e inda fumando as salsas ondas
Vejo d'estragos naufragos cobertas;
Nunca o Padre Oceano a mór triunfo
A espadoa submetteo, nem tinha o Mundo
Louros, Nelson, qu' os feitos te igualassem;
Chamou-te a Eternidade, aos Astros foste,
Victoria a vida foi, victoria a morte.

FIM.